



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

JESSICA MARIA PASTANA MOREIRA

***“BEATRIZ ERA MAIS FÊMEA QUE MULHER”*: FEMINILIDADE E
MASCULINIDADE PELA IMPRENSA DE BELÉM (1940)**

Belém
2022

JESSICA MARIA PASTANA MOREIRA

***“BEATRIZ ERA MAIS FÊMEA QUE MULHER”*: FEMINILIDADE E
MASCULINIDADE PELA IMPRENSA DE BELÉM (1940)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Cristina Donza Cancela.

Belém

2022

JESSICA MARIA PASTANA MOREIRA

“BEATRIZ ERA MAIS FÊMEA QUE MULHER”: FEMINILIDADE E
MASCULINIDADE PELA IMPRENSA DE BELÉM (1940)

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

Orientadora Prof.^a Dr.^a. Cristina Donza Cancela.

DATA DE APROVAÇÃO: ____/____/____.

CONCEITO: _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Cristina Donza Cancela
PPHIST/UFPA- Orientadora

Prof.^a Dr.^a. Franciane Gama Lacerda
PPHIST-UFPA

Prof.^a Dr.^a. Marília Cunha Imbiriba dos Santos
FIBRA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

P291b Pastana Moreira, Jessica Maria.
"BEATRIZ ERA MAIS FÊMEA QUE MULHER" :
feminilidade e masculinidade pela imprensa de Belém (1940) /
Jessica Maria Pastana Moreira. — 2022.
129 f. : il.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Cristina Donza Cancela

1. História, Gênero, Imprensa. I. Título.

CDD 155.633098115

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conceder condições físicas e emocionais para que este trabalho fosse concluído. As minhas fontes de fé, Nossa Senhora de Nazaré e a São Jorge guerreiro. A toda força proveniente de minha ancestralidade, pois nada seria de uma filha, sem os senhores de seu orí, adupè!

Agradeço e dedico este trabalho às mulheres que são os amores e maiores inspirações da minha vida, as matriarcas e avós mais maravilhosas, Vicência e Nazaré, a melhor madrinha que eu poderia ter e também meu grande amor, Leopoldina, a mãe mais forte e companheira do mundo, Darlene, e a minha irmã Aline que tem meu amor e admiração.

À amiga Renata Machado, em quem sempre encontrei apoio diante das aflições acadêmicas e da vida. Obrigada pela cumplicidade e lealdade que fizeram de nossa amizade mais forte e única, obrigada a amiga que tanto torce por mim e demonstra a mais sincera felicidade quando o momento é de conquista.

Às duas grandes e valiosas amigas que se fortaleceram simultaneamente ao processo desta pesquisa, Alana Albuquerque e Diego Silva, meus companheiros e confidentes nos momentos e circunstâncias mais complexos. À Alana, meu carinho e admiração pela mulher, amiga e companheira de pesquisa que és. Obrigada por todo o tempo durante as aulas, coletas de fontes e conversas fora da academia, em que pude aprender tanto contigo, sou grande fã da historiadora que você é.

Ao amigo que sempre esteve disposto a me ouvir e apoiar, alguém que mesmo dividindo as incertezas da pós-graduação, sempre teve uma perspectiva otimista e paciente em escutar meus áudios repetidas vezes. A você, Diego, minha admiração pela tua obstinação em concluir da melhor maneira possível, tudo o que se propõem a fazer, você foi uma referência e talvez nem saiba. E claro, meu carinho e gratidão por essa amizade que pretendo levar pra vida.

Obrigada a minha orientadora, Dra. Cristina Donza Cancela por ter acreditado nesta pesquisa, pelas valiosas orientações, pelas críticas e pela melhor das sugestões no início da pesquisa “*já pensou em fazer como o roteiro de uma novela?*”, o que também me fez pensar, porque não um livro?

Aos professores participantes da banca de qualificação Franciane Lacerda e Túlio Chaves pelo tempo e colaboração. Em especial agradeço à professora Franciane que, da

maneira mais sutil e generosa colocou suas críticas e sugestões, para a continuidade da pesquisa.

E em especial e extremamente emocionada agradeço ao meu amor e melhor amigo, Felipe Pires. Certamente, eu não poderia ter companheiro melhor durante a produção deste trabalho e na vida. Sou profundamente grata àqueles que nos regem por terem promovido esse nosso encontro de almas, de vidas. Obrigada, meu amor por ter sido meu pilar nos piores momentos, e não me deixar desistir da pesquisa. Não foram poucas vezes, a gente sabe, só a gente sabe. Obrigada por acreditar e admirar meu trabalho, mesmo e principalmente quando eu já não via razões para dar continuidade. Foi ouvindo você dizer o quanto se orgulha de mim, que muitas vezes consegui forças para não parar. Te amo infinitamente na tua bondade, generosidade e companheirismo, e saiba que só foi possível, porque pude viver e dividir tudo com você, por isso lhe dedico o êxito dessa pesquisa. E essa é uma grande conquista pra nós dois, e ainda é só uma das muitas que iremos conseguir, pois como você me disse: *“temos tanta coisa pra viver, que uma vida não vai ser o suficiente”*. E assim seja, meu amado!

RESUMO

Neste trabalho procuramos analisar os discursos sobre feminilidade e masculinidade, a partir das matérias dos jornais de Belém e outras capitais, que noticiavam e atualizavam diariamente seus leitores com informações sobre os crimes, prisão e morte da mulher chamada Beatriz da Conceição, no decorrer da década de 1940. A sociedade da época definiu espaços e comportamentos para mulheres e homens, a partir dos quais podiam estar na linha da ordem ou da desordem de acordo com valores e condutas. Assim, usando de mecanismos de controle, como diretrizes médicas e jurídicas, no intuito de manter a vigilância sobre os sujeitos e seus corpos, os discursos sobre os padrões de feminino e masculino era cotidianamente difundidos por meio dos jornais. De tamanha importância era que seguissem as normativas impostas, que os jornais de grande ou pequena tiragem: Folha Vespertina, Folha do Norte, O Estado do Pará, A Província do Pará, A Vanguarda e O Liberal, ao noticiarem as diligências sobre Beatriz, carregavam em suas narrativas, perspectivas parciais, juízos de valor em torno do que era permitido ou condenável à mulheres e homens. E nessa dinâmica discursiva sobre os padrões nos âmbitos público e privado - mulher de recato, mãe, prostituta, homem trabalhador, assassino, entre outros - a complexidade dos sujeitos nos possibilitou compreender as múltiplas feminilidades e masculinidades, considerando os marcadores sociais dos indivíduos, percorrendo ainda questões concernentes à sexualidade, crimes, honra, moral e violência.

Palavras-chave: Feminilidades. Masculinidades. Discursos.

ABSTRACT

In this work we will try to analyze the speeches about femininity and masculinity, using the articles from the newspapers from Belém and other capitals, which reported and updated their constituents daily with information about the crimes, imprisonment and death of a woman named Beatriz da Conceição, during 1940s. The society of the time defined spaces and behaviors for women and men, from which they could be in the order or disorder line, according to values and conducts. So, using control mechanisms - medical and legal guidelines - in order to keep an eye on the subjects and their bodies, the speeches about feminine and masculine standards were daily disseminated through the newspapers. It was so important to follow the imposed rules that the newspapers of large or small circulation - Folha Vespertina, Folha do Norte, O Estado do Pará, A Província do Pará, A Vanguarda, and O Liberal - when reporting the proceedings about Beatriz, brought in their narratives partial perspectives, value judgments about what was allowed or condemnable to women and men. And in this discursive dynamics about the standards in the public and private areas - woman of modesty, mother, prostitute, working man, murderer, and others - the complexity of the subjects allowed us to understand the multiple femininities and masculinities, considering the social markers of the individuals, also going through issues related to sexuality, crimes, honor, morality and violence.

Keywords: Femininities. Masculinities. Discourses (speeches)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	A CIDADE DE BELÉM: ESPAÇOS E SUJEITOS, UMA PERSPECTIVA ENTRE CENSOS E IMPRENSA.....	11
2.1	Lugares possíveis às mulheres de Belém na década de 1940.....	11
2.2	A Imprensa de Belém: entre dois crimes famosos, os discursos normativos.....	23
3	À CASA DE NÚMERO SEIS: AMORES, CRIMES E PRISÃO.....	29
3.1	“O latrocínio da Praça da República”: a imprensa de Belém fez dos envolvidos, protagonistas em suas páginas.....	29
3.2	Femininos e masculinos ressignificados pelas imagens de Izabel, Beatriz e Lucier.....	36
3.3	O alcance além da imprensa local.....	64
4	“FATAL EPÍLOGO DE UMA VIDA AVENTUREIRA E TRÁGICA”: SEGUEM OS DISCURSOS OPINATIVOS DA IMPRESA, APÓS A MORTE DE BEATRIZ.....	82
4.1	“Beatriz era mais fêmea que mulher”: uma possível relação escandaliza mais do que um crime contra a mulher.....	84
4.2	Miguel, Beatriz e Dolores: feminilidades lascívias e masculinidades desonradas.....	101
4.3	“Sensação no Tribunal no Juri”: vítima de assassinato x vítima de violenta paixão.....	112
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
	REFERÊNCIAS.....	123
	APENDICE A – LISTA DE FONTES.....	111
	ANEXO A – DOSSIÊ DOS ACONTECIMENTOS DE 1942 E OUTRAS MATÉRIAS RELACIONADAS.....	112
	ANEXO B – DOSSIÊ DOS ACONTECIMENTOS DE 1947.....	123
	ANEXO C – DOCUMENTOS OFICIAIS.....	128

1 INTRODUÇÃO

“Escutar os mortos com os olhos”¹, inicio a apresentação deste trabalho com a assertiva mencionada por CHARTIER (2014), tendo em vista que para alcançar os discursos de feminilidade e masculinidade, nos deparamos com a história de nossa personagem central, Beatriz Colares. E a partir do que as fontes nos permitiram buscar e percorrer, foi notório perceber sua multiplicidade e suas experiências, entre escolhas e negociações, sua história tornou-se memória importante para a perspectiva sobre o contexto em que viveu. Portanto, “assim como o esquecimento é a condição da memória, o apagar é a condição do escrever”², propõem-se para este estudo, uma análise dos discursos dominantes a respeito de feminino e masculino, através da imprensa de Belém.

Por conseguinte, destaco que esta pesquisa representa uma extensão do trabalho iniciado na graduação. A princípio, o estudo que se encerraria no trabalho de conclusão de curso, tinha como objetivo a análise da multiplicidade do sujeito, a partir da história de Beatriz da Conceição, tendo como fonte principal, o processo crime sobre seu assassinato. Não obstante, o processo de busca por fontes prosseguiu e permitiu que periódicos, com notícias sobre Beatriz, de Belém e de outras cidades fossem encontrados, além desses, folhetos de cordel e registro de nascimento também compõem o trabalho atual. E, a partir das matérias, informações apresentadas pelos jornais, foi possível ampliar a análise aos demais indivíduos envolvidos na trama, assim, inquirindo os discursos acerca de feminilidades e masculinidades, publicados pela imprensa de Belém nos anos de 1940.

Desenvolve-se ao longo da pesquisa uma discussão sobre os padrões de ordem e de desordem atribuídos à mulheres e homens, padrões que exigiam de seus comportamentos, relações tanto quanto de seus corpos. Assim, no corpo documental, entre as fontes principais estão jornais de Belém e de capitais de São Paulo, Rio de Janeiro e Florianópolis, respectivamente: Folha Vespertina, O Estado do Pará, A Vanguarda, A Província do Pará, Folha do Norte e O Liberal. Além destas fontes, folhetos de cordel, processos criminais, registros de casamento, registros de nascimento também foram levantadas.

A análise das matérias dos periódicos é dividida em dois momentos, mas a estrutura do trabalho se dá em três capítulos: O primeiro capítulo “*A cidade de Belém: espaços e sujeitos, uma perspectiva entre censo e imprensa*”, trata da cidade de Belém (1940), as

¹ CHARTIER, Roger. A mão do autor e a mente do editor. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 51

² CHARTIER, Roger. A mão do autor e a mente do editor. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 37

conjunturas políticas no âmbito nacional, o espaço urbano, a população, os sujeitos, a imprensa que propagava os discursos de feminilidade e masculinidade. Além disso, autores como Sidney Chalhoub, Margareth Rago, Cristina Cancela, Franciane Lacerda e Ipojuacan Campos serão essenciais na leitura sobre Belém, a atuação dos sujeitos e os valores morais agregados do cenário nacional. Ao passo em que autores como Tânia Regina de Luca e Carla Bassanezi Pinsky compõem a base teórica para a análise da imprensa, posto que “os jornais diários profissionalizaram-se, sem perder o caráter opinativo e de intervenção na vida pública” (LUCA, 2018, p. 131).³

O segundo capítulo, “*À casa de número seis: amores, crimes e prisão*”, datado do início da década de 1940 trata dos discursos feitos nas reportagens a partir de um crime de latrocínio, envolvendo três pessoas que supostamente estariam em um triângulo amoroso, Izabel Tejada, Raimundo Lucier e Beatriz Colares. Em novembro de 1942, Raimundo teria estrangulado e roubado as joias de Izabel, com a ajuda de Beatriz. Preso o casal e condenado, foram encaminhados ao Presídio São José. Após descoberta a autoria do crime, notícias eram publicadas diariamente, a partir dos quais, tornou-se possível analisar questões como casamento, desquite, prostituição, crime. Os jornais muito disseram sobre como eram concebidas as imagens dos sujeitos associados às normativas impostas ou aqueles que divergiam dos parâmetros. Tendo como base teórica, entre outros Maria Izilda Matos, Boris Fausto e Richard Miskolci.

O terceiro capítulo “*Fatal epílogo de uma vida aventureira e trágica*”: *seguem os discursos opinativos da imprensa, após a morte de Beatriz*, traz uma análise dos discursos da imprensa com base na continuidade da história. Com a prisão de Beatriz, ela iria conhecer na cadeia o administrador Miguel Corrêa e a moça chamada Maria Dolores, que muito o incomodava. E em março de 1947, após retornar de uma visita à seu pai, na companhia de Dolores, Beatriz se deparava com Miguel, com quem teria trocado poucas palavras, sendo em seguida atingida por três tiros, ela a havia matado. Logo, as notícias tomavam conta dos jornais e a partir desse momento da narrativa, é possível discutir com base nas notícias, relações de poder, relações extraconjugais, homossexualidade. E, como aporte teórico-metodológico Mary del Priore, Carla Bassanezi e Maria Izilda Matos.

Entrementes, é imprescindível ressaltar que mesmo diante de um forte aparato, político, médico e jurídico, que trabalhava diariamente para estabelecer padrões e manter a ordem, a honra e a moral, as condutas assumidas por Beatriz não se reduziram a imposições

³ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Fontes Históricas/ Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). - 3. Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

sociais. Nesse sentido, pretende-se discorrer acerca das posturas tomadas por ela, estas que iam de encontro ao que era instruído às mulheres como condizente a sua condição na sociedade. Considerando ainda que em meio ao cenário da década de 1940, contra os arquétipos vigentes de uma mulher de recato e homem trabalhador, Beatriz sustentava envolvimento amoroso concomitantes, sendo um agravante social, um de seus casos amorosos supostamente ser mantido com outra mulher. Estando dessa forma, sujeita a punições sociais, tal como a que tirou a sua vida.

2 A CIDADE DE BELÉM: ESPAÇOS E SUJEITOS, UMA PERSPECTIVA ENTRE CENSO E IMPRENSA

2.1 Lugares possíveis às mulheres de Belém na década de 1940

TRABALHADORES BRASILEIROS- Toma parte na campanha o Analfabetismo, ensina a lêr o maior número possível de analfabetos, assim engrandecerá tua pátria (Da Campanha de Alfabetização de Adultos e Adolescentes)⁴

A convocatória acima extraída do jornal *O Liberal*, de 24 de abril de 1947, facilmente identificada no período de 1940 a 1949, traduz aquilo que em números o censo demográfico iria precisar, não apenas na esfera nacional, mas também na local. O índice dos sujeitos que não sabiam ler e nem escrever no Brasil era de 67, 26%⁵ para uma população total de 41.236.315 habitante em 1940. E somado a esse percentual significativo de pessoas sem instrução, o fator regional o revelaria desigual, e sua ordenação de acordo com o sexo- importante para a análise deste trabalho-, era sobretudo ainda mais diverso. Aspectos que dizem respeito aos sujeitos, para que posteriormente haja uma compreensão sobre quem eram os indivíduos em seus marcadores sociais, que faziam parte do cenário de Belém.

Isto posto, para este item a percepção sobre cidade e sociedade são indispensáveis, assim como a apreensão dos *sujeitos* que as constituem. Dadas então de maneira concisa, a partir do Dicionário de Conceitos Históricos, a cidade está para a composição física do espaço, podendo a interpretação sobre ela variar em conformidade ao contexto histórico, sendo diversas as formas de abordá-la, entre “a geografia, a arquitetura, o urbanismo e a sociologia”⁶. Já no que se refere à sociedade, o conceito sugere as relações estabelecidas entre os sujeitos, tomado como objeto de estudo no campo da Sociologia, gerou diversas significações, entre às quais, destaca-se a do sociólogo Èmile Durkheim que “reconhecia que a coerência da sociedade estava baseada na interdependência das atividades e na regulação moral criada pela interação”⁷.

⁴ Fonte: Jornal O Liberal- Órgão do Partido Social Democrático do Pará – Ano I- Diário Vespertino. Belém- Estado do Pará, 24 de Abril de 1947. *Trabalhadores Brasileiros*. Hemeroteca Digital

⁵ Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940). Série Nacional, Volume II. Censo Demográfico. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁶ SILVA, Kalina Vanderlei e MACIEL, Henrique Silva. Dicionário de Conceitos Históricos. São Palo: Contexto, 2005, p. 51

⁷ SILVA, Kalina Vanderlei e MACIEL, Henrique Silva. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Contexto, 2005, p. 383

Dessarte, as definições citadas são imprescindíveis à análise proposta para este tópico. Por meio da qual, busca-se um olhar sobre a cidade de Belém da década de 1940, considerando seus espaços, mas essencialmente os indivíduos e suas possíveis interações, compondo relações, ocupando lugares e encadeando tramas, como as que veremos neste trabalho, as quais nos permitirão percorrer as multiplicidades possíveis em cada sujeito.

Antes de visualizarmos os anos de 1940 na capital do Pará, é substancial a percepção sobre as conjunturas predecessoras. Para compreendermos o cenário de Belém em meados do século XX e as atividades dos sujeitos que nela viviam, um encadeamento de eventos do século anterior deve ser referenciado. Desse modo, retornemos ao intervalo temporal entre o final do século XIX e início do XX, em que foi possível identificar o apogeu da economia da borracha:

na virada do século XIX para o XX [...] parte da Amazônia brasileira experimentou um grande crescimento econômico em decorrência da exportação da borracha, um grande produto muito importante naquele momento para a indústria internacional e que gerando divisas para os cofres públicos de cidades da Amazônia como Belém e Manaus acabou interferindo na vida das populações desses espaços.⁸

É conhecida pela extensa produção historiográfica sobre a Amazônia, a grande movimentação de capital, o embelezamento das capitais do Pará e do Amazonas, a manutenção da elite, uma proposta não só referente à urbanização, como também aos comportamentos e hábitos inspirados em moldes europeus. Nesse sentido, durante a Belle Époque, via-se a busca pelo “civilizar”, através de costumes e normas⁹. Assim, a modernização poderia ser identificada não somente pelo espaço físico urbano, mas atingindo também os modos de vestir, o luxo ornando os ambientes frequentados pela elite, e sobretudo era possível verificar nas diretrizes de condutas, o que seriam os parâmetros do “moderno”. A

⁸ SARGES, Maria de Nazaré e LACERDA, Franciane Gama. A cidade e a floresta: urbanização e trabalho no Pará (finais do século XIX e início do século XX). In: Os oitocentos na Amazônia: política, trabalho e cultura. Belém: Editora Açai, 2013, p. 212.

⁹ “As elites econômicas, políticas e intelectuais introduziram em Belém não apenas características urbanísticas europeias, mas também elementos socioculturais, inspirados na Europa. Ser moderno, estava relacionado ao estilo de vida, aos hábitos europeus, difundidos amplamente pelos grupos elitizados, para os quais urgia “civilizar” a população, do ponto de vista da moral, dos costumes, na busca de exterminar todos os traços culturais que lembravam a “barbárie” promovida por índios, negros, mestiços e caboclos, que por meio de diversos expedientes, se deixavam visualizar no espaço citadino”, ver CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. História, Cultura e Música em Belém: Décadas de 1920 a 1940. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2010, p. 18.

exemplo do “código de posturas que colocava às camadas populares proibições que atingiam costumes tradicionais”¹⁰

Considerando, pois, que essas normativas estivessem circunscritas à moralidade, entende-se então as mudanças, o progresso em termos econômicos estaria direcionado a um grupo mais abastado, enquanto as limitações, exclusões concernentes moviam-se aos segmentos mais populares. Entretanto, atendo-me a esta constatação não para captar o que se mostra evidente, mas sim em vista da percepção do sujeito enquanto refletor e também reflexo da sociedade.

Não obstante, após o período áureo da economia do látex, os anos de 1910 foram palco da crise da borracha, com o declínio do valor no mercado internacional, esboçava-se um contexto de decadência. Assim, a perspectiva decrescente era nutrida pela ideia de empobrecimento, ou seja, o entrave econômico anunciava o fim dos anos em que esplendor e grandiosidade representavam a Belle Époque, era a representação do faustoso arruinada pelo empobrecimento. Contudo, é importante destacar que mantida pela exclusão de grupos menos abastados, era proveniente da elite a ideia de decadência como aponta CORRÊA (2010):

Uma vez que a modernidade da Belle Époque se pautou pela exclusão sociocultural de grupos populares, a memória criada em torno do período legitimava, fixava e difundia as ações empreendidas pelas elites, ligando a cidade do passado às suas novas necessidades. Portanto, a ideia de decadência foi gestada pelas elites e posteriormente reproduzida pela historiografia regional, baseada em uma visão europeizante de Belém e dos pensavam ter existido o “fausto”, o esplendor e a “riqueza” somente na cidade dos tempos da Belle Époque¹¹

Em consequência, a crise atingiria eminentemente as camadas mais populares, de acordo com Cristina Cancela em seu trabalho sobre casamento e família em Belém entre 1870 e 1920, ao destacar que mesmo com a introdução da industrialização, esta não foi capaz de apanhar a mão-de-obra disponível. Conforme menciona a autora “os segmentos populares sentiram intensamente esse momento. Na verdade, a expansão econômica da borracha nunca

¹⁰ SARGES, Maria de Nazaré e LACERDA, Franciane Gama. A cidade e a floresta: urbanização e trabalho no Pará (finais do século XIX e início do século XX). In: Os oitocentos na Amazônia: política, trabalho e cultura. Belém: Editora Açaf, 2013, p. 224

¹¹ CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. História, Cultura e Música em Belém: Décadas de 1920 a 1940. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2010, p. 19.

foi o suficiente para absorver o grande contingente de mão-de-obra que se deslocou para a capital do Estado”¹²

Posteriormente, as décadas de 1920 e 1930 indicavam que seria um período para uma investida pelo resgate da economia. A nova dinâmica estava pautada em demandas sociais, identificadas pelo aumento do custo de vida. Além disso, a conjuntura política também geraria interferência em escala local e nacional, considerando pois os efeitos da Segunda Guerra Mundial. Outrossim, mesmo em 1940 era possível perceber as influências resultantes de condições precedentes, entre o quadro das necessidades vividas pela população e alterações no cenário político, a cidade de Belém delineava-se, oferecendo espaços aos seus habitantes, ora permitidos, ora negados de acordo com seus marcadores sociais.

Nesse sentido, enquanto sequela da guerra, a cidade de Belém enfrentava uma crise no fornecimento de alimentos. Dadas as circunstâncias de conflito, essas implicaram numa crescente sobre o preço dos alimentos, tendo em vista as ameaças aos navios, meio pelo qual era feito o transporte de produtos até Belém, acentuando a escassez de gêneros alimentícios. ALMEIDA (2015) descreve a condição daquele contexto:

De fato, os torpeamentos dos navios mercantes brasileiros por submarinos alemães provocaram a diminuição substancial no tráfego pela costa do litoral brasileiro. Com essa era a principal rota comercial de produtos norte-sul do país, a carência alimentar tornava-se visível¹³

Conjuntamente ao colapso no fornecimento de alimentos, as tensões no âmbito político incidiam, haja vista a necessidade de se criar medidas para então, reverter a situação. Desse modo, era possível identificar na imprensa da época, as investidas não apenas para abrandar ou sanar as demandas, mas as matérias divulgadas emitiam a posição do jornal em atenuar ou hostilizar a atuação dos gestores. Assim, é ilustrativa a reportagem de *O Liberal*, em que publicava o decreto-lei referente ao abastecimento da população, a partir do trecho em que é ressaltada a preocupação do Estado em garantir que as necessidades do povo fossem supridas. Com o título “Importante Decreto-Lei, Sobrê o Abastecimento da População Paraense”:

¹² CANCELA, Cristina Donza. Casamento e família em uma capital amazônica: (Belém 1870-1920). Belém: Ed. Açai, 2011, p. 57

¹³ ALMEIDA, Tunai Rehm Costa de. Achsenmächte, Potenze dell’ Asse, Sujikukoku na Amazônia: imagens, narrativas e representações da Quinta Coluna no Pará (1939-1945). 2015, p.57.

Considerando um povo necessitado, desnutrido, fica impossibilitado de desenvolver suas atividades físicas e espirituais [...] considerando que o governo não pode ser indiferente às aspirações e anelos da população do Estado que comanda e exige uma solução imediata para o problema alimentar, DECRETA: Art. 1º- Fica livre, em todo o Estado, o comércio de carne verde, resguardados os emolumentos e taxas devido às repartições estaduais e municipais e às exigências sanitárias [...]; Art. 2º- O governo providenciará, por intermédio de seus órgãos, no sentido de fazer uma distribuição equitativa de carne, de modo a serem contemplados os retalhistas legalmente habilitados para a exploração desse comércio¹⁴

Embora a notícia tratasse de uma deliberação com o propósito voltado à questão do abastecimento alimentar, a medida também manifesta em seu texto, a preocupação com o cumprimento do povo para aquele momento de crise, um povo “impossibilitado de desenvolver suas atividades físicas”, possivelmente o decreto referia-se à obrigação que entendiam dignificar o homem. Enquanto um dos pilares de sustentação do progresso, o trabalho era também uma forma de controle, frequentemente ligado à ordem, Chalhoub (2012) chama atenção para a sustentação do termo como o “princípio regulador da sociedade, conceito este que aos poucos se reveste de uma roupagem dignificadora e civilizadora”¹⁵

No entanto, ainda que designado com veemência, as possibilidades de trabalho que não eram as mesmas para mulheres e homens, tornavam-se mais restritas à medida em que as opções ofertadas, apresentadas de acordo com características ditas femininas e masculinas, aspectos que reforçavam os discursos normatizadores de padrões de feminilidade e masculinidade, como veremos mais a frente. Importante frisar que mesmo antes de tentar o acesso a uma atividade, a disparidade entre as parcelas da população que tinham acesso ao básico da educação, já delineava a diferença imposta sobre os sexos. Segundo dados do censo demográfico da década de 1940, para um total de 944.644 habitantes do Estado do Pará, o percentual de mulheres (entre 20 e 49 anos)¹⁶ que não sabiam ler e nem escrever era de 24,5%, enquanto que para os homens (na mesma faixa etária), o número cai para 17,38%¹⁷.

Possivelmente, a diferença identificada nos percentuais de mulheres e homens que não sabiam ler e nem escrever estivesse relacionada ao tipo de educação destinada à mulher¹⁸.

¹⁴ Fonte: Jornal O Liberal- Órgão do Partido Social Democrático do Pará – Ano I- Diário Vespertino. Belém- Estado do Pará, 24 de Janeiro de 1947. *Importante Decreto-Lei Estadual Sobre o Abastecimento da População Paraense*. Hemeroteca Digital

¹⁵ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012, p. 48

¹⁶ Recorte na faixa etária, feito em virtude da média de idade das personagens deste trabalho.

¹⁷ Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940). Série Nacional, Volume II. Censo Demográfico. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, p. 114

¹⁸ “A educação feminina torna-se um ponto-chave para a medicina, pois através dela pretendia-se o aperfeiçoamento físico e moral da mulher, da mãe e das futuras gerações do país. A “nova mulher”, submetida à tutela médica, além de se constituir numa agente familiar de higiene social, deveria tornar-se o baluarte da moral

Pois, mesmo considerando um índice de 15,11% para as que sabiam ler e escrever (entre 20 e 49 anos)¹⁹, este ainda era um percentual relativamente baixo, tendo em vista que as mulheres deveriam receber no ambiente familiar, especificamente da mãe, a orientação para seguir aquela que teria de ser a única atribuição, a tarefa materna. Ou seja, é presumível que um índice pequeno de mulheres sabendo ler e escrever (entre outros fatores) estava atrelado à realidade de muitas já serem instruídas exclusivamente para cuidar do lar e da família, assim afastando-as da oportunidade da educação ofertada nas escolas.

Não obstante, ainda que reduzida a taxa de mulheres sabendo ler e escrever existia, e de forma significativa contrariava a preocupação existente durante os anos de 1940 com o analfabetismo dos brasileiros, pois, nitidamente havia uma finalidade para além de diminuir o percentual de analfabetos, e este era direcionado ao trabalho. Dito isto, foi possível identificar em matérias de jornal, o apelo através da “Campanha de educação de adolescente e adultos”²⁰, notícias sobre ações do presidente Eurico Gaspar Dutra diante do registro de analfabetismo. Entretanto, uma nota repetia-se diariamente e esta era referente à necessidade de alfabetização do “Trabalhador Brasileiro”, descrita no início deste capítulo, e que neste ponto a retomamos para destacar que mesmo que houvesse mulheres alfabetizadas, mulheres se dispoñdo a trabalhar fora do lar, as chamadas nas matérias deixava clara a intenção na alfabetização de trabalhadores, isto é, incentivava-se a educação de homens para que estes continuassem ocupando os espaços e garantissem a permanência em suas atividades.

Isto posto, faz-se necessário pontuar, que, mesmo que poucas (em comparação ao percentual de homens) fossem alfabetizadas, ainda que se priorizasse e valorizasse a mão-de-obra de homens e que o espaço reservado às mulheres fosse o privado, a sua inserção em espaços públicos era efetiva, e entre outras coisas, também gerada pela necessidade do trabalho. Ainda que não estivessem isentas de julgamentos morais, as mulheres vinham ocupando cada vez mais ambientes entendidos como masculinos. Em seu trabalho sobre corpos, subjetividades e sensibilidades, a autora Maria Izilda acentua que o trabalho externo não era recomendável à mulher, inclusive com justificativas pautadas em premissas médicas:

da sociedade, e dessa forma as normas médicas deveriam ser transmitidas pelas mães às suas filhas a partir da adolescência e puberdade, período do início da vida fértil da mulher, devendo merecer atenção especial”, ver, Maria Izilda Santos de. *Âncora de emoções- corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 47

¹⁹ Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940). Série Nacional, Volume II. Censo Demográfico. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, p. 114

²⁰ Fonte: Jornal O Liberal- Órgão do Partido Social Democrático do Pará – Ano I- Diário Vespertino. Belém- Estado do Pará, 19 d Abril de 1947. *Campanha de educação de adolescente e adultos*. Hemeroteca Digital

O trabalho feminino externo provoca indignação aos médicos, revestida na maior parte das vezes, de preocupações morais. Predominava a representação simbólica ideal da mulher dedicada às tarefas do lar, enquanto o trabalho masculino deveria assumir seu papel de único arrimo da família. Condenava-se o trabalho extradoméstico das mulheres, que era visto como um desperdício físico de energias femininas e como fator de dissolução da saúde e da capacidade de desempenho das funções maternas, além de elemento nocivo à moralidade.²¹

A distinção feita para cargos, ocupações (trabalhos) mantinham-se fundamentadas em características ditas como femininas e masculinas, a partir dos quais, atividades que exigissem força física, deslocamento entre cidades, dinamismo, e mesmo habilidades intelectuais eram direcionadas a homens, enquanto profissões que denotassem paciência, brandura (geralmente relacionadas ao papel materno) eram reservadas às mulheres. Nesse sentido, tentava-se restringir a presença da mulher através do discurso de moralidade, definindo que suas aptidões somente teriam utilidade se direcionadas à casa e à família.

Não obstante, concomitantemente aos discursos que as limitavam nos espaços que buscavam o controle sobre seus corpos e as direcionavam, ao que entendiam como seu mais virtuoso dever, as mulheres estavam cada vez mais presentes em locais que outrora fariam de suas imagens estigmatizadas²². No que concerne à esfera urbana, a presença da mulher ia de hospitais, escritórios, escolas às praças, teatros e prostíbulos, etc. E nesse sentido, sua inserção podia ser identificada na cidade de Belém, no que se refere às profissões, as duas únicas modalidades em que foi registrada a presença da mulher em maior evidência do que a do homem (no Estado do Pará) segundo o recenseamento de 1940, foram serviços e atividades sociais e atividades domésticas e escolares²³, sendo suas porcentagens respectivamente de 1,78% e 31,82%. No entanto, era possível verificar a presença da mulher em outros setores, como: agricultura; indústria; comércio de mercadorias; transportes e comunicações;

²¹ ver MATOS, Maria Izilda Santos de. Âncora de emoções- corpos, subjetividades e sensibilidades. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 51

²² “Tentava-se limitar a inserção das mulheres no mundo do trabalho por meio de um discurso que as prendia ao casamento e, conseqüentemente, ao lar, assim como ao exercício de atividades consideradas condizentes com suas habilidades, como as de doceiras, costureiras, cozinheiras, engomadeiras, criadas”, ver CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. História, Cultura e Música em Belém: Décadas de 1920 a 1940. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2010, p. 68.

²³ De acordo com a tabela de classificação de “ramo e classe da atividade”, serviços e atividades sociais, incluíam: serviço de hospedagem e alimentação; serviço de higiene pessoal; serviço de conservação e reparação de artigos de uso de pessoal; serviços de transporte manuais e a propulsão humana; atividades socioculturais e outras atividades de caráter coletivo ou social. Já as atividades domésticas, atividades escolares correspondiam às atividades domésticas não remuneradas no domicílio familiar; serviços domésticos remunerados; serviços de portaria e elevadores; serviços domiciliares de jardinagem e afins; serviços domiciliares de manutenção de meios transporte; atividades de assistência e magistério exercidas no lar e outras atividades domésticas remuneradas e atividades escolares discentes. Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940). Série Nacional, Volume II. Censo Demográfico. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, p. 41

administração pública²⁴, com percentual significativamente menor ao percentual de homens (na faixa etária de 20 a 49 anos), correspondendo nestas atividades a 35,90% de atuação dos homens e 6,74% de atuação das mulheres.

A partir da pesquisa realizada sobre os trabalhadores, a indústria de panificação e a legislação trabalhista em Belém entre 1940 e 1954, Edilza Fontes que além da sexualização das profissões segundo o que determinavam feminino e masculino, o processo para definir se uma atividade seria ou não considerada qualificada, apoderou-se de conhecimentos do que seria feminino, porém consolidando profissões tomadas como masculinas:

O que nos parece é que a construção das profissões de padeiro e forneiro como profissões masculinas, utilizaram a imagem social do que seja feminino e masculino, ou seja, os donos das padarias artesanais utilizaram a concepção da época sobre o que era uma mulher e o que ela sabia e poderia fazer, e o que era um homem e o que ele poderia fazer. A partir destas noções de feminino e masculino, que foram construídas historicamente, a profissão de padeiros e forneiros foi se masculinizando²⁵

Outrossim, a inserção das mulheres em ambientes fora do lar, não era restrita a locais onde estivessem exercendo suas profissões. Na esfera, elas estavam em praças, restaurantes, teatros²⁶, etc. Ademais, não só durante o dia, mas à noite elas também estavam pelas ruas, bares, prostíbulo, lugares que a partir de uma perspectiva elitista, promoviam atividades julgadas como destoantes à ordem: malandragem, boemia, prostituição e vícios²⁷. De todo o modo, ainda que as normativas delimitassem feminilidade e masculinidade, os espaços para mulheres e homens, comportamentos concordantes ou discordantes ou desviantes às regras, os sujeitos percorriam suas trajetórias estando presentes ou não nos papéis e lugares que lhes eram impostos, não por uma perspectiva sobre admitir ou negar as imposições, mas

²⁴ Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940). Série Nacional, Volume II. Censo Demográfico. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, p. 114

²⁵ FONTES, Edilza. O pão nosso de cada dia: trabalhadores e indústria da panificação e a legislação trabalhista em Belém (1940-1954). Belém: Paka-Tatu, 2002, p. 117

²⁶ “A presença feminina no espaço público tornou-se mais frequente no século XX, quando as mulheres passaram a ser visualizados não somente no mundo do trabalho, mas também nos teatros, cinemas, cafés, restaurantes e clubes, nos quais dançavam e travavam conversas com o sexo oposto. Entretanto, a invasão da urbe pelo “sexo dócil” não se traduziu em abrandamento das exigências morais, ao contrário, requeria-se cada vez mais a permanência da mulher no lar”, ver CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. História, Cultura e Música em Belém: Décadas de 1920 a 1940. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2010, p. 75.

²⁷ “Contudo, as atividades noturnas não se encerravam quando a maioria dos moradores voltava para a casa; ao badalar da meia noite, um aparcela da cidade continuava viva, vibrante, sonora. Iniciava-se então a hora dos cassinos, dos prostíbulo, das serenatas. Segundo o entendimento das elites, era o momento da ociosidade, gatunagem, malandragem, vagabundagem, da jogatina, do crime, do pecado, da boemia, do vício”, ver CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. História, Cultura e Música em Belém: Décadas de 1920 a 1940. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2010, p. 78.

possivelmente por agirem, relacionarem-se de acordo com o que concebiam oportuno com suas realidades e marcadores sociais.

Além disso, outro importante marcador para esta pesquisa refere-se ao estado conjugal, pois a partir deste, muito se fundamenta acerca de feminilidade e masculinidade aceitáveis ou não, tendo em vista preceitos que buscavam regular comportamentos e sexualidades. Assim, os registros do recenseamento de 1940 mostram os seguintes números: mulheres solteiras (entre 20 e 49 anos) representavam 18,05% e os homens (na mesma faixa etária) correspondiam a 17,78%, mulheres casadas eram 18,5% e homens casados 17,13%; já o índice para mulheres separadas/desquitadas foi de 0,10% e de homens na mesma condição era de 0,6%. Posto isto, é possível verificar que, a diferença em percentuais quanto ao estado conjugal de mulheres e homens é mínima, porém o que elas representavam à sociedade, reforçando estereótipos era bem mais expressivo.

A leitura feita sobre uma mulher solteira era a do risco, o perigo da ameaça de ter a sua pureza, virgindade corrompidas, por isso, a urgência em casar as moças. Depois do matrimônio, caberia unicamente a ela manter o casamento, para não se tornar uma mulher desquitada, à qual caberia a perspectiva do abandono, além do que, uma vez divorciada, ela ainda poderia incorrer na prostituição. Nesse sentido, mesmo que instituído o divórcio, instituições como o Estado e a Igreja apelavam para que casais evitassem requerê-lo, argumento os prejuízos à reputação da mulher:

Ou, por outras palavras, procurava-se expor para o tecido social de Belém que o divórcio seria uma espécie de razão direta para a propagação da prostituição. Nesse sentido, aqueles que não compactuavam com as novas possibilidades de conseguir uma separação conjugal passaram a construir articulações que tinham como objetivo lançar sobre os corpos dos personagens que se divorciavam particularmente sobre os corpos femininos- estereótipos e emoldurações que denegrissem tanto as divorciadas, quanto o instituto do divórcio²⁸

Desse modo, configuravam os padrões (perfis) de feminilidade e masculinidade aceitáveis ou condenáveis pela sociedade. Papéis estes que não existiam de maneira dissociada um do outro, ao contrário, a responsabilidade da mulher estava atrelada à reputação do homem, ou seja, a perspectiva sobre ela implicaria na figura masculina com quem estivesse relação, pai, marido, amante.

Por conseguinte, tão relevante quanto manter os padrões de mulher casada e de recato, e homem trabalhador e provedor do lar, era necessário coibir ou até corrigir, tratar dos tipos

²⁸ CAMPOS, Ipojucan Dias. Divórcio e Prostituição em Belém no final do século XIX (1890/1900): A tentativa de uma analogia. ANPUH- XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA- João Pessoa, 2003, p.7

considerados indesejáveis. Para tal, convergiam através dos discursos médicos e jurídicos, a inquietação das autoridades diante daqueles que não inseriam seus corpos, sexualidades e comportamentos à ordem social. Assim, entre os que viviam proporcionais à desordem como alcoólatras e homossexuais, destaco aqui a imagem da prostituta, pois, envolta em discursos sobre a moral, crimes, degeneração, será importante para a análise desta pesquisa:

A figura da prostituta, da moral degenerada que além da promiscuidade não resistia a outros vícios e crimes esta á condenada. Na busca por identificações físicas das criminosas natas para melhor proteger a sociedade delas (...) Mas essas figuras da mulher criminosa que são enunciadas pelo discurso criminológico positivista, não o são por oferecerem um perigo à outras pessoas, mas por oferecerem risco à sociedade em sua moralidade e costumes. Desta forma, a neutralização destes sujeitos se fez também historicamente, necessária²⁹

Nesse sentido, é notável que em todas essas imposições de padrões, especialmente sobre o corpo da mulher, tendo em vista o cenário de meados do século XX, onde apesar da introdução de ideias de progresso e modernidade, mantinha-se uma sociedade essencialmente conservadora, nos moldes do patriarcalismo³⁰. Portanto, eram fortemente presentes traços da relação de dominação que ainda perduravam.

Todavia, analisaremos os discursos de feminilidade e masculinidade, com base na trajetória de uma mulher, com episódios que confrontavam uma sociedade moldada por valores que buscavam limitar as condutas e escolhas de seus indivíduos. Com a narrativa dividida em dois momentos, entre os quais foi possível perceber que a partir das particularidades em cada personagem, os padrões de ordem e desordem poderiam coexistir, pois, viviam os sujeitos em alternância, dados os arquétipos que lhes eram impostos.

O cenário do Brasil dos anos 1940, ainda carregavam uma bagagem de valores e normas comportamentais, imposições sobre posturas que abrangiam tanto o que definiam como universo feminino quanto o masculino, no entanto, a hierarquia se colocava nas relações de gênero³¹

²⁹ MARTINS, Simone. A mulher junto às criminologias: de degenerada à vítima, sempre sob controle sociopenal. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21 – n. 1, p. 111-124. Jan./Abr. 2009, p. 118

³⁰ “Patriarcalismo pode ser definido como uma estrutura sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. É caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção, do consumo, da política, à legislação e à cultura. Nesse sentido, o patriarcalismo funda a estrutura da sociedade recebe o reforço institucional, e nesse contexto, relacionamentos interpessoais e personalidades são marcadas pela violência”, ver BARRETO, Maria do Perpétuo Socorro Leite. *Patriarcalismo e Feminismo: Uma retrospectiva histórica*. Revista *Ártemis*, vol. 1, Dez, 2004, p. 64

³¹ “O princípio da masculinidade baseia-se na repressão necessária dos aspectos femininos- do potencial do sujeito- e introduz-se o conflito na oposição entre masculino e feminino”, ver SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica*, p. 16

Ademais, a inserção da mulher em lugares públicos³², posto o enredo da personagem central deste trabalho, alguns episódios de sua história dão ênfase a locais notáveis na cidade de Belém. Entre estes, destaca-se a Praça da República, considerada como um dos locais onde concentrava-se a prostituição, ou seja, moralmente para a época e diante dos costumes, seria um ambiente que as mulheres de recato deveriam evitar frequentar a noite e/ou desacompanhadas: “No centro da cidade os lugares da boemia irem identificados pela zona do meretrício das ruas 1º de Março, Riachuelo, Praça dos Estivadores e no Bar do Parque localizado na Praça da República”³³

Contudo, este trabalho que percorrerá os discursos sobre femininos e masculinos nos jornais de Belém, a partir de notícias sobre a mulher Beatriz Colares, é dividido em dois momentos: o primeiro em 1942 com as notícias que divulgaram seu envolvimento em crimes de roubo e morte; o segundo momento trata de matérias de jornais publicadas sobre seu assassinato em 1947. Nesse sentido, é necessário identificar os sujeitos vítima e acusado, em seus marcadores sociais, para a apreensão do enredo. Beatriz Colares, paraense, vinte e três anos de idade, branca, doméstica, desquitada, presidiária; Miguel, paraense, quarenta e dois anos de idade, tenente reformado da Força Policial do Pará, administrador do Presídio São José.

Dessarte, é necessário que se tenha em mente os fatores citados, não como estereótipos aos quais Beatriz e Miguel estiveram e permaneceram limitados. Ao contrário, nossos personagens no decorrer do enredo deixaram claras suas complexidades e multiplicidades. Porém, as características apontadas para a compreensão da época, as circunstâncias em que os discursos eram produzidos e propagados. Não obstante, no que concerne à Beatriz, não se pode deixar de colocar que mesmo sendo doméstica, desquitada, envolvida em crimes, era uma mulher branca, marcador que por si só lhe garantia lugares e tratamentos na sociedade substancialmente desigual em relação às mulheres pretas e pardas (entre 20 e 49 anos) que eram respectivamente 3,8% e 17,7% da população do Estado em 1940, enquanto que as mulheres brancas (mesma idade) representam um índice de 18,09%, menos do que as duas categorias (preta e parda) juntas. Entretanto, é fundamental ressaltar que mesmo a relação de dominação sobre seu corpo, a hostilidade que possivelmente Beatriz sofrera por conta do

³² “O homem no espaço público sempre foi percebido positivamente, através da imagem de trabalhador e do político, segundo o ideário liberal. A mulher fora do lar, sobretudo se desacompanhada, precisou prestar atenção aos seus gestos, aparências, roupas para não ser confundida com a figura dissoluta, excêntrica da prostituta, mulher pública”, ver RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 39-40

³³ JÚNIOR, José E. S. Dias. Entre cabarés e gafieiras: Um estudo das representações boemias na periferia de Belém do Pará, 1960-1980, p. 7

divórcio, dos crimes e os discursos produzidos pelos jornais sobre sua vida, não coincidiram de nenhuma maneira ou em nenhum grau, caso se tratasse de uma mulher/parda. Por muito tempo o entendimento sobre a “mulher” circunscrito de forma universal à categoria cor branca, é urgente a interseção entre “sexo” e “raça”, para então obter uma compreensão sobre as diferentes experiências das mulheres, como aponta DORLIN (2016):

Para a teoria feminista, uma das primeiras formas de conceitualizar as opressões múltiplas foi por meio de modelos matemáticos. A dupla, até tripla opressão que experimentam algumas mulheres supõe que as relações de dominação se somariam uma às outras. Por exemplo, as mulheres que sofreram com sexismo; algumas entra elas com o sexismo e o racismo; e, entre essas últimas, algumas com sexismo, racismo e lesbofobia etc. Essa análise apresenta inúmeras dificuldades porque ela isola cada relação de dominação e define a interação entre elas como sentença aritmética: as mulheres que foram escravizadas teriam sofrido uma opressão racista- compartilhada com homens que também foram escravizados-, em adição a uma opressão sexista, que seria similar àquela vivida por suas “senhoras”. Vê-se bem porque essa análise dita aditiva é insuficiente para compreender as modalidades históricas da dominação sexista e racista³⁴

Além disso, no caso entre Beatriz e Miguel, a diferença já exposta, muito contribuirá para a leitura da época. Ao passo em que tinha-se uma mulher vítima de assassinato, havia também fatores que provavelmente favoreceram para a perspectiva da sociedade e dos jornais sobre o assassino. Aspectos como o estado conjugal, casado, o cargo que ele ocupava na cadeia São José, fazendo dele um homem público, conhecido de pessoas influentes no âmbito da política, do direito e da imprensa. A julgar pela função de policial que à época tinha um grande apelo cívico³⁵, visando que cada vez mais homens ocupassem cargos militares em nome da ordem nacional, é possível inferir o respeito e o destaque que fora atribuído a Miguel. Outrossim, a imagem de um homem inserido na força policial reforça a sua masculinidade³⁶, ressaltando a ideia de força e poder atribuídas ao homem. Isto posto, buscava-se razões para justificar um homem estimado ter matado uma mulher.

³⁴ DORLIN, Elsa. Do uso epistemológico e político das categorias “sexo” e “raça” nos estudos de gênero. *Revista Periódicus*, n. 5, v. 1, maio-out, 2016, p. 254-271, p. 260-261

³⁵ “no início do século XX, uma aliança entre as forças oficiais e membros de grupos urbanos mobilizou apoio popular mais amplo para obter a reforma militar. Essa aliança gradativamente modificou as percepções sobre o serviço militar, que foram direcionadas para a identificação deste com um dever cívico varonil...”, ver IZECKSOHN, Vitor. Quando era perigoso ser homem. Recrutamento compulsório, condição masculina e classificação social no Brasil. In: *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 294.

³⁶ “A condição masculina parece ser também particularmente sensível às imagens bélicas que se encontram nas raízes do patriotismo e do nacionalismo, muitas vezes decantadas em hinos e monumentos cujo apelo principal dirige-se à virilidade nacional, ver IZECKSOHN, Vitor. Quando era perigoso ser homem. Recrutamento compulsório, condição masculina e classificação social no Brasil. In: *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 267.

2.2 A imprensa de Belém: entre dois crimes famosos, os discursos normativos

Duas datas ficariam marcadas na história da imprensa paraense: 12 de novembro de 1942 e 24 de março de 1947. A primeira, refere-se ao crime famoso na cidade, o estrangulamento da mulher conhecida como a peruana Izabel Tejada, o caso envolvia um triângulo amoroso entre Izabel, seu amante Raimundo Lucier e outra mulher com quem ele também se envolveu, Beatriz Colares. Ela havia planejado o crime, do qual Beatriz foi sua cúmplice no roubo e estrangulamento da peruana, conhecido através dos jornais como “Crime da Praça da República”. O caso chama atenção da sociedade pela relação entre os três, pois além do envolvimento amoroso, especulava-se ser Izabel uma cafetina e também ter inserido Beatriz na prostituição. Logo, o caso ganharia notoriedade nacional, sendo repercutido em jornais do Rio de Janeiro.

Isto posto, a matéria da Folha Vespertina “O Crime da Praça da República” trazia um dia após descoberto o assassinato, detalhes sobre a vítima Izabel Tejada e uma narrativa sobre o provável triângulo amoroso entre ela e o fuzileiro da Marinha Raimundo Lucier e Beatriz da Conceição. Jornal de grande circulação, como veremos mais a frente se encarregou de publicar reportagens extensas e até menos breves notas, sobretudo foi um dos periódicos que mais repercutiu notícias sobre a trama que envolvia Beatriz, nos dois momentos, 1942 e 1947:

Imagem 01 – “O crime da Praça da Republica”



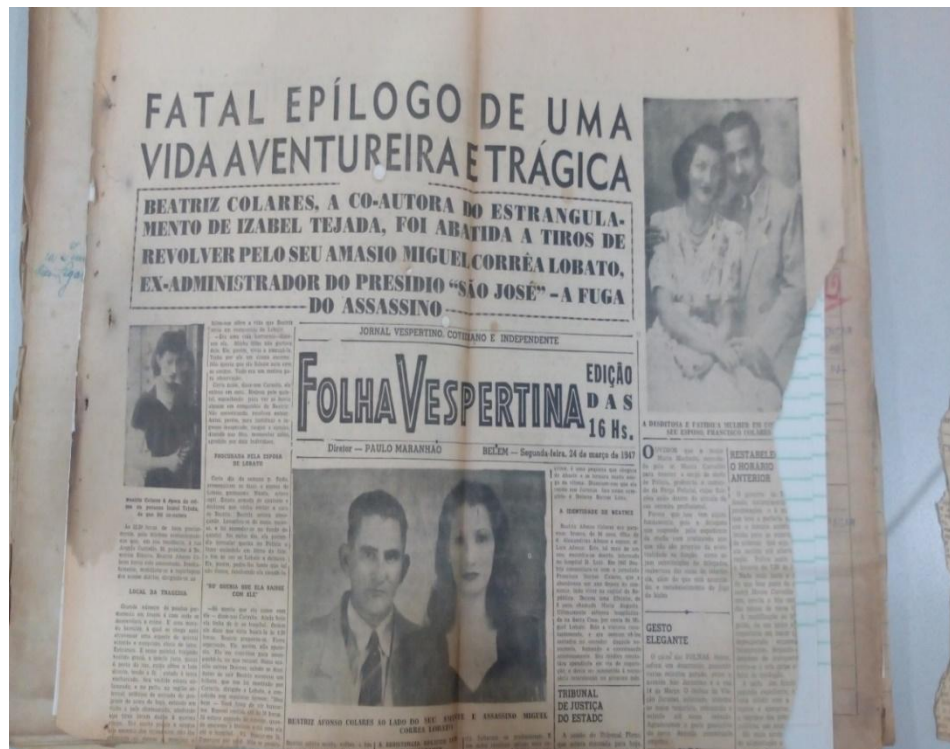
Fonte: FOLHA VESPERTINA. Belém: Edição das 16 horas, 13 nov. 1942. Biblioteca Arthur Vianna – Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

Como desencadeamento da história, o casal foi preso, julgado, condenado e levado a cumprir pena no Presídio São José. Local onde Beatriz iria conhecer outras duas personagens, que junto a ela iriam compor a segunda parte da trama. Durante o período em que cumpria sentença judicial, Beatriz conheceu e se envolveu com o então, administrador da cadeia, tempos depois ela conhecia e aproximava-se da moça chamada Maria Dolores, relação esta que incomodava Miguel. Após conseguir Habeas Corpus e ser posta em liberdade, ela mantinha tanto a relação com Miguel, quanto a amizade com Dolores, porém Miguel que permanecia casado, travava discussões e brigas com Beatriz, supostamente por ciúmes. Posto isto, no dia 24 de março de 1947, após voltar com Dolores de uma visita que fizera ao seu pai, se deparou com Miguel na casa de sua mãe, onde teriam discutido brevemente e em seguida ele disparava três tiros, matando Beatriz. Rapidamente a notícia corria pelas ruas da cidade, não demorando para estar estampada nos jornais, considerando que entre os envolvidos estava o gestor do presídio, que teria um caso com um das detentas, esta por sua vez já havia sido

cúmplice de assassinato cinco anos antes e, supostamente, segundo os periódicos, teria também um caso amoroso com a moça Dolores, ganhando assim como o crime anterior, repercussão em outros Estados: São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina.

Como citado anteriormente, em 1947 a *Folha Vespertina* novamente publicava notícias sobre Beatriz, desta vez a partir do episódio de sua morte. A matéria “Fatal Epílogo de uma vida aventureira e trágica” trazia pormenores desde seu passado, de outros envolvidos na história e de como havia ocorrido o crime, esta era apenas a primeira de uma série de reportagens que a Folha publicaria, dada repercussão do caso:

Imagem 02 – “Fatal Epílogo de uma vida aventureira e trágica”



Fonte: FOLHA VESPERTINA. Belém: Edição das 16 horas, 24 mar. 1947. Biblioteca Arthur Vianna – Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.

À vista disso, o corpo documental central da pesquisa, é formado por jornais da cidade de Belém e de outras capitais, respectivamente: *Folha Vespertina*, *A Vanguarda*, *Folha do Norte*, *O Estado do Pará*, *A Província do Pará* e *O Liberal*. Levando em conta as inovações sobre a imprensa, entre o final do século XIX e início do XX, estas não ficariam estacionadas no maquinário, na organização e funcionamento, atingiriam também o conteúdo produzido. Essas alterações resultam na elaboração de subdivisões, específicos ao esporte, à cultura e cadernos policiais, ao passo em que era cada vez mais evidente a diferença entre uma matéria

de caráter informativo e o discurso opinativo, “que tomava posição e defendia ideias e valores”³⁷

Não obstante, os periódicos de Belém publicaram diariamente matérias extensas ou mesmo notas em suas páginas sobre ambos os crimes, e a partir do levantamento deste material, foi possível perceber que em grande parte, esses jornais já traziam nos títulos dos textos pontos de vista carregados de parcialidade e julgamentos. Sendo todos esses periódicos dirigidos por homens, que estiveram também inseridos no âmbito da política, alguns por vezes se tornando opositores de outros, de acordo com um contexto de disputas em eleições.

No que concerne à *Folha Vespertina*, também implica pontuar um período contrastante no cenário político, acirrado por acusações e provocações fomentadas através da imprensa. As eleições do ano de 1947 traziam dois militares como candidatos ao cargo de governador, Alexandre Zacarias de Assunção pelo Partido Social Progressista (PSP) e Luiz Geolás Moura Carvalho do Partido Social Democrático (PSD), partido comandado por Magalhães Barata no Pará. Garantindo a vitória, o PSD tinha Moura Carvalho no governo do Estado e Magalhães Barata como senador. Entretanto, mesmo vencendo, o PSD ainda buscava ampliar seu alcance, assim “seus líderes fundaram o jornal *O Liberal*”.³⁸

Por sua vez, João Paulo de Albuquerque Maranhão, nome de destaque na oposição, que já era proprietário da *Folha do Norte*, também era o chefe da *Folha Vespertina*, estes que iriam compor fortes embates diários ao jornal *O Liberal*. E sendo fundado no período do Estado Novo, a *Folha Vespertina* passava pelas censuras de Vargas através do D.I.P (Departamento de Imprensa e Propaganda). Seu primeiro exemplar viria a público no dia 1º de janeiro de 1941, ele contava com duas edições:

O jornal era diário, e circulava no horário das 11 horas e das 16 horas, criado talvez em função do volume de notícias que chegavam sobre os acontecimentos da Segunda Guerra, sendo necessário um jornal que atualizasse as notícias pelo turno vespertino³⁹

Desse modo, fundado em 28 de junho de 1937, ainda recente em relação aos demais periódicos que serão apresentados, esse vespertino se pretendia popular, tendo em mente o

³⁷ LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. July 1, 2017. Silo. Tipos, p.2

³⁸ SANTIAGO, Paulo Rodrigo Magalhães. Uma análise das estratégias políticas e discursivas de dois jornais na eleição paraense de 1947. ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2001

³⁹ NETO, Geraldo Magella de Menezes e CORRÊA, Victor Lima. “Povo sem honra, covardes, brutais e cruéis”: Representações dos japoneses no jornal paraense ‘Folha Vespertina’ (1942-1945). In: Vários Orientes. Rio de Janeiro/União da Vitória; Edições Sobre Ontens/ LAPHIS, 2017

valor do exemplar à 50 centavos. Além disso, carregava em seu título o grupo ao qual pertencia: *A Vanguarda Vespertino dos Diários Associados*, que era de abrangência nacional, dispondo de emissoras de rádio, de tv, de revistas e de jornais por todo o país. O conglomerado de Francisco de Assis Chateaubriand⁴⁰, também compreendia entre o grupo, o jornal paraense. *A Vanguarda*, a princípio foi “dirigida pelo deputado e jornalista João Camargo”⁴¹, passando posteriormente a fazer parte dos Associados.

Por conseguinte, o jornal *O Estado do Pará* criado em uma conjuntura de antagonismo no campo político, entre Antônio Lemos do Partido Republicano Paraense⁴² e Lauro Sodré do Partido Republicano Federal. Assim, no ano de 1911 era constituído sob o comando de Justo Chermont, o periódico que junto à *Folha do Norte* teria um mesmo propósito, contrapor-se a Lemos. Portanto, estariam os leitores diante de um jornal com características notáveis, haja vista sua estruturação, segundo SEIXAS (2015):

Em 1912, o jornal Estado do Pará completava um ano de existência e era um impresso vistoso. Tinha dimensões de 60x42 cm, suas páginas eram compostas de sete colunas, separadas por fios, as manchetes eram grandes e as imagens predominavam nos anúncios, mas também estavam presentes nas matérias como ilustrações⁴³

No que concerne a um dos mais prestigiados jornais no século XX, o primeiro jornal do grupo Folha, sob a chefia de Paulo Maranhão, a *Folha do Norte* criado por Enéas Martins e Cipriano Santos, definia-se como periódico independente, noticioso e literário. Além de ter sido o segundo periódico de maior duração no Estado (1896-1974), envolvido na vertente política, contrapunha-se à administração de Antônio Lemos, outrora também proprietário do jornal *A Província do Pará*. De acordo com PANTOJA (2018, p. 24) “A Folha do Norte, defendia o Partido Republicano Federal, chefiado por Lauro Sodré e depois por Paes de Carvalho, nomes notáveis da política da época”.

⁴⁰ “...Diários Associados, dirigidos por Assis Chateaubriand. Criado em 1924, os Associados são considerados um dos maiores conglomerados da mídia, na história da imprensa no Brasil, chegando a reunir em seu auge, 36 jornais e 18 emissoras de televisão”, ver CARVALHO, Vanessa Brasil de. A ciência na imprensa paraense em 130 anos: um estudo de três grandes jornais diários. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará. 2013, p. 52.

⁴¹ Almeida, Tunai Rehm Costa de. Achsenmächte, Potenze dell’ Asse, Sujikukoku na Amazônia: imagens, narrativas e representações da Quinta Coluna no Pará (1939-1945). 2015, p.62.

⁴² SEIXAS, Netília Silva dos Anjos e SIQUEIRRA, Thaís Christina Coelho. Fotojornalismo na Imprensa de Belém: 1900-1950. Brazilian Journalism Research – Volume II- Número 2-2015.

⁴³ SEIXAS, Netília Silva dos Anjos e SIQUEIRRA, Thaís Christina Coelho. Fotojornalismo na Imprensa de Belém: 1900-1950. Brazilian Journalism Research – Volume II- Número 2-2015. p. 37.

Em síntese, considerando a influência da conjuntura política, as diretrizes impostas aos comportamentos dos indivíduos, o peso que tinha aos leitores tudo amplamente divulgado nos jornais. Logo, verifica-se o alcance de tudo o que foi propagado sobre Beatriz, dada a notoriedade dos envolvidos, assim como o tipo de relações que mantinha:

A abordagem jornalística era distinta quando os envolvidos eram de outra classe social e a vítima considerada uma senhora de respeito. Mesmo assim, a hierarquia social estabelecia a superioridade masculina, garantia na esmagadora maioria das vezes, a impunidade do agressor, especialmente nos casos em que era vítima, por seu comportamento, moralmente condenável⁴⁴

⁴⁴ LAGE, Lana e NADER, Maria Beatriz. Da legitimação à condenação social. In: Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012, p. 291.

3. À CASA DE NÚMERO SEIS: AMORES, CRIMES E PRISÃO

3.1 “O latrocínio da praça da república”: a imprensa de Belém fez dos envolvidos, protagonistas em suas páginas

O ano era 1942 e a ordem na cidade de Belém seria perturbada pelo crime, que chegaria ao conhecimento da população de todas as classes, levando a capital paraense aos periódicos cariocas. O cenário emergia entre avenidas de corriqueira movimentação, dispendo da imponente exuberância do Teatro da Paz, da elegância de moças e rapazes que por ali ostentavam*, da cordialidade dos chauffeurs que faziam das esquinas seu local de trabalho. A casa de número 6, normalmente frequentada, consumava-se o assassinato que ficaria conhecido como o “Crime da Praça da República”.

Há dias com portas e janelas fechadas, causando estranheza e curiosidade tanto dos que moravam nos arredores, quanto daqueles que passavam pelas proximidades. O mau cheiro que exalava da residência, a moradora do local que não fora vista, foram vestígios que instigaram e preocuparam conhecidos, chegando estas informações à polícia. E no dia 12 de novembro daquele ano, o corpo de Izabel Tejada y Perez foi encontrado, em sua cama, em elevado estado de putrefação dado o tempo que havia decorrido de sua morte.

Achavam-se, então, autoridades policiais, médicos legistas, jornalistas e a população (concentrada em frente ao local) diante do caso que iria provocar comoção entre os moradores de Belém, deixando-os ainda vigilantes, haja vista a periculosidade e frieza de quem havia cometido tal ato criminoso. No local, móveis fora do lugar, alguns objetos revirados, mala e joias que não estavam no local, o cadáver daquela mulher colocado na cama, supostamente com uso da força, seu vestido erguido à altura dos joelhos, braço esquerdo deslocado para fora da cama e sob a face, alguma substância. Indícios de violência, vestígios do roubo, foi a peruana Izabel Tejada, vítima de latrocínio.

A partir daquele momento, frente àquela conjuntura que desafiava a ordem pública, dava-se início à exaustiva busca em esclarecer o caso, mais ainda, em punir quem o cometera. Nesse sentido, junto às diligências policiais, somaram-se informações colhidas pela imprensa, esforços que culminaram na captura dos criminosos e, não obstante, no empenho da justiça, não apenas em aplicar a legislação penal, como também em tornar público por meio dos jornais, grande parte da ação judicial imputada contra os culpados.

Em um contexto de meados do século XX, onde a sociedade vivia sob a guarda do Estado Republicano que usava, entre outros, do aparato jurídico para zelar pelo bem e pela moral, não só punir como também tornar pública e exemplar a punição, era de fundamental importância na empreitada de adequar o país aos moldes do progresso⁴⁵.

Não obstante, inicialmente com base no crime e nos acontecimentos subsequentes a ele, por meio dos discursos dos jornais sobre as personagens envolvidas na trama, discutir-se-á a feminilidade e a masculinidade como parâmetros, que deveriam ser seguidos na década de 1940, em Belém. E como instrumento na transmissão de padrões tão caros às mulheres e aos homens, os periódicos assumiam diariamente posicionamentos incisivos e categóricos, concordantes às normas. Considerando ainda, o peso que tinha para a sociedade aquilo que era propagado pelos impressos.

A mulher que teria seu nome e vida amplamente veiculados nos jornais, contava com 19 anos de idade quando envolvida no crime que se tornaria popular em Belém. Beatriz teria envolvimento amoroso com Raimundo Lucier, rapaz que mantinha relação com a conhecida peruana Izabel Tejada. Triângulo amoroso, esse, que culminaria na morte de Izabel por Red, com a participação de Beatriz e crimes subsequentes praticados pelo casal. Contudo, personagem central da história e também deste estudo, cabe esclarecer que Beatriz em algumas matérias aparecerá com o sobrenome de seu pai, Afonso, e em outras com o sobrenome de seu marido, Colares, como iria se tornar popularmente conhecida.

Doravante, será descrita uma trajetória em particular, a da mulher Beatriz Afonso, que ficou conhecida na cidade de Belém da década de 1940, quando os jornais da cidade tornaram pública sua vida, envolvimento com crimes e sua morte. Da mesma maneira, com Beatriz no centro da história e considerando os envolvidos adjacentes a ela, tornar-se-á possível um estudo de seus comportamentos, ora inseridos, ora destoantes das normas de conduta que deveriam ser tomadas como preceitos fixos, impostos à mulheres e homens. Neste capítulo, para discorrer sobre a primeira parte da história, crime e prisão de Beatriz, serão utilizados os seguintes jornais: *Folha Vespertina*, *A Vanguarda* e *a Folha do Norte*.

Partindo pela *Folha Vespertina*, sob a direção de João Paulo de Albuquerque Maranhão, compondo o “Diário dos Associados”, no dia 13 de novembro de 1942, dava início ao que viria ser uma sucessão de matérias, referentes ao assassinato da peruana Izabel Tejada.

⁴⁵ “A subida de Vargas ao poder em 1930 e a imposição do Estado Novo autoritário em 1937 abriu caminho para o Estado assumir um papel na reconstituição e defesa da família. Leis federais e políticas com respeito à educação das mulheres ao casamento, à organização da família, à segurança social, à saúde, ao controle da natalidade e ao trabalho ajudaram a conter a contestação entre os sexos”, ver BESSE, Susan K. Crimes Passionais: A campanha contra os assassinatos de Mulheres no Brasil: 1910-1940. In: Ver. Bras. De Hist. São Paulo, v.9 n° 18, pp. 181-197. Agos. 89\set.89, p. 195.

Reportagens que atribuíram fama ao caso, a partir do título “Crime da Praça da República”, que eram pontuais ao discorrer sobre os crimes e detalhes da vida de Beatriz Afonso, tanto quanto em destacar o procedimento da justiça. No mais, das treze matérias levantadas deste periódico, grande parte delas vinham na primeira página, algumas dispendo de fotos dos envolvidos, reproduzidas em várias colunas, recebendo lugar de destaque na página.

Assim, no impresso de número 15.602, a Folha Vespertina trazia em sua “Edição das 16 Horas”, em pormenores o crime que por três meses teria lugar garantido em suas páginas. Sob o título “Crime da Praça da República” e uma foto da vítima, as informações variavam entre como fora encontrada, possíveis suspeitos e as que permitem ter uma referência a seu respeito. Tratava-se da peruana Izabel Tejada y Perez, 42 anos de idade:

Aqui chegada, Izabel estabeleceu-se em uma casa de modista denominada 'White-House', à antiga rua Pais de Carvalho, hoje Senador Manoel Barata. Era seu estabelecimento frequentado por pessoas da alta sociedade de Belém que apreciavam a perfeição de seus trabalhos. Há muitos anos viveram maritalmente com um francês, de quem conseguiu adquirir alguns haveres com os quais se veiu radicar em Belém. Esteve residindo em Paris e lá possui uma filha⁴⁶

Presumivelmente uma mulher já conhecida pela classe abastada de Belém, o que se deve, segundo o trecho do jornal, ao seu trabalho de modista que viera exercer nesta capital, estrangeira, tendo vivido em Paris enquanto casada, aparentemente optando por viver sua vida independente de marido e filha em outro lugar, mantendo-se as suas próprias expensas. Morando na capital, em residência bem localizada, da qual de acordo com a matéria, pretendia tornar-se proprietária:

Quinta-feira ultima conforme conversando, nos relatou o dr. Cavaleiro Macedo, mandou ela propor, quinta-feira da semana passada, por intermédio de seus advogados, ao procurador da casa onde residia, isto pé, ao sr. Alves Dias, a compra da mesma pela importância de CR\$ 50.000,00 que poderia ser paga imediatamente⁴⁷

A peruana, então, após aqui chegar, não só conseguira manter-se, como possuía quantia suficiente para adquirir a casa onde residia, dispendo também de advogados para auxiliá-la. Sendo assim, é possível inferir pelos indícios da notícia, tanto quanto em outras

⁴⁶ Jornal *Folha Vespertina*. Belém, Edição das 16 Horas, 13 de novembro de 1942, p. 1. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.

⁴⁷ Jornal *Folha Vespertina*. Belém, Edição das 16 Horas, 13 de novembro de 1942, p. 1. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves.

fontes, como os folhetos de cordel⁴⁸ que veremos mais à frente falando do assassinato de Izabel, que ela não apenas fama tinha, como o patrimônio do qual dispunha, além de advogados cuidando de suas aquisições, e ainda de mulheres que trabalhavam em sua casa, auxiliando-a em seus serviços de modista. Como cita a reportagem do dia 16 de novembro, também da Folha Vespertina, que destaca a exumação do corpo e os procedimentos policiais, entre os quais, a inquirição de algumas pessoas, entre elas:

Pela manhã de hoje, foi ouvida a lavadeira de Izabel. Chamava-se Zuleide Alves Morais da Silva [...] Há oito meses, pouco mais ou menos trabalhava para a peruana. Fôra-lhe apresentada, por uma sua patrícia, de Izabel, de nome Antônia [...] lavava apenas peças de roupas grandes, tais como lençóis, redes, colchas, etc.⁴⁹

Em seguida as matérias em que a Folha Vespertina frisou quem fora a vítima do assassinato, evidenciou detalhes de sua vida reforçando ser Izabel uma mulher notada pela alta sociedade belenense, detentora de consideráveis recursos, razões que possivelmente moveram o empenho da imprensa no seu caso. Isto posto, não só os periódicos, como também a polícia engajariam constantes esforços em desvendar o mistério por trás de sua morte, ao passo que traria a público os rostos dos culpados, e como que um dever para com a sociedade, os impressos se encarregariam de informar o destino que lhes coube.

Nesse sentido, a partir da próxima matéria e nas que seguem, será possível identificar uma constância acerca da representação dos criminosos, suas vidas, relações e práticas. Então, na “Edição das 11 Horas”, do dia 21 de dezembro, a folha novamente cedia lugar de destaque em toda página principal, carregada de fotos e novas informações sobre o caso de Izabel. No entanto, apesar do subtítulo chamar atenção para o assassino “O bárbaro matador de Izabel”, é com essa reportagem que os leitores viriam a conhecer a mulher que também estava envolvida no crime aqui apresentado.

⁴⁸ “A produção impressa de folhetos de cordel se iniciou no Nordeste no final do século XIX. O poeta Leandro Gomes de Barros tem um papel de destaque nesse momento, já que, segundo Ruth Brito Lêmos Terra “a partir do tema da tradição oral e de acontecimentos do momento ele criou a literatura popular escrita do Nordeste. Enquanto viveu foi ‘primeiro sem segundo’ na sua arte. O cordel chega a Amazônia com a migração nordestina, ocorrida no final do século XIX e início do XX, no contexto do auge da produção da borracha na Amazônia. Segundo Vicente Salles, com essa migração nordestina criou um “mercado consumidor de poesia em potencial, a chamada literatura de cordel também se espalhou largamente”, ver MENEZES NETO, Geraldo MAGELLA DE. Por uma história do livro e da literatura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922-1949). Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós- Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2012, p. 15.

⁴⁹ Jornal *Folha Vespertina*. Belém, Edição das 16 Horas, 16 de novembro de 1942, p. 1. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves.

Personagem central, através da qual, será realizada a discussão sobre feminilidade e masculinidade, era ela a moça chamada Beatriz da Conceição, de família pobre⁵⁰, residia na rua Ângelo Custódio no bairro da Cidade Velha, com seus pais e irmã. Contava com 19 anos de idade quando se deu o envolvimento na morte de Izabel Tejada, caso que a tornou conhecida dos leitores dos periódicos como Beatriz Colares, sobrenome de seu marido, que ela possuiria até o pedido de desquite. Supostamente, Beatriz teria participado do crime por causa de sua relação amorosa com o rapaz chamado Raimundo Lucier (Red Lucier⁵¹), que seria um dos assassinos de Izabel e, com quem manteria um caso amoroso. A história se encarregará de justificar o atributo, a então memorável Beatriz Afonso Colares:

tem uma história bem triste. Conta com apenas 19 anos. Aos 16 consorciou-se com Francisco Norton Colares. Este casamento constituiu verdadeiro desgosto aos genitores, o antigo mestre das oficinas Pires da Costa & Cia, Luiz Caetano Afonso, e Alexandrina Alves de Alencar. Foi tão grande o abalo aquele sofreu, que, hoje, carpe, no fundo de uma rede [...] Ele mesmo, arquejando declarou à nossa reportagem que sua filha é uma desmiolada. Com o presente desgosto sabe que, fatalmente será arrastado ao túmulo. Deu-lhes conselhos diversos: ela porém nunca lhes quis obedecer⁵²

O fragmento da matéria é claro em evidenciar a busca por informações para além daquilo que a polícia oferecia. A reportagem foi ao encontro do pai de Beatriz e com as declarações que lhe dera a respeito de sua filha, o jornal fez uso de maneira a reforçar valores e comportamentos que deveriam ser tomados como padrão à época. Em outras palavras, os impressos eram vias de ratificar condutas favoráveis aos parâmetros tão exigidos em nome da moral e da honra⁵³:

De marido ausente, possui uma filhinha. Mas nem o amor que deveria ter pelo fruto de suas entranhas lhe prendia ao lar. Saí todas as noites, carregando às escondidas, a chave da casa, para ludibriar seu pai. Apenas sua mãe lhe encobria as faltas, acomodando-a à hora que regressava. Frequentadora assídua do 'rendez-vous' de Izabel Tejada, pediu aos seus amigos que ali a procurassem somente na madrugada, enxovalhando, assim, o nome do seu esposo, com quem ainda mantém correspondência epistolar⁵⁴

⁵⁰ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, "Crime da Praça da República", vol. I, p. 8.

⁵¹ Alcinha atribuída à Raimundo Lucier Marques Leal, identificada nos jornais: Folha Vespertina; A Vanguarda e Folha do Norte.

⁵² Jornal *Folha Vespertina*. Belém, Edição das 11 Horas, 21 de dezembro de 1942, p. 1. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves.

⁵³ "Quanto aos jornais, revelam-se imprescindíveis para que se avalie como tais conflitos eram noticiados. Possibilitando analisar o discurso utilizado, segundo que valores que deveriam disseminar-se por toda a sociedade, iluminando os comportamentos desejáveis a homens e mulheres", ver SOIHET, Rachel. O corpo feminino como lugar de violência. Proj. História, São Paulo (25), dez. 2002, p. 270

⁵⁴ Jornal *Folha Vespertina*. Belém, Edição das 11 Horas, 21 de dezembro de 1942, p. 1. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves.

Por conseguinte, garantindo que os tipos ideais para mulheres (categoricamente) e também para os homens fossem corriqueiramente propagados, a reportagem corroborava os estereótipos através do não cumprimento de Beatriz às exigências colocadas à mulher⁵⁵. Mostrar aquilo que ia de encontro aos padrões, inclusive como uma forma de educar, ou seja, de divulgar atitudes consideradas ultrajantes, configurava um ato pedagógico. A julgar pelo cenário de meados do século XX, é importante ressaltar o eco que gerava nas ruas, nas praças, nas casas tudo o que era disseminado pelos jornais, tendo em vista seu alcance e a maneira como foram expostos aspectos da vida de Beatriz e dos demais personagens.

Em outros apontamentos dos periódicos sobre Beatriz, que serão evidenciados no decorrer deste trabalho, estes foram apenas alguns colocados pela Folha Vespertina de modo que, a partir das declarações do pai, foi o jornal construindo uma imagem daquela mulher que certamente ficaria marcada na memória dos que acompanhassem os impressos, por juízos moldados em discursos patriarcais⁵⁶. Da mesma maneira, a matéria que não só tratou do caso na página principal, se estendeu à outra página com informações sobre o proceder dos criminosos, a foto da residência nº 6 (casa de Isabel) e detalhes sobre o assassinato:

Raimundo Lucier Marques Leal dos Santos, que mais se fazia conhecer simplesmente por Red Lucier, é um desses tipos dignos de acurado estudo criminológico. Para identificá-lo na escala daqueles cujos instintos acompanham desde o berço, nossa reportagem, depôs de sindicâncias estafantes, conseguiu colher dados suficiente em torno de sua genealogia [...] Red era filho de um aventureiro das plagas pernambucanas, chamado Antônio Lopes Cavalcante. Assentara arraial em Igarapé-assú, onde inúmeras foram as vítimas do seu espírito don-juanescas. Sua genitora enfileira-se entre essas infelizes⁵⁷

Assim como fizera em relação à Beatriz, a reportagem também tratou de buscar informações sobre quem era Red Lucier, mais ainda, de enfatizar o trabalho feito para obtê-las. Circunscrita em uma ordem paternalista, a imprensa para dar vazão a valores

⁵⁵ “Casamento e procriação continuavam a ser o destino de uma mulher, ser mãe (...) conferia-lhe uma posição de prestígio na sociedade, maior do que qualquer outra carreira. Não desempenhar o papel materno seria algo como trair a essência feminina”, ver SCOTT, Ana Silvia. “O caleidoscópio dos arranjos familiares”. In: Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo. Contexto, 2012, p.24.

⁵⁶ “Patriarcalismo pode ser definido como estrutura onde se assentam todas as sociedades contemporâneas. É caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente do homem sobre as mulheres e filhas no ambiente familiar, permeando toda a sociedade, da produção, do consumo, da política, à legislação e à cultura. Nesse sentido, o patriarcado funda a estrutura da sociedade, recebe reforço institucional, nesse contexto, relacionamentos interpessoais e personalizados são marcados pela dominação e pela violência”, ver BARRETO, Maria do Perpétuo Socorro Leite. Patriarcalismo e Feminismo: Uma perspectiva histórica. Revista Ártemis, vol. 1, Dez. 2004, p. 64.

⁵⁷ Jornal *Folha Vespertina*. Belém, Edição das 11 Horas, 21 de dezembro de 1942, p. 1. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves.

condicionantes à mulheres e homens, em nome da família fez uso da figura do pai⁵⁸ para frisar condutas das quais divergiam ou ainda, para justificar que os desvios destas, também poderiam ser resultantes da hereditariedade. Desse modo, vê-se as declarações do pai de Beatriz sendo usadas para ratificar aqueles que eram vistos como seus desvios de conduta, enquanto que, no caso de Red, as atitudes de seu pai são colocadas como geradoras de sua inclinação ao crime, apresentada como patologia:

Cresceu. Com 19 anos ingressou na Corporação de Fuzileiros Navais, no Rio de Janeiro. Três anos depois deram-lhe baixa por conclusão de tempo [...] É, não resta dúvida, um moço inteligente. Fala com firmeza e sem incorreções [...] Às vezes, queda-se taciturno, e quando desperta é para recriminar-se. Julga-se um homem possuído de loucura momentânea [...] Mas não sabemos se podemos dar crédito as declarações de Lucier⁵⁹

Sucintamente, essas são as três personagens que conduzirão esta primeira parte da trama: Izabel Tejada, Beatriz Afonso e Red Lucier. Até agora foram apresentadas de maneira introdutória, cabendo porém, além de uma explanação minuciosa, compreender suas relações para então inferir acerca da feminilidade e masculinidade que os circunscreviam, mas que não os rendiam. Posto que, essas categorias, como será possível acompanhar pela trajetória de Beatriz, se faziam variáveis, como bem aponta MATOS (2000):

não há masculinidade ou feminilidade únicas, modelos universais, válidos para todos os tempos e lugares. São imagens de poder que explicitam visões mais voltadas para o dever ser do que para o ser, num processo de construção das reputações de gênero, regido por uma dinâmica de relações exclusão⁶⁰

Apoiada na perspectiva de Matos, seguiremos com o caso de latrocínio de que foi vítima a peruana, a relação desta estabelecida com Beatriz e Lucier, baseada nos discursos da imprensa. Enunciados que mesmo propagando papéis a serem cumpridos pelos atores sociais, deixaram perceber que mulheres e homens eram, e são, agentes que circulam entre categorias de representação, ora concordantes com a ordem, ora com a desordem. Logo, as vivências

⁵⁸ “O pai foi, durante séculos, um mecanismo fundamental de estruturação de família, principalmente de seu poder. Ele era um eficiente mecanismo de articulação da família com o Estado e a Igreja. Ele representava uma genealogia, um nome e um sangue e, em muitos casos, a influência política das famílias reunidas em torno de um patriarcado mais forte ainda. E mesmo nas famílias pequenas ou reduzidas, ele era a voz do comando” ver, DEL PRIORE, Mary e AMANTINO, Marcia (org). História dos Homens no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 158-159.

⁵⁹ *Jornal Folha Vespertina*. Belém, Edição das 11 Horas, 21 de dezembro de 1942, p. 3. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves.

⁶⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000, p. 99.

desses sujeitos, ou partes delas expostas nos jornais nos permitem mais do que os princípios norteadores, analisar o que era tolerável ou condenável: “Trata-se de apreender o ser através da experiência vivida e não através de ideias estaticamente, o que remetia de volta ao discurso normativo de dominação”⁶¹.

Por conseguinte, buscar-se-á compreender quem eram esses sujeitos, as representações que recaíam sobre eles e principalmente de que forma estavam relacionados Izabel, Beatriz e Red. Tendo os impressos como fontes principais desta pesquisa, mas também levando em conta processos criminais, folhetos de cordel e o auxílio da memória oral, que reforçam o corpo documental deste trabalho, quanto a estes últimos surgirão no decorrer do texto.

Desse modo, será possível percorrer as variáveis de nossas personagens para além de categorias imutáveis. Considerando as possibilidades de estarem, porém, sem permanecer em apenas um papel social, esta pesquisa investigará por quais representações de femininos e masculinos transcorreram, além de modista, frequentadora do “rendez-vous” e o fuzileiro naval.

3.2 Femininos e masculinos ressignificados pelas imagens de Izabel Beatriz e Lucier

Ele me contou que se lembrava da peruana, né? Então ele lembrava do crime que fizeram com ela, porque o que al era, era uma prostituta? Pois é. Foi o rapaz e a Beatriz, foi isso que teu avô me contou. Mas ele leu jornal, porque ele não tinha condições de tá lá perto. Ele lia muito jornal, aí chegou a ler esse caso da peruana (informação verbal)⁶²

Mais de meio século após o assassinato que iria reverberar na cidade de Belém, a memória⁶³ sobre sua repercussão ainda é viva. O caso que ganharia espaço nos jornais desta cidade e também de outras, como o Rio de Janeiro, é ainda uma lembrança nítida na memória de uma senhora de 90 anos de idade, que entrevistei (dentro das normas da ABNT). Tamanha a proporção tomada, Vicência Leão se recorda ainda hoje de seu esposo lhe contando que haviam matado a peruana, assim como também lembra que a mulher de nome Beatriz estivera envolvida.

Nascida na cidade de Belém, sempre residiu no mesmo endereço, no bairro da Cremação, sendo possível obter a entrevista por meio de vínculo familiar. Questionada sobre

⁶¹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Novas Subjetividades de Pesquisa: Uma Hermenêutica das diferenças*. Estudos Feministas. N. 2/94, p. 377.

⁶² LEÃO, Vicência Barbosa Pinto. *Crime da Praça da República*. Entrevista concedida a Jessica Pastana [08.2018].

⁶³ “E porque a memória é mutante, é possível falar de uma História das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História Oral” ver ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In: *Fontes Históricas*. São Paulo. Contexto, 2005, p. 167.

o “Crime da Praça da República”, a entrevistada disse que se recordava do momento em que seu marido comentava o ocorrido, sabendo através dos jornais, enfatizando ser Beatriz uma mulher perigosa.

Além disso, na fala citada de Vicência Leão, chama atenção Izabel ser colocada como possível prostituta, corroborando ser nossas personagens, sujeitos transcorrendo entre o que era aceitável, ou o que era considerado indigno na sociedade. Nesse sentido, a partir da próxima matéria a ser exposta, será possível notar uma mudança na abordagem jornalística, não só pelo “sensacionalismo” descrito na reportagem, como na forma de ser ressignificada a imagem de Izabel com base nas declarações de Red. Trata-se de uma matéria sobre o relatório do chefe de gabinete de investigações, da captura do criminoso e o proceder da polícia.

Assim, no dia 26 de dezembro de 1942, na “Edição das 16 Horas”, de número 16.681, sob o título “O assassinato da Praça da República”, a Folha Vespertina trazia detalhes da captura de Red e Beatriz e o que teria sido a fala de Red Lucier à reportagem. Tendo supostamente feito o pedido, de que também fossem ouvidas pela polícia as pessoas que tinham sido “vítimas de Izabel”. Segundo o jornal, Red relatou o caso do homem que teria um encontro com uma mulher promovido por Izabel, mas que ao ver a moça apresentada pela peruana, reconheceu ser sua filha:

Estavamos no Gabinete de Investigações e Captura quando de sua prisão, nos altos, Red Lucier fez sinais, manifestando desejo de falar ao repórter. Com consentimento do sr. Melquiades Costa fomos ter com o detento [...] Eu queria pedir uma coisa. Acho que pode ser feita. Deseja que neste inquérito, fossem ouvidas as mil e uma vítimas de Izabel Tejada. E que não esqueçam daquele pai que, convidado pela peruana, fôra, no seu alcouce, encontra-se com uma mulher que era sua última aquisição, tendo o doloroso dissabor de se deparar com a própria filha, para ali arrastada pelos assédios constantes da megera⁶⁴

A respeito do trecho extraído da matéria, com o que teria dito Red Lucier, sobre a peruana ao repórter, cabe destacar que é imprescindível uma análise minuciosa sobre os que falam, não fazendo das verdades aparentes, alegações absolutas e, não desconsiderando dentre elas, os indícios como possibilidade de prova⁶⁵. Sendo a principal ferramenta para este ofício,

⁶⁴ Jornal *Folha Vespertina*. Belém, Edição das 16 Horas, 26 de dezembro de 1942, Num. 16.681. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves.

⁶⁵ “A prova factual não é necessariamente direta, pode ser procurada nos detalhes, aparentemente desprezíveis. Eis o que Carlo Ginzburg designa por paradigma indiciário, ao fazer referência entre outros autores, a Sherlock Homes. Neste ponto, a atribuição de quadros a um autor fornece um bom exemplo: o detalhe das orelhas ou dedos, é às vezes mais convincente do que assinatura. No entanto, o historiador, assim como o juiz alimenta seu dossiê com provas, indícios materiais (impressões digitais, marcas de sangue, etc.), de testemunhas, de documentos e chega a conclusão que habitualmente são aceitos como extas. A investigação conduzida metodicamente constitui um regime de verdade que, apesar de não ser próprio da história, é aceito comumente,

a redução da escala de observação, procedimento essencial na análise da micro-história e como aponta Levi (2011) “trata-se de um estudo intensivo do material documental”⁶⁶. Portanto, para conseguir enxergar o plano de fundo desse caso, é preciso reconhecer quem o compôs, tanto quanto suas relações e a conjuntura da qual fizeram parte.

Desse modo, antes de dar continuidade com a análise dos discursos provenientes dos jornais, inclusive, para que os acontecimentos expostos nos periódicos sigam uma linha coesa, é necessário aqui, mostrar como estavam relacionados vítima e criminosos. Logo, será feita uma síntese com base nos folhetos de cordel *Suplemento de Guajarina - Arinos de Belém (Primeiro e Segundo Volumes)*:

Os folhetos sobre o “Crime da Praça da República” de Arinos foram publicados provavelmente entre o final e dezembro de 1942 e janeiro de 1943. A hipótese para tal data é porque os dois folhetos fazem uma abordagem geral do caso, finalizado com a prisão de Red Lucier e Beatriz Colares, que ocorreu na data de 20 de dezembro de 1942⁶⁷

Nascido em Igarapé-Assú, Red Lucier partiu como fuzileiro para o Rio de Janeiro, retornando após três anos, trazendo em sua bagagem, de acordo com o cordel, a fama de “moço criminoso”⁶⁸. Aqui casou-se, tornou-se pai, e no entanto, ao que indica a fonte⁶⁹, não era essa a vida que levava. Supostamente vivendo de luxo, mas sem ter trabalho para assim manter-se, partiu para o roubo. Segundo Arinos de Belém, Red “atirou-se às aventuras sem emprego ou profissão”⁷⁰, acrescenta “atirou-se a conquistar mulheres”⁷¹, e afirma o autor do cordel que foi no local chamado Harém⁷² que Red conheceu a peruana Izabel Tejada, esta de

sem reservas por ela, ver PROST, Antonie. *Doze Lições sobre História- 2ª Edição*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014, p. 259-260.

⁶⁶ LEVI, Giovanni. Sobre micro-história. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 136.

⁶⁷ MENEZES NETO, Geraldo MAGELLA DE. *Por uma história do livro e da literatura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922-1949)*. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós- Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2012, p. 135-136.

⁶⁸ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 3.

⁶⁹ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I.

⁷⁰ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 5.

⁷¹ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 5.

⁷² Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 6.

“tudo lhe mostrou, roupas, córtes, figurinos, joias, segredos contou”⁷³. Nesse interim, Izabel apaixonou-se por Red e de acordo com o texto do cordel “tornaram-se amantes”⁷⁴, entretanto, em pouco tempo ele demonstrou não ter sentimento por esta mulher “que sempre a denunciou, era cafetina em scena e muitas vítimas causou. Dela apenas o dinheiro ele queria”⁷⁵

Em seguida, Red conhecia Beatriz, mulher oriunda de família simples, que havia se casado “contra a vontade de seu pae”⁷⁶, causando naquele senhor “sério desgosto”⁷⁷. Seu marido havia partido para as terras cariocas, deixando-lhe uma filha para criar, mas Beatriz, nas palavras de Arinos de Belém, “bateu azas para vôar”⁷⁸. Frequentemente saía e além da Igreja (como lugar de bons costumes), ela estava presente em festas e hotéis, porém, foi em uma missa que conheceu Red. A aproximação logo se deu, Beatriz e Red estavam sempre juntos, inclusive na casa da peruana, “Beatriz – a loura vênus frequentava a casa 6 e naquele rendez-vous tinha quatro, cinco e seis”⁷⁹. As saídas do casal eram constantes, o que possivelmente deixava Izabel cair em ciúmes, e talvez por não mais sustentar os luxos de seu amante, este tenha planejado sua morte. E assim, no dia 8 de novembro de 1942, na casa de Izabel, Red a estrangulou sem chance de defesa, deixando seu corpo sobre a cama, enquanto Beatriz vasculhava os móveis e malas.

Após deixarem o local, Red conseguiu uma hospedagem para ficar com Beatriz. Período em que a polícia investigava o assassinato da peruana, mas sem êxito, até tomar conhecimento do caso do *chauffeur* Francisco Santos. Esse que no dia 19 de novembro foi contratado por Red para duas horas de “passeio na cidade”⁸⁰, indo buscar em frente à Assembleia, uma “jovem loura”⁸¹. Depois de passarem por vários bairros, Red disse ao

⁷³ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 7.

⁷⁴ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 7.

⁷⁵ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 7-8.

⁷⁶ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 8.

⁷⁷ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 8.

⁷⁸ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 9.

⁷⁹ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 10.

⁸⁰ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. II, p. 5.

⁸¹ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. II, p. 5.

chauffeur que os levasse à “Piscina Cristal”⁸², ao que a vítima respondeu que a ocasião não era boa para irem ao local e já na avenida Tamandaré, Francisco disse que o percurso seria inviável podendo o carro atolar. Ao manobrar o automóvel, sentiu no pescoço algo o engasgar e ouviu Red ordenar que Beatriz iniciasse o roubo.

E então, lhes levaram o dinheiro, carteira e relógio, abandonaram o local em seguida, mas, com a dúvida se o *chauffeur* estava mesmo morto. Ele foi salvo por um colega de trabalho, que o encontrou e o acompanhou até à polícia para registrar o ocorrido. Ao passo que, foi notada semelhança com o caso de Izabel, levando os investigadores às ruas em busca dos criminosos. E, no Largo do Palácio, foram avistados, identificados e receberam voz de prisão. Interrogados, admitiram que “um matava e ela roubava”⁸³ e outros crimes teria cometido se não fosse pela morte de Izabel. E ao final da história contada pelos folhetos, é lançada a possibilidade de culpa sobre Beatriz pelos atos de seu companheiro: “*Finalmente, o que será, criminoso ou seduzido? Beatriz a loura venus o teria corrompido? A sua louca amizade o teria enlouquecido?*”⁸⁴

Assim, a partir da síntese construída com base nos folhetos de cordel, além da proporção tomada pelo crime, pôde-se verificar que mais do que vítimas e criminosos, os sujeitos desta trama estavam envolvidos em um triângulo amoroso. Estavam ligados por mais do que o latrocínio, segundo os folhetos de cordel, Izabel seria modista e, supostamente proprietária de uma casa de encontros⁸⁵, presumivelmente local já conhecido de Beatriz, e ambas teriam casos amorosos com Red.

Contudo, dois aspectos chamam mais atenção na descrição dos cordéis e que serão relevantes à discussão aqui proposta: a importância atribuída pelas autoridades ao caso de Izabel Tejada⁸⁶, ainda que se tratasse de uma suposta prostituta e o apontamento não só nos cordéis, como também veremos, nos jornais sobre uma responsabilidade que recaía inflexível sobre Beatriz, até mesmo pelas atitudes tomadas por Red.

Nesse sentido, questiona-se a respeito de Izabel e Beatriz, se ambas circularam pelos recônditos da prostituição, porque, então como mostraremos, tiveram imagens construídas de

⁸² Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 6.

⁸³ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. II, p. 13.

⁸⁴ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. II, p. 15.

⁸⁵ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 6.

⁸⁶ “Era necessária argúcia de nossos policiais para desvendar o crime feito de maneiras taes que hoje vive espalhado nas colunas dos jornaes”, ver Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. II, p. 4.

formas distintas pelos jornais? Mulheres pertencentes a classes sociais diferentes, uma que mantinha-se e possuía bens e quantia para a compra de sua casa, a outra de família pobre, morando com os pais e a irmã. Izabel, aos 42 anos de idade, já havia residido em Paris, onde teria deixado marido e filha. Beatriz, com 19 anos de idade estava casada e também era mãe, porém, assim como Izabel, segundo os jornais, não criava a filha. Ambas presumivelmente tinham relações amorosas além de seus casamentos, desse modo analisaremos como suas diferenças e semelhanças foram representadas nos periódicos.

Ademais, concernente as personagens aqui colocadas e as respectivas análises dos discursos da imprensa em torno de feminino e masculino, é preciso antes de dar continuidade ao estudo dos jornais, destacar que não se trata de romantizar as imagens de mulher de recato, a prostituta ou a do provedor do lar ou criminoso, por exemplo, mas sim de considerar suas escolhas e circularidades quanto à feminilidade, condizentes ou diversos à ordem. No mais, o trabalho de Richard Miskolci “*O desejo de nação*” será utilizado na análise dos discursos construídos, na tentativa de compreender Beatriz em suas relações, ligadas à sociedade onde estavam situadas, vide o desejo de nação que também atravessa a época em que viveu nossa personagem, utiliza-se de discursos e práticas das elites políticas, que buscavam uma hegemonia assentada num ideal branco e heterossexual:

No Brasil, a preocupação coletiva com a sexualidade emergia da intersecção de discursos políticos, científicos e literários sobre a nação brasileira que seguiam objetivos como o de branqueamento\civilização do nosso povo por meio de práticas claramente discriminatórias ou formas sutis de rejeição, disciplinamento e controle das relações íntimas, particularmente as afetivas ou sexuais conformadas ao ideal reprodutivo (portanto heterossexual) branco e viril⁸⁷

Doravante, prosseguindo com a análise dos discursos, ainda com a Folha Vespertina, esta vinha trazendo numa certa sequência os fatos, traçando uma linearidade do caso, no dia 30 de dezembro de 1942 publicou na “Edição das 16 Horas”, uma matéria breve na primeira página, reproduzindo ainda (na página posterior), uma carta que teria sido escrita por Izabel. De forma sucinta, a reportagem relata os crimes de que Red e Beatriz foram acusados, com o título “Sob a ação da justiça o último crime de Raimundo Lucier e Beatriz Colares” em tiragem de número 16.686, a folha divulgava:

Na FOLHA VESPERTINA de segunda-feira última, edição das 16 horas, publicamos na íntegra a denúncia oferecida pelo 1º promotor contra Raimundo Lucier Marques Leal

⁸⁷MISKOLCI, Richard. *O desejo de nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2013 (Coleção Queer), p.

e Beatriz Afonso Colares, acusados dos crimes de homicídio e furto qualificado na pessoa do chauffeur Francisco Santos. A vítima fora internada, após o crime na Ordem 3^a, e, seguida, transferida para o hospital Dom Luiz I, em estado grave⁸⁸

Além disso, chama atenção a sequência em que vinha publicando os acontecimentos, a folha também discorre sobre a segunda vítima do casal e o estado em que se encontrara, ou seja, o segundo crime cometido também ganhara repercussão e compunha a sucessão de reportagens, como um tipo de folhetim. Igualmente, a reportagem citada também trazia uma carta de Izabel (segundo o jornal, que constava no processo crime contra Red e Beatriz) que seria remetida à uma sobrinha, Carmen Tejada Hoyos, esta que residia em Santarém. A carta escrita em 10 de outubro de 1942, possivelmente entre em evidência dado seu teor, a peruana solicitava à sobrinha que lhe arrumasse um feiticeiro, a fim de atrair seu amante Lucier e afastar Beatriz:

Cholita, mina situação moral é triste, sôbre o jovem esse já sabes tu... não há feiticeiro que faça uma cousa a meus desejos. Será possível encontrar em Santarém? Já estou farta de gastar... nada há que o desuna, um aborrecimento cruel era preciso botar em sua porta... Não sei mesmo que podia ser. Aqui, não há, se tiveres a certeza de encontrar em Santarém eu faria o sacrifício de ir-me... vê se há uma coisa... diz à tua mãe e dá-me uma esperança. Tua tia Chavi⁸⁹

Nesse sentido, esta carta que teria sido supostamente escrita pela peruana, corrobora não só o triângulo amoroso que a envolvia juntamente com Red e Beatriz, como também reforça as investidas de Izabel em manter o amante ao seu lado, não só lhe oferecendo dinheiro⁹⁰, mas também empreendendo esforços em crenças populares. Estas que, ela deixa claro na carta já ter recorrido antes e, de maneira particular requisitou a ajuda de sua sobrinha para encontrar um “feiticeiro”, haja vista que práticas como feitiçaria (curandeirismo), cartomancia, assim como a vadiagem e o meretrício eram males vistos diante da nova ordem que se buscava:

Diga-se de passagem que intelectuais que escreveram pró ou contra a pajelança também tiveram sua dose de responsabilidade em relação à continuidade, reprodução e transformação das práticas e representações da religiosidade amazônica [...] O tom

⁸⁸ Jornal *Folha Vespertina*. Belém, Edição das 16 Horas, 30 de dezembro de 1942, Num. 16.686. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves.

⁸⁹ Carta de Izabel Tejada, publicada no Jornal *Folha Vespertina*. Belém, Edição das 16 Horas, 26 de dezembro de 1942, Num. 16.681. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves.

⁹⁰ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 8.

pejorativo do discurso jornalístico – policial poderia ser (e muito provavelmente foi) lido de modo inverso ao que as palavras pretendiam impor à primeira vista⁹¹

Atividade incompatível com o progresso que a todo custo era visado. Logo, possivelmente a sua busca por um feiticeiro de forma reservada tenha se dado, por esta ser considerada crime à época.

Nesse novo CP, de 1940, no Título VIII - Dos Crimes contra a Incolumidade Pública, Capítulo III - Dos Crimes contra a Saúde Pública, há três artigos (282 a 284) que reeditam, com muitas alterações, o confronto entre doutores, falsos doutores, charlatães e curandeiros. Complementando essa legislação, na Lei das Contravenções Penais - LCP -, de 1941, também há um dispositivo sobre sortilégios⁹²

Nesse caso, não somente configurava uma prática a ser reprimida durante a década de 1940, pois, o Código Penal deste ano apenas reforçava, aquilo que já havia sido prescrito pelo código de 1890, onde práticas mágicos-religiosas-curativas foram incisivamente advertidas.

Portanto, atravessando as malhas do Código Penal e divergindo da moral tão cara às mulheres e que é mencionada na carta, Izabel procurava por seus meios ter o homem que queria. Além disso, ao dizer que se fosse preciso, se deslocaria para Santarém atrás de um feiticeiro, reitera sua boa condição financeira. Condição esta, já posta através de seus advogados que intermediariam a compra da casa onde morava, também através da lavadeira Antônia, citada entre as pessoas ouvidas pela polícia e que prestava seus serviços à Izabel. Logo, ainda que estivesse inserida no tão condenável mundo da prostituição, o que lhe colocaria à margem da sociedade por questões financeiras e morais, uma vez que dispunha de meios não só para manter-se, como também para manter o amante, além de ser uma figura pública e já conhecida da classe abastada.

Como já mencionado pelos jornais, aqui estabelecida, a princípio tornara-se muito procurada pela alta sociedade de Belém enquanto modista, o que apesar de lhe garantir autonomia e liberdade, era uma profissão que constava no rol das malvistas e estigmatizadas na sociedade, considerando que o progresso, a modernidade e a inserção da mulher no mercado de trabalho ainda eram regulados pela moral: “Entre as classes desafortunadas é que

⁹¹ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. A cidade dos encantados: pajelança, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia; a constituição de um campo de estudo: 1870-1950. Dissertação (Mestrado). Campinas, SP: 1996, p. 204\205.

⁹² SCHRITZMEYER, Ana Lúcia Pastore. Sortilégio de Saberes: curandeiros e juízes nos tribunais brasileiros (1900-1990). São Paulo: IBCCRIM, 2004, p. 80.

se deve proporcionar tal educação, pois é delas que sai o grosso das prostitutas: são as operárias, modistas que contribuem maiormente para a classe das meretrizes”⁹³

Contudo, além de modista como fora colocada pelos folhetos de cordel, Izabel, como foi identificada na memória oral, era vista como prostituta e, através das declarações de Red e Beatriz que precisavam manter um discurso de defesa, ela seria cafetina. Meios pelos quais, possam ter lhe possibilitado dispor de advogados, ter quantia necessária para adquirir sua casa, tornar seu nome conhecido na cidade de Belém e, não obstante, é provável que apesar de aparentemente ser uma mulher solteira, sendo conhecida como modista, Izabel, por suas condições materiais tenha conseguido uma distinção, em relação à Beatriz, na construção de sua imagem pelos impressos. Posto que, ainda que esses publicassem as declarações dos acusados, afirmando que ela era responsável por Beatriz cair na prostituição, aí encerram, pouco ou nada há de investigações jornalísticas ou policiais concernentes a essa prática da peruana, sendo ainda tratado por “senhora” em outros periódicos, como veremos mais à frente.

Portanto, é evidente a diferença nas representações construídas pelos jornais, sobre Izabel e Beatriz, essa que fora retratada como exemplo de conduta vista como condenável para a sociedade, pois, além de estar envolvida com o crime, os jornais investigaram e deram espaço em suas páginas, para aspectos da vida de Beatriz que reforçariam a construção do padrão de mulher que transgredia as normas e a ordem.

Visto que, por trás das páginas editadas, haviam homens prescrevendo verdadeiras cartilhas de conduta. Ademais, manter em evidência a imagem de uma mulher que estaria supostamente inserida nos recônditos da prostituição, seria interessante para alimentar os folhetins de sensacionalismo e ainda corroborar a perspectiva pedagógica sobre esta, vista como ser inferior e que precisaria ser tutelada e corrigida. (Discursos médico, jurídico e político norteavam os papéis sociais. Discorrer sobre aqui e no início do capítulo).

A perspectiva maniqueísta que pairava sobre os comportamentos, reduzia as mulheres aos dois espectros mais explorados desde o início do século XX. Entre serem cândidas, voltadas para o lar e família - a boa mãe, personificação de *Maria* -, ou ser uma mulher livre, que circulava nos espaços públicos como representação da *Pecadora*, a sociedade com seus ditames, por meio dos discursos propagados, usurpava-lhes a multiplicidade que viviam corriqueiramente, atravessando as diversas possibilidades do ser, de acordo com suas escolhas e estratégias de sobrevivência:

⁹³ RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: História das Mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi Pinsky (coord. de textos). - 10. ed., 6ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2018, p. 589.

Identificada à religiosa ou mesmo considerada santa, à imagem de Maria, a mãe será totalmente dessexualizada e purificada, ainda mais que, ao contrário, a mulher sensual, pecadora, e principalmente a prostituta, será associada à figura do mal, do pecado e de Eva, razão da perdição do homem [...] A primeira, toda alam e sacrifício - símbolo do bem; a segunda exclusivamente carnal e egoísta - encarnação do mal. Ambas, no entanto, submissas, dependentes, porcelanas do homem, incapazes de um pensamento racional e, conseqüentemente, de dirigirem suas próprias vidas⁹⁴

No mais, analisar as personagens aqui apresentadas, em especial Beatriz Afonso, é percorrer suas atuações enquanto agente da própria história e não nos fixarmos nos espectros em que foram colocadas, na tentativa de compreender suas relações e tramas. E a partir destas, identificarmos suas passagens por diferentes feminilidades e masculinidades. Isto posto, nas próximas matérias será possível verificar que, independente de conter verdade ou ser apenas subterfúgio para mostrar-se inocente, Beatriz não negou a realidade em que vivia diante dos homens que a interrogavam, mas usou dela para justificar seus atos. Artifício ou confissão, deixa evidente sua vivência na prostituição, assim como em contrapartida, afirma seu status de mulher casada, que teria optado por prostitui-se por não receber ajuda financeira de seu marido, isso somado à influência de Izabel.

Assim, mais uma vez na página inicial, a Folha Vespertina trazia mais um capítulo da história sobre o crime da Praça da República. Com o título “Iniciado o processo dos matadores de Izabel Tejada”, em 7 de janeiro de 1943, após reunir os fatos ocorridos pela manhã daquele dia, publicara na “Edição das 16 Horas” a notícia de que Red e Beatriz haviam sido interrogados no salão do Júri, com o detalhe que nos corredores do Palacete Azul estava reunida grande quantidade de pessoas, assim como também fora do local, no intuito de verem os réus. Segundo a folha, Red disse ao juiz que não sabia de mais nada, pois, já havia dado suas declarações. Já Beatriz, de acordo com a transcrição feita pelo jornal de suas supostas afirmativas, teria acrescentado:

Confessou mais que Lucier lhe ordenara revistasse, com êle, os móveis, gavetas, etc., para tirar jóias ou objetos de valor e dinheiro, tendo Lucier tudo guardado. Declarou ter agido com medo que sentia de ter o mesmo fim de Tejada, pois quando começou a ter relações de amizade com ele, em certa ocasião, Lucier tentou esganá-la [...] No tocante à sua vida conjugal, Beatriz declarou que certa ocasião e no início de seu conhecimento com Lucier, dissera à este que Izabel Tejada era culpada da sua prostituição, apesar de

⁹⁴RAGO, Luiza Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890- 1930 - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 82.

esperar durante um ano seu marido, que não lhe dera cém réis em todo esse tempo de ausência. Narrou, então, que se deixou explorar por Izabel⁹⁵

Portanto, ainda que os impressos compusessem a imagem de uma Beatriz criminosa, envolvida com a prostituição, mulher fatal, eram esses mesmos periódicos que carregavam informações permitindo identificar as diferentes feminilidades e masculinidade que ela percorreu. Como mencionado na matéria, Beatriz casou-se com o jornalista Francisco Norton Colares - como pude apurar a partir da certidão de casamento que encontrei durante a pesquisa - casamento registrado em cartório em 8 de dezembro de 1939 e também na igreja Catedral de Belém, em janeiro de 1940, de acordo com os registros de casamento civil localizado no Centro de Memória da Amazônia e a cópia do registro do casamento religioso cedido pela Cúria de Belém. E, pesquisando os registros de nascimento, também consegui saber que de seu casamento, um ano depois, em 7 de junho de 1941, teve uma filha, Maria Augusta, como consta de seu registro de nascimento, localizado no Arquivo Público do Pará.

Dessa forma, nossa personagem central circulou dentro e fora dos padrões impostos à mulher, antes de ter sido presa, identificada como co-autora de um assassinato, uma mulher que aos 17 anos de idade casou-se e conforme as exigências⁹⁶ da época civil e religiosamente, foi também mãe e esta sua condição foi posta em xeque quando Francisco Colares soube de seu envolvimento nos crimes e entrou com o pedido de desquite, requerendo também a guarda de Maria Augusta. Informações também divulgadas pela Folha Vespertina, no dia 11 de janeiro de 1943, em sua primeira página, mas já não no centro e sim em colunas laterais, sob o título: “O marido de Beatriz Colares requereu desquite e a entrega de uma filhinha”, na “Edição das 16 Horas”, publicara que Beatriz pela manhã tinha sido citada na cadeia São José para estar presente aos termos da ação de desquite:

O desquitante alegou que a vida do casal decorreu em harmonia, e que, em 16 de maio de 1941, embarcara pra o Rio de Janeiro, com o intuito de obter melhor colocação. Dal, enviava dinheiro regularmente à sua mulher. Vindo em outubro último, a Belém, combinou com sua mulher o embarque desta e de sua filhinha, em fins de dezembro próximo passado, para o Rio, em avião da NAB. Ocorreram, então, os fatos criminosos

⁹⁵ Jornal *Folha Vespertina*. Belém, Edição das 16 Horas, 07 de janeiro de 1943. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves

⁹⁶ “Mesmo que boa parcela da população vivesse em meio a uniões ilegítimas, o matrimônio era uma referência importante na representação social, e a busca pela legitimidade circulava entre os casais dos segmentos populares, embora, para estes últimos, as dificuldades materiais, a ausência de patrimônio e o costume, além de outros fatores enunciados anteriormente, tornassem menos corriqueiros os consórcios institucionalizados. Contudo, nem por isso, o casamento deixava de ser um valor, conferindo-lhe um *status* diferenciado e tornando-se, para muitos, um ideal a ser alcançado, mesmo após longo tempo de convivência estável com filhos crescidos”, ver CANCELA, Cristina Donza. Destino cor-de-rosa, tensão e escolhas: os significados do casamento em uma capital amazônica (Belém, 1870-1920). Cadernos pagu (30), janeiro-junho de 2008: 301-328.

nos quais estava ela envolvida [...] ‘Assim, tem o suplicante dois motivos absolutamente sérios para pedir o desquite do casal: adultério e sua esposa e a injúria grave [...] o segundo, na injúria que praticou contra o suplicante, envolvendo seu nome em acontecimentos de uma baixeza sem limites, esquecendo-se de sua responsabilidade de mãe’. O mesmo advogado requerera, por seu constituinte, a entrega da menor Maria Augusta, de um ano e seis meses⁹⁷

Desse modo, fora solicitada a guarda da filha do casal e desquite, este que teve como consequência “*a perda do nome do marido*”⁹⁸, processos que viriam a público com a divulgação nos periódicos. Sendo possível presumir que o desquite tenha contribuído para a perspectiva depreciativa sobre Beatriz, pois, apesar de garantido pelo Código Civil, na prática, a separação matrimonial não reservava boa imagem pela sociedade, no caso, era uma condição de censura à mulher:

Num tempo em que o desquite era coisa recente - foi instituído pelo Código Civil de 1942 (artigo 135), estabelecendo a separação sem dissolução do vínculo matrimonial -, não bastava o reconhecimento legal para que a nova situação fosse socialmente bem aceita. Aqueles que tinham a coragem de escolher essa via eram frequentemente vistos como pários (sobretudo as mulheres), indivíduos que haviam falhado na importante tarefa de constituir e manter família⁹⁹

Logo, ao atentar em expor que aquela mulher que acabara de ser presa, recebera o pedido de separação, a Folha Vespertina estava expandindo a normativa que em tese condenava o desquite, mas na prática condenava as mulheres desquitadas. Posto que, constituir família, separar-se e instituir outras relações, fora dos padrões, era ameaçador ao modelo de nação que buscava-se introduzir, pautado no estabelecimento e permanência de famílias (branca e heteronormativa). Tão logo, fugas a esse padrão, a exemplo de pessoas pretas, divorciadas, envolvidas em relações indesejáveis e das classes populares, era a força que movia o controle vindo do aparato político, médico e jurídico, que com seus discursos perpassavam os periódicos no intuito de disciplinar os indivíduos e suas relações:

Em fins do século XIX, o Estado brasileiro em sua forma republicana inicial encontrou na nação o eixo justificador que conectava os interesses da elite político e econômica ao progressivo controle das classes populares, mas - fato a ser melhor explorado - isto não se deu apenas pelas amplamente estudadas intervenções higienistas no espaço urbano, mas também pelas formas mais sutis de interferência e

⁹⁷ Jornal *Folha Vespertina*. Belém, Edição das 16 Horas, 11 de janeiro de 1943, Num. 16.709. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves

⁹⁸ Autos de Casamento em que são contraentes Francisco Norton Colares e Beatriz da Conceição. Cartório Privativo de Casamentos da Comarca da Capital do Pará, 1939 - Centro de Memória da Amazônia - p. 14.

⁹⁹ SCOTT, Ana Sílvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: Nova História das Mulheres no Brasil/ organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro. - São Paulo: 2012, p 21.

disciplinamento das relações íntimas, dentro do ideal de vida privada e doméstica, em especial na esfera das relações de gênero e da sexualidade¹⁰⁰

Ademais, a última matéria (entre as identificadas no levantamento) publicada na Folha Vespertina no dia 12 de janeiro de 1943, diferente das anteriormente divulgadas, não traz detalhes do caso do assassinato de Tejada, mas trata-se de um texto breve (em duas colunas laterais da página) de um “repórter amador” (não identificado) discorrendo sobre o temor gerado nas pessoas após tomarem conhecimento dos crimes de Red Lucier. Um texto de cunho apelativo que deixa evidente não só a indignação do autor, como também sua chamada às autoridades, assim como à sociedade sobre a necessidade de punição ao criminoso. Contudo, dado o sensacionalismo que circunscreve o texto, chama atenção o alertado autor para a tentativa de se justificar os crimes de Lucier, por doenças mentais, com o título “Seja como fôr, Red Lucier é um monstro”:

Tive como toda gente, a sensação de pavôr que o estrangulamento de Izabel Tejada produziu no espírito público, com a sobrecarga, ainda, de se lhe vir juntar, logo em seguida, o assalto ao chauffeur Francisco Santos [...] Tem que haver uma jaula para êle. Seja para segurá-lo como psicopata perigosíssimo, seja para encarcera-lo como delinquente monstruoso [...] O Ministério Público tem que estar alerta, acompanhando “pari passu” as antipáticas manobras que começam a esboçar-se em torno do processo, com evidente e revoltante objetivo de tirar partido do confucionismo das doenças mentais. É preciso cuidado. Seja como fôr, está em presença de Justiça o homem mais sinistro que já nasceu no Pará¹⁰¹

Em linhas gerais, identifica-se no texto da folha como poderemos acompanhar também em outros periódicos, o artifício da defesa em inocentar o criminoso, alegando para tal que o indiciado padecia de doenças mentais. Eram corriqueiras as investidas de advogados por esse subterfúgio, considerando o respaldo garantido no Código Penal¹⁰², além disso, com esse dispositivo também pode-se verificar uma flexibilidade ao se tratar de um criminoso, ao passo que Beatriz não dispôs dessa manobra em sua defesa. Ainda que na mesma condição de

¹⁰⁰MISKOLCI, Richard. O desejo de nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo: Annablume, 2013 (Coleção Queer), p.

¹⁰¹ Jornal *Folha Vespertina*. Belém, Edição das 16 Horas, 12 de janeiro de 1943. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

¹⁰²“O Código Penal de 1890 abriu caminho para a introdução do conhecimento especializado dos médicos ao isentar de responsabilidade os que se achassem em estado de completa privação de sentidos e de inteligência no ato de cometer crime (...) Os campos da moral e patológico iriam tornar-se mais claros no Código Penal de 1940. A famosa figura da “perturbação dos sentidos” desaparece na letra da lei e o Código, em seu artigo 21 estabeleceu expressamente irresponsabilidade do agente que, “por doença mental incompleto ou retardado, era ao tempo da ação ou da omissão, inteiramente incapaz de entender o caráter criminoso do fato de determinar-se de acordo com esse entendimento”, ver FAUSTO, Boris. Crime e Cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924) - 2ed., 1- reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014, p. 14.

acusados, ele autor e ela co-autora dos crimes, diante da justiça a masculinidade e a feminilidade personificadas em Red e Beatriz equivaliam a dois pesos, duas medidas. O que não necessariamente garantia ao criminoso a certeza de isenção da pena, no entanto era um recurso ao qual ele poderia recorrer, diferente da mulher que até poderia dispor do mesmo, mas que perante a lei tinha uma carga maior, pois, dela, era julgado além do crime, a conduta moral em meio à sociedade:

Os marcos de adequação social da figura masculina estão de modo flexível, de tal forma que a transgressão dos limites só ocorre em situações peculiares. Os marcos da figura feminina são outros e, como é sabido, muito mais estreitos. A identidade social da mulher tem como referência básica a esfera privada, ou seja, o lar, núcleo em que se concretizam duas virtudes: a fidelidade ao marido e a de predominância do instinto materno, consubstanciado do desvelo pelos filhos¹⁰³

Não obstante, eram as diretrizes médico-jurídicas categóricas ao conduzir casos (crimes) envolvendo mulheres, independentes de sua condição (acusada ou vítima). A distinção entre homens e mulheres era baseada no que consideravam ser a inferioridade feminina, criando a partir disso, o estigma da necessidade de ser tutelada por alguém capaz de instruí-la e moldá-la, o que só poderia ser feito por uma presença masculina. Assim, essa conduta instruída por um homem seria empreendida em algum momento da vida da mulher, a princípio seria função do pai, passando para o marido. No mais, estariam sob as determinações de médicos ou de juristas, àquelas que se rendiam às prerrogativas patriarcais, associadas à desordem:

Foi a partir das ideias expressas por Lombroso e outros elementos da Medicina Social que ela adquiriu respaldo científico. Consolidou-se assim a visão da diversidade de comportamentos, a partir de razões biológicas, entre os dois sexos. Fragilidade, submissão, recato, predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, subordinação da sexualidade à vocação materna era algumas das características atribuídas à mulher em oposição a uma natureza masculina, racional, dotada de uma sexualidade sem freios...¹⁰⁴

Desse modo, cabe trazer à dissertação os apontamentos de Mariza Corrêa em seu estudo sobre a construção social dos papéis sexuais. Trabalho em que percorre processos judiciais decorrentes de homicídios, na Cidade de Campinas entre as décadas de 50 e 60. A

¹⁰³FAUSTO, Boris. Crime e Cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924) - 2ed., 1- reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014, p. 127.

¹⁰⁴SOIHET, Rachel. Mulheres Ousadas e Apaixonadas – Uma investigação em Processos Criminais Cariocas (1890-1930). Rev. Bras. De Hist. São Paulo, v. 9 n° 18, pp 199-216. Ago.89/, p. 215-216.

partir destes processos, a autora investiga como os atores (juízes, promotores, vítimas e acusado) contribuíam para compor padrões de homens e mulheres.

Assim, mesmo entre os sujeitos arrolados no processo (vítimas e acusados), Mariza Corrêa expõe a assimetria correspondente a eles, com base no sexo. Como em casos dos chamados “crimes passionais”, em que mesmo provada a autoria do crime, advogados dos acusados recorriam à alegação junto a exames, para provar que seus clientes padeciam de perturbações mentais, no intuito de reduzir a condenação. Estratégia não verificada em casos em que mulheres eram as indiciadas. Posto isto, verifica-se a tentativa de defesa de Red Lucier, que aproximadamente seis anos após o crime, expediu o pedido de livramento condicional, onde foi exposta sua condição mental:

Tudo aconselhava o encaminhamento de RED LUCIER para uma casa de tratamento e segurança, no caso um manicômio judiciário [...] Tratando-se de um caso declarado de doença mental uma observação mais acurada se fazia mister e o conseqüente tratamento muito embora, de êxito difícil no caso concreto, tanto mais que a doença aceita pela perícia é congênita, pode dizer-se irredutível¹⁰⁵

Dando continuidade à análise dos impressos, percorreremos algumas matérias do periódico *A Vanguarda*, este que era um dos periódicos que compunha o chamado “Diário dos Associados”, sob a égide de Assis Chateaubriand e dirigido pelo então proprietário João Camargo. Jornal de pouca circulação em relação ao anterior, mas que também atribuiu tamanha importância ao caso de Izabel Tejada, dada a frequência com que eram divulgadas as informações. E ainda que não tivesse tantas tiragens como a Folha Vespertina, *A Vanguarda* apresentava matérias tão ou mais extensas, já não tão carregadas de imagens, porém com alguns detalhes do caso ou dos envolvidos não encontrados na primeira folha. À vista disso, entre as 16 matérias levantadas deste impresso foi possível verificar que algumas se assemelham ao periódico anterior no tocante à apresentação do caso e aos procedimentos das autoridades, mas em outras trazia particularidades dos envolvidos:

Destarte, na matéria intitulada “LATROCÍNIO”, em seu título já é possível perceber os aspectos sobre os quais irá discorrer e a forma como será abordado o ocorrido “Izabel Tejada foi morta barbaramente em seu quarto de dormir - O assassino, dado o método que empregou para fazer desaparecer os vestígios de seu bárbaro crime, é agente internacional...”. Logo, além do sensacionalismo colocado na possibilidade de ser o criminoso um agente internacional, são nas reportagens desse periódico que Izabel fora tratada por “dona” ou

¹⁰⁵ Autos de Pedido de Livramento Condicional do sentenciado Raimundo Lucier Marques Leal, 1948, p. 18. 6ª Vara Penal. Centro de Memória da Amazônia. Arquivo da Universidade Federal do Pará.

“senhora”. Contudo, após discorrer sobre o crime, como Izabel foi encontrada e o roubo de suas joias, o que chama atenção na matéria editada em quatro colunas centrais da página, são detalhes sobre o passado da peruana até vir residir em Belém e a assertiva da matéria concernente à “fortuna” dela:

A nossa reportagem conseguiu saber que a origem da fortuna que tinha Isabel motivou-se do seguinte: Dona Isabel, quando resolveu dar o fora de sua pátria, o Perú, tomou passagem m um navio com destino à Manaus, capital do Estado do Amazonas, aonde chegou dias após de haver embarcado. Uma vez em Manáus conheceu um comerciante com o qual amasiou-se. Tempos depois o mesmo entrou em decadência e temendo que seus haveres desaparecessem nas vascas de uma falência, resolveu passá-los em nome de dona Isabel. Esta após haver ficado senhora de tudo deu o fora no comerciante, embarcando para a Europa, fixando, então, residência em Paris, onde residiu durante 10 anos. Vendo-se só, desamparado e arruinado da parte daquela à quem tudo confiára, o comerciante desgostoso e pouco depois suicidava-se. Dona Isabel, um dia veio a Belém, onde fixou residência, primeiramente na passagem Joaquim Nabuco, 42. Depois mudou-se para a casa onde ela residia atualmente, onde já estava há anos¹⁰⁶

A partir do trecho extraído da matéria, é possível detectar no periódico *A Vanguarda* além de uma linguagem coloquial comparada à *Folha Vespertina*, vê-se também uma abordagem diferente em relação à Izabel. No primeiro periódico tem-se que a peruana “vivera maritalmente com um francês”, ao passo que o outro traz a informação sobre ela ter conhecido um comerciante em Manaus, com quem “amasiou-se”, isto antes de ter ido viver em Paris. Não obstante, *A Vanguarda* possibilita outra categoria de classificação em Izabel Tejada, a amásia. Pois, ainda que a *Folha Vespertina* tenha divulgado declarações que apontavam-na como cafetina, sobre seu passado a colocou como uma mulher casada, se por opção para a construção de sua imagem, ou por não conhecimento de tal informação, fato é que a folha não toca no aspecto do amasiamento exposto pela *Vanguarda*, condição tão cara às mulheres perante à sociedade, mas que também poderia se configurar numa opção feita por elas, como bem destaca ESTEVES (1989):

Prefiro pensar num somatório de motivos, onde as dificuldades de sobrevivência, a ausência de propriedades e a instabilidade econômica somavam-se a um costume antigo e a uma dificuldade em se lidar com referências institucionais pertencentes a outras camadas sociais. Mais ainda, as pessoas comuns que se amasiaram certamente não apenas se adaptaram a uma circunstância de vida, muitas delas fizeram uma opção dentro de um universo cultural e, assim, agiram de acordo com as regras de conduta existente¹⁰⁷

¹⁰⁶ *Jornal A Vanguarda- Diário Independente*. Belém - Estado do Pará - Brasil. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

¹⁰⁷ ESTEVES, Martha. *Abreu. Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 190.

E nessa linha de detalhamento, A Vanguarda segue com as matérias sobre o caso de Izabel, carregadas de pormenores não apresentados pelo jornal anterior, ou ainda, com informações já expostas, porém não exploradas. Assim, na matéria do dia 21 de dezembro de 1942, reproduzia em uma página (inicial) inteira e com continuidade em outra, uma fotografia de Lucier no centro com a legenda “Raimundo Lucier Leal o perigoso estrangulador” no centro, sob o título “Descoberto afinal o monstruoso crime da praça da República”, discorre sobre como o crime ocorreu; o procedimento da polícia e como o cadáver foi encontrado; o encaminhamento do corpo para o cemitério Santa Izabel, para o exame médico legal; a queixa do chauffeur Francisco Santos; e as declarações de Red Lucier sobre o crime contra a peruana. Todavia, entre tantas informações, chama atenção mais uma vez a forma incisiva como A Vanguarda expõe um aspecto da vida de Tejada, que outrora era colocado na Folha Vespertina apenas como declarações dos acusados:

Sabemos que a casa de Isabel, dado o gênero de comércio que exploravas, lenocínio, que era frequentada por pessoas de responsabilidade social, o dr. Borborema mandou abrir rigoroso inquérito, designado para proceder, o dr. Galdino Araujo, 1º delegado auxiliar, na autoridade que estivera de plantão no dia em que o fato ocorreu¹⁰⁸

Portanto, traz este impresso a possível confirmação sobre Tejada ter uma casa de tolerância¹⁰⁹, abordado aqui a partir do conhecimento tomado por uma autoridade policial, ou seja, o que pode ter se confirmado durante as diligências das autoridades, mas que não fora exposto pela Folha Vespertina. Sendo possível inferir que um periódico teve aparentemente cautela com a exposição da imagem da vítima em relação a dos acusados, ainda que Izabel gerisse a prática do lenocínio. Enquanto que o outro impresso mirou em noticiar aspectos dos envolvidos, de modo geral, como fez ao final da mesma matéria, apresentando dois fatos ainda não expostos sobre Beatriz e Red respectivamente.

Sendo possível notar que a Folha Vespertina teve aparente cautela ao expor a imagem da vítima em comparação com as imagens dos acusados, pois, ainda que se suspeitasse que Izabel geria a prática do lenocínio, pôde-se verificar nessa folha, o retraimento ao abordar sua

¹⁰⁸Jornal A Vanguarda- *Diário Independente*. Ano VI. N. 1.609. Belém - Estado do Pará - Brasil. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

¹⁰⁹“As casas de tolerância e os bordéis deveriam ser registrados na polícia, vigiados pela administração e pelas autoridades sanitárias. Estas estabeleceriam contatos estreitos com as donas dos bordéis que, por sua vez, deveriam ser pessoas respeitadas e temidas por suas afilhadas. O bordel deveria ser o anticortiço, o oposto do que representava a casa de prostituição clandestina, refletindo à sua maneira a intimidade conjugal burguesa. A política de costumes proibia aí qualquer prática de sexo grupal ou homossexual, muito embora estas não fossem muito respeitadas”, ver RAGO, Luiza Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 92

vida. Ao passo em que, A Vanguarda expôs em suas práticas, elementos gerais sobre as vidas e o proceder dos envolvidos, como por exemplo a mudança na aparência de Beatriz, o que talvez tenha lhe conferido a alcunha de “Loura Vênus” nos folhetos de cordel. Assim, na segunda página da reportagem é questionada a mudança de aparência da acusada, nos folhetos de cordel colocada como “loura vênus”¹¹⁰, A Vanguarda interpela:

Beatriz tomou parte nos dois crimes conhecidos de Lucier, ajudando-o nos estrangulamentos e nos roubo dos valores. Depois da morte de Izabel, Beatriz passou a usar os cabelos oxigenados. Para que fim? É por conseguinte co-autora outrora desses delitos¹¹¹

No mais, outro apontamento destacado na matéria já havia sido apresentado pela Folha Vespertina, no entanto, A Vanguarda acrescenta uma informação que vai de encontro à defesa de Raimundo Lucier. Desse modo, ao passo que o primeiro impresso noticiava um texto de um autor não identificado, alertando a justiça sobre a defesa de Red se valer de possíveis “doenças mentais” como artifício, o periódico ora analisado, trazia em sua reportagem algo que além de refutar a defesa, conferia uma dose extra de sensacionalismo ao caso:

Em conversa com um de nossos companheiros o dr. Adriano Guimarães disse que é médico da família da Lucier há dez anos e que nunca notou o menor sintoma d anormalidade no criminoso. Ao contrário, sempre o via como um rapaz morigerado e criterioso tendo sido surpresa a maneira por que ele praticou o crime¹¹²

E dando continuidade às matérias sobre o assassinato de Izabel Tejada, no dia 22 de dezembro de 1942 com mais uma matéria extensa e, também na página, com apenas uma imagem no centro, uma foto de Red com a mesma legenda da matéria anterior “perigoso estrangulador”, A Vanguarda além de, detalhes do crime, diligências policiais apresentava uma nota sobre o acusado, não exposta em outros periódicos. Contudo, a reportagem desde a introdução já salta aos olhos pela forma como Red é descrito e, posteriormente Beatriz. Assim, com o título “As atividades dos estranguladores” começava o impresso sua descrição sobre a crueldade do assassino:

¹¹⁰ Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 10.

¹¹¹ Jornal *A Vanguarda- Diário Independente*. Ano VI. N. 1.609. Belém - Estado do Pará - Brasil. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

¹¹² Jornal *A Vanguarda- Diário Independente*. Ano VI. N. 1.609. Belém - Estado do Pará - Brasil. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

Continua empolgando o espírito público a prisão sensacional de Raimundo Lucier Leal, esse rapaz que com um golpe do destino fê-lo um dos maiores criminosos natos da atualidade. Moço ainda, conta com 23 anos de idade, Lucier cedo resvalou-se nos desfiladeiros do crime para ingressar tumultuosamente na celebridade dos anais da criminalidade paraense e quiçá brasileira, como um tarado, um pervertido moral e fisicamente, e como autêntico bandido, perigoso, ultra-perigosíssimo essencialmente demoníaco¹¹³

Dessa forma, quando inicia, a matéria aponta para o interesse público na trama, o periódico chama atenção à repercussão, à notoriedade atribuída ao caso dentro e fora do Estado. Dado o roubo, na sequência o assassinato de Izabel Tejada, e posteriormente outra tentativa de homicídio contra o chauffeur Francisco Santos, a sequência dos fatos por si só, comentada de maneira informal nas esquinas, nas praças e nas ruas de Belém já seria passível. Relatado nos jornais, com detalhes e toda a carga de sensacionalismo que, independente do impresso se fazia notar entre as páginas, um caso de latrocínio que poderia ser encontrado em qualquer caderno policial, tornava-se o foco dos jornais: “A naturalização do crime não implica o desinteresse. Pelo contrário, ele se torna componente integrante do dia-a-dia como alimento cotidiano de uma do público letrado, especialmente após o surgimento de uma imprensa sensacionalista na década de 1910”¹¹⁴

Ganhando espaço em suas primeiras páginas, e possivelmente exigindo empenho de jornalistas em investigações simultâneas às da polícia, haja vista a necessidade de preencher suas folhas com pormenores que incitasse a procura do leitor e que talvez, outro periódico não tivesse acesso. E desse modo, segue a matéria atribuindo grande periculosidade à Beatriz e construindo sua imagem sempre atrelada após uma figura masculina, “amante de”, “esposa de”:

Beatriz Colares, a mulher fatal, amante de Lucier, está presa na Central. Espécimen perigoso para a sociedade em que vive, Beatriz está se tornando célebre os anais do crime. Esposa de um jornalista, atualmente no Rio de Janeiro, Beatriz logo após a partida de seu marido, entrou a enveredar no caminho tortuoso do crime, frequentando casas suspeitas na cidade, aonde, maculando o bom nome do esposo, se entregava naqueles bordéis a uma vida dissipada e de franca prostituição. Amante de Lucier, escriinho de seus segredos, Beatriz acompanhava-o nas farras que fazia, tomando parte ativa nos trucidamentos e roubos que o mesmo praticava¹¹⁵

¹¹³Jornal *A Vanguarda- Diário Independente*. Ano VI. N. 1.610. Belém - Estado do Pará - Brasil. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

¹¹⁴FAUSTO, Boris. *Crime e Cotidiano em São Paulo (1880-1924)*. 2 ed., 1 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014, p. 26.

¹¹⁵Jornal *A Vanguarda- Diário Independente*. Ano VI. N. 1.609. Belém - Estado do Pará - Brasil. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

Nesse sentido, vê-se a representação sobre Beatriz ora construída em relação à imagem de um homem, como um elo de pertencimento no discurso identificado pela partícula “de”, ora também, o discurso atribuíra autonomia em suas atitudes, no entanto, isto ocorria só quando se tratava de seu envolvimento na prostituição e mais, no crime. Considerando, a presença cada vez mais frequente da mulher nos âmbitos públicos, porém não isenta de críticas, essa inserção também incluía a atuação na criminalidade, como aponta FAUSTO (2014):

Sem entrar na análise das diferentes teorias, quero indicar brevemente meu ponto de vista de que a questão da incidência e das características da criminalidade feminina deve ter sobretudo um enfoque social, relacionado com a inserção da mulher em determinada sociedade, sendo pelo menos muito problemático vincular a questão a dados de biologia (a menstruação, por exemplo) ou do psiquismo feminino. Há boas razões para se acreditar que a redução da desigualdade entre os sexos, no âmbito da sociedade ocidental, implica a maior presença da mulher não apenas na área do trabalho fora de casa mas em diferentes campos, entre os quais se inclui a criminalidade¹¹⁶

Não obstante, além de pontuar a presença feminina na criminalidade, A Vanguarda prosseguia com uma nota a respeito de Red Lucier que teria colhido de maneira informal e talvez por isso não tenha o periódico se aprofundado na informação, mas que também não deixou de divulgá-lo. Possivelmente pela atenção que chamaria, logo geraria uma procura maior pelo impresso.

Por conseguinte, após iniciar a matéria discorrendo sobre a crueldade de Red, dar detalhes sobre como ele estaria passando as noites na Central de Polícia e construir uma imagem de Beatriz, o discurso do impresso coloca-o novamente no centro, desta vez pronunciando, no caso, o único periódico, sobre Red ser homossexual, apontado no início da matéria como “um dos maiores criminosos”, agora é colocado como “o mais elegante do Dandys”. E assim o fizera:

A nossa reportagem nas conversas que tem ouvido, nas ródas sociais de Belém, soube que Lucier é homossexual, isto é, dá-se a prática de atos de pederastia ativa. No Rio de Janeiro, aonde residiu por alguns, entrega-se abertamente ao comércio carnal, tendo para isso casa alugada e finamente mobiliada. Durante a sua estadia nesta cidade, Lucier entregava-se a atos de sadismo, sendo considerado como mais elegante do Dandys¹¹⁷

¹¹⁶ FAUSTO, Boris. Crime e Cotidiano em São Paulo (1880-1924). 2 ed., 1 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014, p. 84.

¹¹⁷ Jornal *A Vanguarda- Diário Independente*. Ano VI. N. 1.609. Belém - Estado do Pará - Brasil. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

Carregando supostamente as representações sobre a homossexualidade difundidas na época, Red Lucier, por exemplo, configurava o “tipo viril”, másculo, personificado na imagem de um marinheiro. Estaria entre os não efeminados, caracterizando aquilo que James Green destaca em “Além do Carnaval” (2000) ao falar da variabilidade de comportamentos sexuais entre os homens:

Ao examinar os materiais que eles ignoram, podemos destacar um sistema sexual operante muito mais variado. Isso se torna particularmente óbvio quando revemos os estudos médicos-legistas dos anos 30, nos quais uma reserva muito mais rica de fontes fornece exemplos de pessoas que não se encaixavam no estereótipo de bicha efeminado, e que se articulavam livremente numa subcultura já em formação¹¹⁸

Não excluindo a possibilidade que o inseriria ainda mais no espectro de um criminoso, dos piores a ser isolado da sociedade. Assim, ao afirmar que “Lucier é Homossexual” na matéria a respeito do crime que cometera, reforçavam-se os discursos, médicos, que associavam homossexualidade à criminalidade:

A homossexualidade era considerada, além de imoral, uma anormalidade. Durante os anos 30, o médico Leonídio Ribeiro consagrou-se graças a estudos sobre a endocrinologia, relacionando-a com as anomalias do instinto sexual. Essas seriam o reflexo do mau funcionamento das glândulas. O remédio era o transplante e testículo, inclusive de carneiros ou de grandes antropóides. Afinidades entre homossexualidade e criminalidade? Todas. O crime era uma decorrência da paixão que “invertidos” nutriam entre si¹¹⁹

E é dentro dessa forma de elaboração de seus textos, que é possível verificar na Vanguarda uma comutação dos sujeitos, excedendo o discurso que transcorre por arquétipos fixos: mulher/homem; vítima; culpada. Assim, apresentando fatos do passado de Tejada, alegando ser Lucier homossexual, este periódico possibilita a ampliação na perspectiva sobre feminilidade e masculinidade, a partir da recolocação das personagens na trama, em papéis que variavam a cada tiragem do impresso. Como a matéria do dia 23 de dezembro de 1942, que tratava do pedido de prisão preventiva dos criminosos e também de outros envolvidos no caso, estes últimos que teriam comprado as joias de Izabel Tejada. No entanto, chama atenção aqui, Beatriz ter sido descrita como “estranguladora”, ou seja, a sua recolocação, uma vez que fora coautora dos crimes, roubava enquanto Red matava. Tentativa ou não de incitar sua periculosidade através do discurso, cabe destacar de forma a demonstrar essa alternância dos

¹¹⁸GREEN, James Naylor. Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 30.

¹¹⁹DEL PRIORE, Mary. Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, p. 157.

sujeitos. Intitulada “A prisão preventiva do casal de estranguladores”, assim a colocava no final da matéria:

Beatriz Afonso Colares está presa num compartimento confortável, atrás permanência da Polícia, na sala onde os comissários pernoitam [...] Pela manhã, veste-se bem e pinta-se com esmero, como se fosse para um passeio. A estranguladora, com o cinismo inato dos grandes criminosos, mostra-se sorridente e gentil, segura de que os seus olhares e sorrisos conquistam simpatias ¹²⁰

Nessa perspectiva, o periódico *A Vanguarda* vai além, na matéria em que publica o sumário de culpa dos envolvidos e transcreve o que teriam dito os acusados. Reproduzindo o que teriam sido as colocações de Beatriz, novamente cita particularidades não expostas anteriormente, mas que aparentemente corroboram detalhes já apresentados no outro periódico. Para o que, mais uma vez reitero não se trata de admitir as supostas afirmativas como verdades ou ainda, de considerá-las unicamente decorrências de possíveis alterações feitas pelas edições dos jornais. Mas sim, a partir dessas colocações, de um indivíduo, ponderar o que nos permite analisar de uma dada sociedade, de suas relações e, para esta pesquisa, das representações de feminilidades e masculinidades, para isso ampliando ou reduzindo a escala de observação¹²¹. E nesse sentido, na matéria “Iniciou-se hoje o sumário de culpa de Red e Beatriz”, as declarações que configuram o discurso de Beatriz permitem pensar as conjunturas que pesavam sobre feminino e masculino:

Que Tejada foi quem a perdeu, abrindo-lhe o caminho á prostituição; que teve vários encontros com indivíduos da sociedade em casa de Isabel; que a depoente das conjunções carnis que teve na casa peruana não recebia dinheiro de espécie alguma, pois, o produto do coito, era entregue a Isabel e não a ela [...] que casou em Belém com o jornalista Francisco Colares, de quem se separou em virtude de o mesmo ter viajado para o Rio de Janeiro, onde fora com o fito de colocar-se, visto não encontrar emprego aqui, devido a seu péssimo comportamento [...] que seu esposo nunca lhe mandou importância de espécie alguma, para fazer face às suas necessidades, vivendo a depoente em companhia de seus pais e ás expensas deles [...] á vista do estado de abandono em que lhe deixou o esposo, a depoente prostituia-se, tendo, então, se amasiado com um cavalheiro da alta sociedade, cujo nome, por escrúpulo, não pude declinar; que esse cavalheiro reside atualmente no Estado do Maranhão, e a sua esposa nesta capital¹²²

¹²⁰ *Jornal A Vanguarda- Diário Independente*. Ano VI. N. 1.611. Belém - Estado do Pará - Brasil. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

¹²¹ “Os fenômenos previamente considerados bastante descritos e compreendidos assumem significados completamente novos, quando se altera a escala de observação”, ver LEVI, Giovanni. *Sobre Micro-História*. In: *A Escrita da História- Novas Perspectivas*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 143.

¹²² *Jornal A Vanguarda- Diário Independente*. Ano VI. Belém - Estado do Pará - Brasil. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

Como mencionado anteriormente, o intuito não é mirar em quem estaria dizendo a verdade ou dando falsas declarações, no entanto, é incontestável que com essas, que teriam sido as declarações de Beatriz, pode-se corroborar ou ainda refutar informações apresentadas, inclusive, por outras fontes, sobre ela e os demais envolvidos em sua história, e vê nessas alegações as nuances sobre os ideais de feminilidade e masculinidade que pairavam sobre suas relações. Nesse sentido, tem-se mais uma vez a confirmação sobre encontrar-se Izabel associada à prostituição, com o que seria um agravante, a exploração de outras moças, no caso aqui, Beatriz.

Dada a prática que supostamente exercia, lenocínio, sendo conhecida pela alta sociedade de Belém por seus trabalhos de modista, mas possivelmente também pelo o que seria seu comércio mais rentável, porque, então, não se viu Izabel retratada nos jornais incisivamente pelo que praticava, como fora feito com Beatriz? Nesse caso, é possível que tenha influenciado a fortuna de Izabel, assim como sua relação com pessoas da alta sociedade tenha assegurado que apenas suposições tenham sido levantadas.

De igual modo, tem-se a assertiva de Beatriz ao declarar que se separou de seu marido, por este ter ido viver em outro Estado, ao passo que na matéria publicada na Folha Vespertina sobre o pedido de desquite, Francisco Colares teria alegado pedir a separação devido aos crimes e adultério cometido pela esposa. Mais ainda, afirmando que “enviava dinheiro regularmente a sua mulher”¹²³, o que Beatriz contradiz, justificando ter se prostituído como consequência do “estado de abandono” que lhe deixara o marido. Além disso, mesmo sem entrar em detalhes, segundo a matéria citando seu suposto depoimento, ela menciona o “péssimo comportamento” de Francisco e por isso, este fora tentar colocação no Rio de Janeiro, a razão não fica clara, porém é possível que esse “péssimo comportamento tenha sido o motivo pelo qual se Luiz Caetano - pai de Beatriz - não aceitava seu casamento¹²⁴ com o jornalista. No mais, somente com as declarações de Beatriz reproduzidas no periódico A Vanguarda é que se tem, o que teria sido uma resposta sua referente a sua relação conjugal, haja vista, a primeira folha ter divulgado o pedido de desquite e nenhuma declaração sua.

Isto posto, considerando as diferentes imagens para obter a atenção do leitor, não seria diferente em relação à Beatriz, posto os crimes em que estivera envolvida, todo e qualquer apontamento sobre seu passado e conduta moral pesariam sobre ela. Sendo possível verificar uma hierarquia entre ela e Izabel, o que pode ser identificado devido às classes sociais,

¹²³Jornal *Folha Vespertina*. Belém, Edição das 16 Horas, 11 de janeiro de 1943, Num. 16.709. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves

¹²⁴Arquivos digitalizados das imagens dos Folhetos de Cordéis de Arinos de Belém - Suplemento de Guajarina, Padre Eutíquio. 145/7- Pará, “Crime da Praça da República”, vol. I, p. 8

Beatriz pertencia a uma família humilde e, verdade ou artifício, supostamente usou a prostituição como um meio para manter-se, enquanto Izabel Tejada mesmo supostamente vivendo da exploração dela e talvez de outras moças, pertencia e mantinha relações com pessoas da alta sociedade.

E entre Beatriz e Francisco Colares fica evidente a diferença entre os gêneros, nas representações feitas pelos periódicos, tal qual a diferença de classes é enfatizada ao mencionarem Francisco nas matérias e apontarem além de sua profissão de jornalista, o fato dele trabalhar e residir no Rio de Janeiro e sua condição social, possuindo recursos para vir buscar esposa e filha, que embarcariam “para o Rio em avião da NAB”¹²⁵. Beatriz, por sua vez tinha a imagem associada a uma relação de dependência de outrem, fosse de seu pai ou de seu marido, além de ser frisada sua origem de família humilde e seu possível envolvimento com a prostituição.

Desse modo, identifica-se em tantas outras que a mulher também vivenciava, a chamada *violência simbólica*, que está presente nos discursos que poderiam ser, o médico, o jurídico e o jornalístico, discutida por SOIHET (2002):

A violência, porém, não se resume a atos de agressão física, decorrendo igualmente de uma normatização na cultura, da discriminação e da submissão feminina. As teorias construídas e instauradas por homens estabelecendo um duplo discurso, do homem sobre o homem e do homem sobre a mulher, restritivas da liberdade e da autonomia feminina, o que convertem uma relação da diferença, uma hierarquia das desigualdades, configuram uma forma de violência e, nesse caso, insere-se também a violência simbólica. Importa ressaltar que, o fato de se reconhecer nessa particular a forma de incidência da violência simbólica sobre as mulheres - o que a adesão dos dominados às categorias que embasam sua dominação - ajuda a compreender como relação de dominação, que é uma relação histórica...¹²⁶

E como ultimo periódico paraense, a *Folha do Norte* fundada em 1896 por Cipriano Santos, foi um veículo de informação que desde seu surgimento esteve em meio a conflitos políticos, quanto da divisão entre o “Partido Republicano Federal e o Partido Republicano, por volta de 1900 ocorreu uma polarização entre os que apoiavam Lauro Sodré e os que apoiavam Antônio Lemos”¹²⁷, para o momento em questão havia se posicionado a folha, em defesa de Lemos. Dirigido por João Paulo de Albuquerque, um periódico que se pretendia diversificado, composto de 6 a 8 páginas, publicava notícias sobre o interior do Estado, além

¹²⁵ Jornal Folha Vespertina. Belém, Edição das 16 Horas, 11 de janeiro de 1943, Num. 16.709. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves

¹²⁶SOIHET, Rachel. O corpo feminino como lugar de violência. Proj, História. São Paulo (25), dez. 2002, p. 279.

¹²⁷ VIEIRA, Elis Regina Corrêa. Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917-1924) - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa da Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2016, p. 17

das notícias internacionais, informando também sobre assuntos do mundo esportivo, dando espaço em suas páginas para “pequenas notícias sobre aniversários, casamentos, nascimentos, enfermos e viajantes”¹²⁸. E possivelmente de forma a atrair o leitor, ampliando seu alcance, também propagava “notícias policiais e sensacionais”¹²⁹, dentre as quais se viu estampado o caso de Izabel.

Entre os que noticiaram a morte de Izabel, serão analisadas matérias da Folha do Norte, assim como os anteriores também disponível na Biblioteca Arthur Viana, estas porém, na seção de jornais microfilmados. Desse periódico, um número menor de matérias foi levantado, cinco, posto o estado dos microfilmes, dificultando a leitura. Contudo, este material também carrega informações a respeito do assassinato na casa nº 6, que potencializam a discussão proposta, referente à feminilidade e masculinidade. Entre algumas bem detalhadas e outras mais breves, as reportagens deste impresso também dispõem de detalhes não expostos nos impressos anteriores.

Por conseguinte, na matéria “Izabel Tejada e Perez foi vítima de bárbaro homicídio”, do dia 13 de novembro de 1942, a Folha do Norte discorre em uma página, sobre o exame médico feito no cadáver, o trabalho minucioso dos peritos se dispõe de uma foto dos médicos legistas e repórteres em frente ao cadáver. E ainda que a reportagem seja precisa sobre o estado do corpo e o trabalho dos médicos, os dois aspectos que chamam atenção é a matéria ser introduzida mencionando outro periódico, a Folha Vespertina, e exaltar o trabalho desta última em ter noticiado detalhadamente o crime. Além disso, a Folha do Norte cita o homem chamado Aristides, este que teria sido também amante de Izabel, sendo mencionada sua condição social, o que reforça a hipótese de a peruana relaciona-se com pessoas abastadas:

Logo que circulou a versão que Izabel possuía uma amante, a pergunta que inicia este capítulo [Quem era o amante de Izabel?] ocorreu de boa em boca. Nossa reportagem sentiu-se na obrigação de respondê-la. E esforçando-se, soube tratar-se de um rapaz de nome Aristides. Moço forte e simpático, frequentador da Assembléia Paraense, nada sempre à paisana, ostentando certo luxo. Por ele tinha Izabel uma afeição louca [...] Mas, depois, diante dos olhos de Aristides, surgiu uma outra figura de mulher: Sara Bermegui [...] Ameaçando-o sempre, Izabel continuava a sofrer [...] A atitude de Aristides pouco a pouco despertou no íntimo de Izabel um misto de amor e de ódio [...] Nesse interim, porém, a desgraçada apareceu assassinada¹³⁰

¹²⁸VIEIRA, Elis Regina Corrêa. Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917-1924) - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa da Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2016, p. 18

¹²⁹VIEIRA, Elis Regina Corrêa. Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917-1924) - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa da Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2016, p. 19

¹³⁰Jornal da Manhã, Quotidiano e Independente *Folha do Norte*. Belém, 13 de novembro de 1942. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves

Logo, a folha tratou de investigar a vida amorosa de Izabel, assim identificando não só quem seria seu amante, como também apresentava aspectos de sua vida, corroborando alegações que apontavam para as relações da peruana com pessoas da elite. Mais ainda, dadas as semelhanças identificadas no trecho extraído da matéria, Izabel assim como esteve envolvida em um triângulo amoroso com Red e Beatriz - buscando, segundo sua carta, a ajuda de um feiticeiro para afastá-los -, outrora, vivera a mesma situação com Aristides e Sara, supostamente já tendo feito ameaças ao seu amante. Indicando assim que “os sentimentos em jogo no triângulo amoroso estão envoltos em ambiguidade e ressentimento”¹³¹ (MATOS, 1996).

Nesse sentido, a Folha Vespertina ao divulgar a carta em que Tejada teria solicitado ajuda à sobrinha que encontrasse um feiticeiro para separar Lucier e Beatriz e a Folha do Norte trazendo a público outro triângulo amoroso envolvendo a peruana, relação em que ela teria ameaçado o amante, nos permite encará-la fora da passividade atribuída à condição de vítima, possibilitando outra perspectiva sobre quem foi, para além da mulher que morreu estrangulada:

Outras informações de identidades femininas virão à luz na medida em que experiências vividas em diferentes conjunturas do passado forem gradativamente documentadas, a fim de que se possa emergir não apenas a história da dominação masculina, mas sobretudo os papéis informais, as improvisações, a resistência da mulher...¹³²

Da mesma forma, a Folha do Norte trazia na matéria “Para a cadeia Red Lucier e Beatriz Afonso” o que poderia ser uma outra perspectiva sobre Beatriz. A reportagem referia-se à prisão preventiva do casal, com detalhes de como haviam sido suas posturas durante a detenção na Central de Polícia, trata-se de mais uma matéria que se inicia mencionando a Folha Vespertina e o que tinha noticiado anteriormente a respeito do inquérito contra o casal. Contudo, em uma matéria breve, editada em duas colunas da página, o que cabe destacar um outro ângulo sobre a mulher, antes de ser coautora de crimes que escandalizaram a cidade de Belém nos anos 40. Assim, enquanto a Folha Vespertina divulgava matéria sobre seu marido ter requerido a guarda de Maria Augusta, matéria essa onde somente é mencionado posicionamento do pai, sem nenhuma referência a possíveis reações de Beatriz. Por sua vez, a

¹³¹ MATOS, Maria Izilda Santos de; FARIA, Fernando A. Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues: o feminino, o masculino e suas relações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p. 69

¹³² MATOS, Maria Izilda Santos de. Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000, p. 99

Folha do Norte reproduziu um bilhete que Beatriz teria destinado a sua mãe, por meio do qual, deixava evidente o afeto materno:

Também seu amôr de mãe acordou já no íntimo do seu coração. Lembra-se de sua filhinha. Lamenta-lhe a sorte. Tanto que, num bilhete que enviou à sua genitora, gisou a seguinte expressão: “Como sinto agora saudades de minha filhinha. Julgo e sinto horrível a sua situação. Em tão tenra idade acho que se envergonha daquela que, sendo sua mãe já lhe manchou o próprio nome”¹³³

Por conseguinte, na matéria “O dedo de Deus a vigiar os homens” que trata da prisão de Red, de características de sua personalidade como que herdadas de seu pai, informações sobre sua família, a esposa que havia abandonado para viver com Beatriz e também um relato de um dos receptores, comprador, das joias de Izabel, destaca-se a forma como Lucier é descrito quando de sua confissão na 1ª Delegacia Auxiliar:

Daí a pouco ingressou Red Lucier, o monstro de feições simpáticas. Calmo como sempre, sentou-se sem olhar as pessoas que se encontravam no ambiente. Fitamo-lo mais uma vez. Tipo atlético, másculo, bem talhado, tivemos a preocupação de lhe notar as mãos grandes e fortes, em constantes crispações. Eram mãos de um estrangulador. As suas faces, bem delineadas, não nos despertam a ideia de ser ele um tipo lombrosiano. Cremos que a tara que o estigmatiza, agita-se no seu soma, nos seus elementos endocrinológicos. E a nossa suposição é bem sensata, si buscarmos a estudo aquele que lhe serviu de pai¹³⁴

Apontando-o, então como “um tipo lombrosiano”, estariam assim colocando Raimundo Lucier em uma categoria de criminosos que eram eximidos de responsabilidades por seus atos, se, constatado que estavam tomados por impulsos considerados passionais ao cometerem seus crimes. A argumentação das defesas que se utilizam desse tipo de artifício passava pela ineficácia da punição, dada a suposta paixão da qual eram tomadas as faculdades psíquicas:

Na virada do século, o crime passional assumiu grandes proporções. Em contraposição aos criminalistas clássicos - que afirmavam que ainda no paroxismo das mais violentas ocorria a suspensão temporária das faculdades mentais e o indivíduo mantinha a percepção do bem e do mal -, os adeptos da Escola Positivista Italiana, liderada por Lombroso isentavam de responsabilidade o criminoso passional. Estes últimos explicam que certas paixões intensas se identificam com determinadas formas de loucura,

¹³³ Jornal da Manhã, Quotidiano e Independente *Folha do Norte*. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves

¹³⁴ Jornal da Manhã, Quotidiano e Independente *Folha do Norte*. Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves

podendo anular a função inibidora da vontade, deduzindo-se daí a irresponsabilidade penal¹³⁵

Em paralelo à questão sobre crimes passionais, havia também a discussão sobre o tipo físico do criminoso iniciada pela escola positivista de Criminologia, com base na ideia defendida pelo médico Cesare Lombroso, em fins do século XIX, a partir da qual o criminoso apresentava características biológicas, que representariam sua inclinação à transgressão. E em seus estudos classificou os tipos criminosos, entre estes, os criminosos por paixão:

Teria o emocional exacerbado, geralmente cometem o delito na juventude [...] Dificilmente comoviam-se após cometerem o delito já que o senso de moral lhes estava pouco desenvolvida. Segundo Lombroso, quando um criminoso por paixão arrependia-se de ter cometido a infração, ocorria o suicídio ou era acometido pela alienação mental¹³⁶

E a última matéria aqui apresentada do impresso Folha do Norte, do dia 15 de novembro de 1942, trazia “hipóteses” e “suspeitas” sobre o caso Tejada. Editada em três colunas centrais da página, a reportagem tratava além das possibilidades sobre o que teria motivado o assassinato, a reconstituição do crime e questiona quem teria sido o criminoso ou se seriam criminosos e, é neste trecho que o periódico infere sobre Izabel, sua conduta, haja vista ter ela uma casa corriqueiramente frequentada, insinuava-se na matéria, então, que qualquer um poderia tê-la matado. Contudo, o fragmento da matéria chama atenção pela confirmação que o periódico expressa em ser a casa de Tejada um “ponto de encontros galantes”, sob o título “O mistério da casa seis da Praça da República”: “E a casa de Izabel era frequentada por gentes de natureza diversa, diversos tipos sociais, poi-s já sabemos ser lá um ponto de reuniões galantes, um “rendez-vous” legítimo, verdadeiro calógio, onde o lenocínio era explorado escandalosamente”¹³⁷

Nesse sentido, enquanto outros apenas mencionavam a relação de Izabel com a prostituição, a Folha do Norte não só cita esta relação como também acrescenta que a peruana fazia dela um comércio. O que poderia ser sugestivo devido a sua localização, pois, era a Praça da República e seus arredores, considerada como um dos locais onde concentrava-se a prostituição na cidade: “No centro da cidade os lugares da boemia eram identificadas pela

¹³⁵ SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano. In: História das Mulheres no Brasil - 10 ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, p. 380

¹³⁶ SANTOS, Elaine Maria Geraldo dos. A face criminoso: O neolombrosianismo no Recife da década de 30. Dissertação (Mestrado) -Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2008, p. 38.

¹³⁷ Jornal da Manhã, Quotidiano e Independente *Folha do Norte*. Belém, 15 de novembro de 1942- Biblioteca Pública Arthur Vianna - Fundação Cultural dom Pará Tancredo Neves

zona do meretrício das ruas 1º de Março, Riachuelo, Praça dos Estivadores e Bar do Parque, localizado na Praça da República”¹³⁸

3.3 O alcance além da imprensa local

Para a discussão aqui proposta, além do levantamento nos periódicos de Belém, na Biblioteca Arthur Vianna, em pesquisa feita por meio da Hemeroteca Digital Brasileira, onze matérias foram identificadas e relacionadas a este capítulo, sendo delas, analisadas seis, referente a jornais do Rio de Janeiro e Santa Catarina. Desse modo, cabe ressaltar a relevância em agregar a este trabalho, notas de periódicos de outros Estados, pois, ainda que a centralidade seja em analisar jornais locais, ficou claro o interesse no caso de Izabel Tejada, assim como no desenrolar da trama com Red Lucier e Beatriz Afonso, presente nos jornais “A Noite”, “A Manhã”, “Gazeta de Notícias” e “O Estado de Florianópolis”.

As primeiras notícias a serem colocadas, foram identificadas no jornal “A Noite”, fundado em 18 de julho de 1841 por Irineu Marinho, o vespertino carioca iria passar por transições administrativas e interrupções em sua produção, como a provocada pelo incêndio no prédio que sediava o periódico. Posteriormente à edificação de sua sede, “A Noite” passou a ser dirigido por Manoel Cardoso de Carvalho Neto, adotando essa nova direção um posicionamento político menos combativo” (SILVA, 2018), haja vista a oposição declarada ao governo Vargas, anterior ao incêndio. Entrementes, essa postura mudaria após o processo de encapação do jornal, o que caracterizava uma manobra do estado no intuito de silenciar a “liberdade da imprensa e, conseqüentemente, de expressão” (SILVA, 2018).

Não obstante o comprometimento dos periódicos não estava somente em repercutir a conjuntura política, como também em veicular seus posicionamentos. E em face do Estado Novo, caberia à imprensa manifestar-se, tendo em vista que cabia aos meios de comunicação (em regimes autoritários) divulgar toda a dinâmica dos chefes de Estado¹³⁹. Outrossim, no tocante ao governo de Vargas, se declarar um jornal de oposição ou apoio, refletia diretamente na permanência ou fechamento das sedes de cada periódico. Pois, aqueles

¹³⁸ JÚNIOR, José E. S. Dias. Entre cabarés e gafeiras: Um estudo das representações boemias na periferia de Belém do Pará (1960-1980), p. 7

¹³⁹“O chefe de Estado propôs-se a estabelecer relação direta com as massas e a levar em conta suas aspirações para ganhar-lhe o apoio. Norteador por essa preocupação, o governo erigiu a imprensa em órgão de consulta dos anseios populares. Durante o regime autoritário, os meios de comunicação cumpriram esse papel: além disso, divulgaram as atividades e qualidades do chefe e de seus auxiliares com o objetivo de que tomados como modelo de virtudes pelos cidadãos”, ver CAPELATO, Maria Helena. Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo. 2 ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 86.

dispostos a refutar o cenário político, encontraria as barreiras impostas pelo DIP¹⁴⁰- Departamento de Imprensa e Propaganda criado em 1939.

Todavia, concordante ou não com a ordem política instaurada, os jornais que circulavam eram uma forte extensão das ideias de Vargas, em seu projeto de reorganizar o país por meio da industrialização, a qual demandava uma força de trabalho disciplinada e, assim seriam necessários meios de controle social para manter a ordem. Não à toa se fazia ver como “o pai dos pobres” - entenda como pai, aquele que deveria educar e instruir -, fazendo jus então a imagem paternal sobre aquele que pregava a intervenção do Estado na esfera social. Dessa forma, olhemos então para os “pobres”, entre os quais é possível identificar que para manter a ordem no país, mesmo este grupo era composto por um tipo ideal para Vargas, o “bom trabalhador” – através do qual figurava a dignidade do Estado Novo-, estando, porém, excluídos os “desempregados, os mendigos, os marginais em geral”¹⁴¹. Ademais, as páginas dos periódicos revelariam a personificação do homem trabalhador, esse sim era visto como cidadão, dividindo espaço com as propagandas políticas e notícias de cunho variado, mas sempre norteando para o que estava em consonância com a ordem ou com a desordem.

Contudo, o início da década de 1940, período de mudanças significativas tanto na diretoria do jornal, quanto em seu posicionamento, assumindo assim, a postura “de ator político mediador da sociedade junto aos poderes políticos” (SILVA, 2018). E com uma linguagem objetiva, apelo sensacionalista, foi o vespertino veiculador de três notícias sobre os crimes de Beatriz e Red, a primeira delas saiu na terceira página do impresso, entre notícias sobre Getúlio Vargas, notas sobre militares e anúncios (maquiagem), no dia 19 de abril de 1943 o periódico noticiava o desdobramento do homicídio de Izabel Tejada, com um pormenor não constatado nos jornais de Belém. Com o título “Teria sido o criminoso do elevador”, trata-se de uma suposta afirmação de Beatriz frente ao promotor, sobre Red Lucier ter sido autor da morte de uma mulher no Rio de Janeiro, chamada Elvira:

Prosseguindo, Beatriz afirmou ter ouvido de Lucier, que além deste, praticara outro crime de morte na pessoa de sua amante de nome Elvira, também assassinada no Rio, cuja autoria fora atribuída a outro homem, cujo nome não declinou. Nas suas

¹⁴⁰“O DIP foi fruto da ampliação da capacidade de intervenção do Estado no âmbito dos meios de comunicação e da cultura. Tinha como função elucidar a opinião pública sobre as diretrizes doutrinárias do regime, atuar em defesa da cultura, da unidade espiritual e da civilização brasileira”, ver CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2 ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 81.

¹⁴¹CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2 ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 186.

declarações a Beatriz, Lucier não fez alusão segura à morte da francesa Ivone Courtange¹⁴²

Nesse sentido, é nítido o interesse do jornal carioca em acompanhar e noticiar o caso, posto que, mesmo que não passasse de uma suposta declaração prestada por Beatriz, ou que se tratasse de um jogo de acusações, o que fez a trama novamente vir a público, foi uma possível ligação de Red Lucier com dois crimes ocorridos no Rio de Janeiro. O primeiro consistia no assassinato de um homem que teve seu corpo ocultado no elevador de um prédio, e o outro seria a morte de uma mulher que poderia ter sido amante de Red, quando de sua estada no Rio. Logo, a história de um estrangulamento como a de Izabel Tejada, já oferece elementos necessários para compor uma matéria sensacionalista, porém atrelada a outra trama de morte, poderia fomentar a venda dos periódicos, ao passo que estaria nutrindo o interesse de leitores ávidos nas histórias causadoras de comoção:

Manchetes com títulos de livro de terror, transferindo aquela temática clássica ou motivo tradicional do crime e do horror para as notícias do jornal, armando-se dos dois dispositivos caros à ficção e assim aparelhando a narrativa jornalística com uma densidade descritiva gerada e geradora da necessidade pelo sensacional nas páginas do jornal. Vindo o crime e sua “audiência”, enquanto motivo popular - do gosto do povo e também como comentário sobre o povo -, configurando seu papel no mecanismo cultural de massa nos periódicos através da lógica de atração e sedução de leitores¹⁴³

Possivelmente, estaria aí - na popularidade do caso - o interesse do periódico em dar continuidade com as matérias sobre o fato. O assassinato de uma mulher conhecida pela classe média de Belém, o desencadear de acontecimentos e informações trazidas pelos jornais sobre os acusados, fazendo destes, personagens notáveis, de forma corriqueira encontrados em notas ou em extensas matérias, como a identificada também no jornal “A Noite”, em sua edição de 27 de abril de 1943. Sob o título “Confessou-se autor de dois crimes no Rio”, a matéria teve início na primeira página do jornal e segue na terceira, com o que teriam dito Red e Beatriz durante uma acareação:

Daí haveriam sido ambos acareados hoje, Lucier negou duas vezes que houvesse feito tais declarações à Beatriz. Esta, também, sustentou tudo quanto dissera, reafirmando as declarações que Lucier lhe havia feito. Beatriz declarou ainda que Lucier acompanhara

¹⁴² Jornal *A Noite*. Ano XXXII. Rio de Janeiro - Segunda Feira, 19 de Abril de 1943. N. 11.202. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹⁴³ MENDES, Lucas Trazzi de Arruda. O crime popular: publicidade literária e regeneração na Primeira República. *ANTÍTESES*, v. 6, n. 12, p. 526-550, jul./dez. 2013, p. 534.

então suas declarações com gestos de quem apunhala outrem, crispando os dedos quando se referia ao “Crime do Elevador”¹⁴⁴

Não obstante, quase um ano após o assassinato de Izabel Tejada, ainda era possível encontrar na imprensa, um espaço para trazer ao leitor, informações referentes aos acusados, ou concernente ao curso dos procedimentos tomados pela justiça. À vista disso, chegaria ao conhecimento dos leitores do Rio de Janeiro, no dia 14 de outubro de 1943, mais detalhes dos crimes cometidos pelo casal e a condenação por meio da matéria “Depois de matarem a mulher, tentaram estrangular o motorista”: “Presos, Red Lucier confessou o crime, tendo Beatriz Colares denunciado Red como autor da morte da peruana Izabel Tejada. O júri condenou os réus a 30 anos de prisão celular”¹⁴⁵

Por conseguinte, outro jornal em que foi possível encontrar notícias sobre o caso da peruana, foi “A Manhã”, periódico reerguido, após seu fechamento em 1935 por Vargas, ironicamente com a função de ser um instrumento difusor da ditadura varguista e das aspirações do governo, em diferentes âmbitos. Então, compondo o aparato por meio do qual Getúlio Vargas disseminaria seu intento de unicidade sobre o povo brasileiro, sob sua determinação um coronel e um superintendente indicariam possíveis nomes para estar à frente do jornal. Sendo nomeado Cassiano Ricardo, também autor de “artigos sobre literatura e política”¹⁴⁶ no impresso a partir de seu ressurgimento em 09 de agosto de 1941.

Com clara intenção de instruir seus leitores “o jornal contaria com a colaboração de intelectuais de renomes da primeira década do século XX: Gilberto Freyre, Cecília Meireles, José Lins do Rego”¹⁴⁷. O jornal além de artigos de intelectuais, trazia notícias locais e do mundo, questões trabalhistas, porém o que chama atenção aqui são as chamadas “Notícias de todo o Brasil”, onde eram publicadas notícias diversas, referentes a outros Estados. E nesse caso ainda que tenha sido reproduzida na página interna do jornal, foi uma das notícias escolhidas, entre outros assuntos, sobre o Pará, referia-se ao “Julgamento de dois estranguladores”:

¹⁴⁴ Jornal A Noite. Ano XXXII. Rio de Janeiro - Terça feira, 27 de abril de 1943. N. 11.209. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹⁴⁵ Jornal A Noite. Ano XXXIII. Rio de Janeiro - Quinta feira, 14 de outubro de 1943. N. 11. 378. Hemeroteca Digital Brasileira.

¹⁴⁶ SILVA, Angelina Raquel Pina. O jornal A Manhã, Oliveira Vianna e a Alemanha Nacional Socialista. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, 2016, p. 17.

¹⁴⁷ SILVA, Angelina Raquel Pina. O jornal A Manhã, Oliveira Vianna e a Alemanha Nacional Socialista. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, 2016, p. 18.

Os assassinos levados à barra do tribunal foram condenados a 30 anos de reclusão no Presídio São José. Posteriormente os criminosos apelaram da sentença e, agora, entrando o caso em novo julgamento no Tribunal de Apelação, foram as sentenças reduzidas, para 24 e 10 anos de prisão, respectivamente¹⁴⁸

Da mesma forma, o caso também repercutiu em O Estado, no jornal “O Estado de Florianópolis, fundado em 1915 por Henrique Raup Junior e Ulisses Costa, nutrido por influência política, o periódico esteve moldado por projetos partidários do PSD (Partido Social Democrata) e da ARENA (Aliança Renovadora Nacional), “era um instrumento de poder” (BUDDE, 2013, p. 39). Chegada a década de 30, ocorriam mudanças na sua edição, como o uso da imagem e em paralelo às matérias sobre política, viriam as manchetes policiais. E em 16 de outubro de 1943, na segunda página do periódico, estava um breve resumo do que havia acontecido com Izabel Tejada e o desfecho da trama “Condenados a 30 anos de prisão”: “Presos os indiciados, Red Lucier confessou o crime, tendo Beatriz denunciado a Red como autor da morte da peruana Izabel Tejada. O júri condenou os réus a 30 anos de prisão celular”¹⁴⁹

E a última matéria do levantamento feito para este capítulo, foi divulgada no jornal Gazeta de Notícias, criado em 02 de agosto de 1875, pretendia alcançar leitores de diversos campos da sociedade. Impresso de cunho popular, vendido por assinatura, reproduzia suas matérias “de modo quase que aleatório, sem a preocupação de distinguir os assuntos” (RODRIGUES, 2018. P. 199). Isto posto, destaca-se que quatro anos após o “O crime da Praça da República”, ainda eram noticiadas informações referentes aos envolvidos. Nesse caso, mesmo com o título “O latrocínio da peruana Izabel Tejada”, a nota era concernente a supostos detalhes sobre Beatriz: “Beatriz Colares, corresponsável pelo latrocínio da peruana Izabel Tejada, crime ocorrido há três anos, que fôra posta em liberdade em virtude de um “habeas-corpus”, fugiu agora com um rapaz de 19 anos. Beatriz acha-se tuberculosa”¹⁵⁰

Em suma, os discursos expostos permitiram reconhecer nas páginas dos periódicos padrões de comportamentos ora condizentes, ora diverso da ordem. Mas, além dos parâmetros, o então notável “Crime da Praça da República” nos trouxe, entre outros, três sujeitos que inseridos no mesmo contexto, porém dispendo de diferentes marcadores sociais, possibilitaram o percurso entre feminilidade e masculinidade. Assim, com base no que teriam dito ou praticado, Izabel, Red e Beatriz, atravessaram o limiar de criminosos e vítima, recato e

¹⁴⁸ Jornal *A Manhã*. Ano IV. Rio de Janeiro - Quarta-feira, 28 de março de 1945. N. 1.114.

¹⁴⁹ Jornal *O Estado - O Mais antigo diário de Santa Catarina*. Ano XXIX. Florianópolis - Sábado, 16 de outubro de 1943. N. 8943.

¹⁵⁰ Jornal *Gazeta de Notícias*. Ano 71. Rio de Janeiro - Terça-feira, 22 de janeiro de 1946. Número 18.

prostituição, casamento e divórcio, perpassando por diferentes categorias, sem permanecerem unicamente em uma ou em outra. Desse modo, pôde-se verificar a feminilidade e a masculinidades por meio de intersecções com os marcadores sociais que se entrecruzavam através dos sujeitos da história.

No mais, segundo a análise proposta neste trabalho, para o próximo capítulo, o enredo terá continuidade, após cinco anos do crime, envolvendo três personagens centrais e a morte de quem outrora foi ré e também vítima, Beatriz Afonso.

4 “FATAL EPÍLOGO DE UMA VIDA AVENTUREIRA E TRÁGICA”: SEGUEM OS DISCURSOS OPINATIVOS DA IMPRENSA, APÓS A MORTE DE BEATRIZ

Presos os indiciados, Red Lucier confessou o crime, tendo Beatriz denunciado a Red como autor da morte da peruana Izabel Tejada. O “júri” condenou os réus a 30 anos de prisão celular¹⁵¹

Em 16 de outubro de 1943, o diário *O Estado de Florianópolis* noticiava a decisão tomada pelo júri na capital paraense. Beatriz Afonso e Red Lucier indiciados e culpados pela morte de Izabel Tejada iriam cumprir a sentença de 30 anos no Presídio São José. O trecho extraído da matéria “Condenados a 30 anos de prisão” de um jornal catarinense anunciava a fama atribuída a princípio ao caso, mas que com o tempo foi convertida em torno de Beatriz.

Cinco anos após o “Crime da Praça da República”, Beatriz iria ocupar mais uma vez as páginas dos impressos, pois, mesmo vítima de assassinato, impulsionava os discursos sobre os princípios circunscritos o que era considerada a natureza e a postura da mulher na década de 1940. Neste capítulo, para a análise da segunda parte da trama, relação extraconjugal, homossexualidade e o assassinato de Beatriz serão utilizados os seguintes jornais: *Folha Vespertina*, *O Estado do Pará*, *A Vanguarda*, *A Província do Pará*, *Folha do Norte*, *O Liberal*. E juntamente a esses, periódicos de outros Estados, entre os quais: *A Noite (Rio de Janeiro)*, *Diário da Noite (Rio de Janeiro)*, *Diário da Noite (São Paulo)* e *o Estado de Florianópolis (Santa Catarina)*.

Contudo, antes de percorrer os discursos articulados pelos jornais, é necessário trazer uma breve encadeação de acontecimentos sobre Beatriz, com o intento de uma apreensão mais clara. Tendo em vista que as notícias aqui serão analisadas consoantes às questões sobre feminilidade e masculinidade, logo não estarão dispostas de maneira linear.

Nascida em 1923, nesta capital, Beatriz Afonso teria vivido com seus pais Alexandrina Alencar e Luiz Caetano, e com a irmã Carmita Afonso, à rua Ângelo Custódio. Em 1939¹⁵², aos dezesseis anos casava-se com o jornalista Francisco, com quem teve uma filha, Maria Augusta. Um ano após o casamento, o desquite, e Francisco mudou-se para o Rio de Janeiro, deixando a filha com a mãe e os avós. Posteriormente, Beatriz conheceu o outrora fuzileiro Red Lucier, expulso da Marinha, com quem teria envolvimento amoroso e subsequente, no

¹⁵¹ Jornal *O Estado de Florianópolis* - O Mais Antigo Diário de Santa Catarina. Ano XXIX. Sábado, 16 de outubro de 1943. Hemeroteca Digital.

¹⁵² Autos de Casamento em que são contrahentes Francisco Norton Colares e Beatriz da Conceição Afonso. Catálogo de Casamento: Anos de 1936-1940. Centro de Memória da Amazônia. Arquivo da Universidade Federal do Pará.

crime que levaria à morte de Izabel. Presos e condenados, foram conduzidos ao Presídio São José.

No ano de 1944, ela teria conhecido Miguel Lobato, o então administrador da cadeia, local onde ela também iria conhecer em 1945, a moça Maria Dolores, que estivera no presídio para presenciar as comemorações pelo dia da pátria. Neste mesmo ano, com a aproximação de Beatriz e Miguel e a influência deste, ela conseguia a liberdade condicional por meio de Habeas Corpus. Indo residir na casa de sua família, contudo, ainda manteve-se envolta nos vínculos que estabelecera na cadeia, tanto com Miguel, quanto com Dolores. Não obstante, a partir do dia 24 de março de 1947, os jornais da cidade de Belém se ocupariam veementemente em expor uma suposta relação amorosa entre Beatriz e Dolores, mais do que o fato que dava início às matérias, o assassinato de que foi vítima Beatriz Afonso¹⁵³.

Depois que o depoente dirigio-se á casa do doutor Stelio Maroja, a-fim de contrata-lo como advogado acompanhar o processo de seu irmão; que somente depois de ler os vespertinos editados nesta capital é que soube que seu irmão havia fugido¹⁵⁴

O trecho acima corresponde ao que teria sido as respostas do capitão regional, às perguntas feitas pelo delegado Fernandes Rodrigues, responsável pelo caso de homicídio que iria escandalizar a cidade. As supostas declarações de Benedito Corrêa Lobato, irmão do acusado Miguel evidenciam o meio através do qual foram veiculadas matérias, notas sobre o caso. Os periódicos de Belém mantiveram-se assíduos em sustentar certa regularidade em seus exemplares, com informações e detalhes sobre a mulher Beatriz Afonso, desde seu passado, morte, até o que poderia ser o desfecho da história.

No que se refere aos editoriais, para esse momento da história, prisão, conflitos amorosos e morte, integram um corpo documental ainda maior e heterogêneo. Pois, entre os jornais que se encarregaram do episódio da morte de Beatriz, estavam tanto as folhas rivais, assim como os associados. Entre os quais, 9 periódicos, em 19 matérias levantadas.

¹⁵³ Processo Criminal “Autos de Diligências Policiais acerca do Homicídio de que foi vítima Beatriz Afonso Colares” - 1947. 6ª Vara Penal. Subsérie: Homicídio. Centro de Memória da Amazônia. Arquivo da Universidade Federal do Pará.

¹⁵⁴ Autos de perguntas feitas à Benedito Corrêa Lobato- Processo Criminal “Autos de Diligências Policiais acerca do Homicídio de que foi vítima Beatriz Afonso Colares” - 1947. 6ª Vara Penal. Subsérie: Homicídio. Centro de Memória da Amazônia. Arquivo da Universidade Federal do Pará.

4.1 “Beatriz era mais fêmea que mulher”: uma possível relação escandaliza mais do que um crime contra a mulher

Era 24 de março, no início da tarde na capital, quando um expressivo número de pessoas encontrava-se aos arredores da residência de nº 88, localizada à rua Ângelo Custódio. Mesmo os que não conseguiram se aproximar do local, já sabiam do que se tratava a movimentação: fora assassinada Beatriz Afonso. As informações rapidamente percorreram entre vizinhos e pessoas que residiam nas proximidades, à medida em que ganhava as ruas de Belém, chegara também às salas dos editoriais. Logo, jornalistas e fotógrafos igualmente com a população, estavam reunidos no local do crime.

Munidos com seus equipamentos fotográficos, blocos de anotações e, sobretudo, conduzidos pelo método persuasivo, ali estiveram presentes membros dos mais conceituados diários da cidade. Achavam-se por toda a parte, em busca de informações, especialmente se elas possuíssem um caráter excepcional e não estivessem em posse de seus colegas concorrentes. Cobiçando detalhes, lá estavam os repórteres entre a família, os vizinhos, ou, fotografando o corpo. Daquele dia em diante, se colocariam com tenacidade na tarefa de revelar, com supostas verdades, o íntimo da vida de Beatriz.

Prontamente, estavam redigidas e editadas as matérias que sairiam naquele mesmo dia em jornais com edições vespertinas, e naqueles que percorreriam a cidade logo pela manhã no dia seguinte.

Desse acompanhando a perspectiva que denota comoção acerca do caso, a primeira matéria que será apresentada neste tópico, traz entre suas informações, a particularidade de estarem aglomerados à rua Ângelo Custódio, pessoas dentre as quais era possível ouvir comentários sobre a vítima. Em meio a todos os jornais que deram conta de trazer de pronto a notícia do crime, somente n’*A Vanguarda* foi identificada uma matéria que apontava para a quantidade de pessoas e o que teriam sido suas falas.

E foi esse diário que em 25 de março de 1947, trazia na matéria “Entrincheirado na estrada o assassino de Beatriz” breves informações da captura de Miguel, porém o que se destacava na reportagem era além da foto mostrando o aglomerado de pessoas, aquilo que dizia a respeito: “Despertou a mais viva sensação a notícia do assassinato de Beatriz Colares, ocorrendo ao local da tragédia grande multidão. Comentários de toda a natureza fervilhavam. E o ‘quem com ferro fere, é ferido’ foi constantemente lembrado”¹⁵⁵

¹⁵⁵ Jornal A Vanguarda – Vespertino dos Associados. Ano X- Belém- Pará. Terça-feira, 25 de março de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.

O texto publicado, o qual portava pressupostamente, aquilo que as pessoas teriam dito, anunciava a sentença literal que os homens, autoridades policiais, advogados, jornalistas e parentes atribuiriam dali em diante, sempre que o assunto em questão fosse a morte de Beatriz.

Tendo em vista que nenhuma fonte é detentora exclusiva da verdade, aqui a análise dos discursos é interpretada enquanto troca simultânea entre os que detém o poder de fabricar o texto e o corpo social em que estão inseridos, envoltos na constante transposição de perspectivas. Nesse caso, fazendo daqueles que elaboravam as matérias, ora geradores de opinião, ora mecanismos de transmissão daquilo que a sociedade normatizava. E assim, compondo prerrogativas coletivas:

[...] embora todo discurso seja proferido por alguém- um indivíduo (ou vários)-, esse sujeito (que pode ser o autor de um texto, por exemplo) não é responsável pelos significados que existem em seu discurso, uma vez que nenhum discurso é de autoria exclusiva de seu autor, já que todos os indivíduos fazem parte da mesma memória coletiva. Ou seja, um discurso não é fruto de opiniões e visões particulares, mas uma partícula do imaginário dominante que abarca cada indivíduo...¹⁵⁶

Nesse sentido, que aquilo o que teria sido proferido pelas pessoas e o discurso que foi escrito no periódico se interceptam, na medida em que configuram um mesmo juízo sobre o ocorrido. Pois, mesmo que os textos dos jornais tenham sido confeccionados para informar de determinada maneira, com uma linguagem específica, e, por alguém apto para tal encargo, aqueles que os faziam, integravam a parte da população que tinha acesso à leitura diária. E eram esses que, alfabetizados e/ou os que detinham o hábito de adquirir diariamente os exemplares informativos, eram os que concebiam os ideais e valores ditos dominantes e os transmitiam.

Dessa forma, constata-se um dos espectros das masculinidades vistas nesta pesquisa, o homem que permanecia como o detentor do conhecimento, da informação. Ainda que o recorte desta pesquisa (meados da década de 1940) representasse alterações significativas, com a presença em maior frequência da mulher em âmbitos públicos, a inserção delas em lugares que lhes permitissem maior aprendizado, erudição, ainda era inferior se comparada à presença dos homens, não só o Estado do Pará, mas a região Norte apresentava essa diferença

¹⁵⁶ SILVA, Kalina Vanderlei e MACIEL, Henrique Silva. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Contexto, 2005, p. 101.

em números¹⁵⁷. Ou seja, ainda que comentários tenham de fato surgido, como apontou a matéria, seu caráter opinativo sinaliza para aqueles que forjavam o que era admissível ou não, os homens fossem os das letras, os da lei, ou mesmo os populares.

Não obstante, dada a repercussão imediata do crime, seguida de comentários tendenciosos e a ação precisa da imprensa, era nítido que entre os envolvidos estivesse alguém já conhecido pela polícia, ou uma pessoa notável, e pela popularidade, talvez alguém já citado pelos jornais.

Ocorria que em uma segunda-feira por volta das 12 horas, três disparos foram ouvidos. O administrador do presídio São José, Miguel Lobato, o administrador do presídio, após uma rápida fala com Beatriz Afonso, sacou o revólver e atirou contra ela, tendo antes mirado contra Dolores, porém não alcançando seu primeiro alvo. A história se desencadeava durante o período em que Beatriz esteve cumprindo pena na cadeia, onde teria iniciado o envolvimento com Miguel. Enquanto ela fazia serviços de costura para a família dele, veio a aproximação e relação de ambos, no que culminou na soltura de Beatriz através de Habeas Corpus, com advogado indicado por Miguel¹⁵⁸. Contudo, enquanto esteve no presídio, além do administrador, ela conheceu também Maria Dolores, levada àquela cadeia por uma das filhas de Miguel, para presenciar as comemorações pelo dia da pátria.

Dessa forma, uma vez colocada em liberdade condicional, com vínculos estabelecidos, Beatriz se mantivera fora da prisão, Miguel frequentava a casa de sua mãe, onde ela residia, mas opunha-se à amizade que ela mantinha com Dolores. Convívio pelo qual ele teria demonstrado estranhamento e a censurava constantemente. E entre os episódios que se sobressaíram nessa história - alguns aqui analisados - , o que seria o desfecho, o dia do assassinato, teria ocorrido após Miguel ter ido ao hospital encontrar Beatriz, e lá ela estar na companhia de Dolores, e ao retornarem ele chegaria antes delas na casa de dona Alexandrina, para quem teria se queixado sobre a presença de Dolores. Entre sua saída e a chegada de Beatriz, eles teriam trocado algumas palavras, e segundos depois, Miguel atira contra ela e em seguida foge do local.

¹⁵⁷ “... nos anos de 1940, na região do país, os valores de alta alfabetização para homens e mulheres forma respectivamente 43, 87% e 34,68% (...). Ou seja, a grande maioria da população da região Norte não tinha acesso à leitura de jornais devido aos altos índices de analfabetismo, porém há de se considerar a possibilidade d existência da prática de leituras coletivas, o que amplia a irradiação e a difusão do jornal”, ver PANTOJA, Flaviana Moraes. Das recatadas d’ A Palavra às modernas da Folha do Norte: mulheres nas páginas dos jornais paraenses (1940-1945). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018, p. 25.

¹⁵⁸ Processo Criminal “Autos de Diligências Policiais acerca do Homicídio de que foi vítima Beatriz Afonso Colares” - 1947. 6ª Vara Penal. Subserie: Homicídio. Centro de Memória da Amazônia. Arquivo da Universidade Federal do Pará.

À vista dos acontecimentos que ligavam a mulher que cumpria sentença por coautoria no crime de estrangulamento, uma autoridade policial conhecida na capital e uma moça até então desconhecida, as notícias e pareceres sobre o caso aumentavam, e se diversificavam à medida que os editoriais traziam supostas informações, às quais insinuavam existir uma relação para além da amizade entre Beatriz e Dolores, o que outrora seria usado para favorecer a defesa de Miguel, ao passo que marginalizava as perspectivas sobre Beatriz e Dolores.

Deste modo, mantendo as características chamativas, *O Estado do Pará* no dia 25 de março de 1947, trazia na matéria de uma página inteira, dispondo de dez fotos, entre elas: a do corpo de Beatriz, das roupas de Miguel na casa de dona Alexandrina, um de Red Lucier e uma foto da reportagem com a mãe e a irmã de Beatriz. O texto mostrava uma síntese do passado de Beatriz, além de um provável detalhamento do crime.

Contudo, para este trabalho o que mais se sobressai é a constância com que Dolores é citada como “perigosa” e como culpada pela tragédia. Além disso, o texto afirma que a reportagem teria procurado por meninas que supostamente conheciam Dolores, a partir das quais soube-se que ela apenas fardava-se, não frequentando colégio algum. E, possivelmente para reforçar a periculosidade, o jornal expôs um trecho de uma carta que ela teria escrito à Beatriz, na matéria “Uma mulher marcada pelo destino!”:

Logo de início, ao depararmos com o monstruoso crime, a mocinha Dolores, uma pobre anormal, mas perigosa pela sua tendência, era ao nosso ver a protagonista de mais evidência no desenrolar da tragédia que culminou com a morte de Beatriz. A realidade é que o tenente Miguel Lobato tinha ciúmes de Dolores. Vejamos por exemplo o final desta carta em que Dolores conta a sua desdita “amiga”: *o tenente, filha, parece que já está cismado conosco*. O resto da carta é impossível de transcrevê-la aos nossos leitores¹⁵⁹

Logo, é possível inferir que para além daquele que havia atirado contra Beatriz, o discurso feito n’ *O Estado do Pará* incitava que a mais uma pessoa caberia a culpa. Voltando-se para Dolores, ao aponta-la como perigosa, anormal e mencionar que o restante de sua suposta carta não poderia ser exposto aos seus leitores, o artigo joga com valores estimados à época: moral e pudor. Isso junto ao que tornaria a história ainda mais intrigante, estimulando a busca diária por seus exemplares, ao confidenciar o conteúdo da correspondência.

Destarte, ainda que fundamentado em suposições, usando-a como parâmetro ao tecer juízo de valor sobre a conduta e/ou personalidade, e justificável à responsabilidade de um

¹⁵⁹ Jornal *O Estado do Pará*. Ano XXXVII- Belém- Pará. Terça-feira, 25 de março de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.

crime, lançava o jornal, uma insinuação sobre a homossexualidade de Beatriz e Dolores, a partir da qual se desdobraram partes significativas das matérias que serão vistas no decorrer deste capítulo.

Previamente, é fundamental destacar que a homossexualidade, precisamente a feminina, entre os séculos XIX e XX era continuamente circunscrita aos conhecimentos médicos, psiquiátricos e jurídicos, que a reduzia à degeneração¹⁶⁰, como buscavam meios para inibi-la, senão corrigi-la. Portanto, caberia identificá-la, denunciá-la e trata-la, ou seja, os saberes médicos e legais eram norteadores, atravessando quaisquer profissionais, ou classe social, com o intuito de difundir as ideias que a marginalizavam.

Ademais, médicos e juízes estavam unidos na causa que acreditavam poder subtrair da sociedade, pois, de acordo com esses, na prática a homossexualidade feminina representava uma questão que requeria a intervenção médica e a correção moral, estando assim relacionada com a criminologia. Ao passo que estudos, teses foram produzidos no intento de corroborar a ligação entre homossexualidade e crimes, influenciando a constituição de códigos e padrões de condutas.

No trabalho acerca da mulher associada à criminologia, MARTINS (2009) aponta a caracterização de cada objeto de estudo nos três momentos, do campo da criminologia, onde aponta para a criminologia clássica, o crime; na criminologia positivista, o criminoso; e, para a criminologia crítica, o sistema penal. Preponderando no século passado as vertentes clássica e positivista, ou seja, o foco estaria centrado no crime e no sistema penal. Isto posto, depreende-se a tipificação feita sobre aqueles e aquelas que demonstravam, segundo juristas, propensão ao crime. Estavam então, no dispositivo legal, algumas das masculinidades e feminilidades:

O Código Penal brasileiro de 1940 ainda apresenta o ideal de mulher honesta e a criminalidade decorrente de ações contrárias as delas esperadas. Da mesma forma, a figura da criminosa masculinizada permanece viva no imaginário popular e de alguns magistrados. Uma figura calcada pelo discurso criminológico positivista como detentor de uma periculosidade nata, de uma anormalidade sem possibilidade de tratamento, tanto quanto a figura da prostituta¹⁶¹

¹⁶⁰ “... Viveiros de Castro. No que tange à homossexualidade feminina considerava-a uma degeneração sexual e, se por ventura um homossexual cometesse algum delito, o juiz deveria levar em consideração o estado degenerativo de sua sexualidade...” ver, OLIVEIRA, Prof^a Dra Cláudia Freitas de. *A Homossexualidade Feminina na História do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania*. Repositório Institucional. Universidade Federal do Ceará, 2015, p. 9.

¹⁶¹ MARTINS, Simone. *A mulher junto às criminologias: de degenerada à vítima, sempre sob controle sociopenal*. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21 – n. 1, p. 111-124. Jan./Abr. 2009, p. 118.

Porquanto, tendo o discurso jurídico pautado suas prerrogativas a partir do que considerava determinante em feminilidade e masculinidade consoantes à ordem, definia em contrapartida os arquétipos que seriam os indesejáveis. Estes últimos seriam os tipos a corromper toda uma estrutura de poder, baseada na conservação de relacionamentos entre homens e mulheres, assim estaria a instituição família sob a ameaça de desagregação. Logo, depreende-se que o texto d' *O Estado do Pará* alarmava para o risco que Dolores representava, destacando nela uma “anormalidade”, ainda que seu maior indício estivesse na suspeita partindo de uma carta, a qual nem todos os periódicos mencionaram.

Apenas a suposição sobre a homossexualidade de Dolores representava motivo suficiente para voltarem às atenções e cuidados. De modo que, os discursos nos jornais eram unânimes a esse respeito, fossem de vertentes opostas ou não, a partir de então informar sobre o crime do qual foi vítima Beatriz Afonso, implicava, além de atualizar os leitores, em expor supostas minúcias que a envolviam. E, ao se deparar com a possível relação entre Beatriz e Dolores, não hesitavam em abordar diariamente, contudo, em tom assertivo e em caráter arbitrário.

Por conseguinte, na próxima matéria também d'*O Estado do Pará*, tem-se a reportagem ocupando toda a página, trazendo sete imagens, entre elas: foto do momento da captura de Miguel, um registro de um provável passeio pelas ruas de Belém de Beatriz e Miguel, uma foto do acusado na delegacia, uma foto de Maria Augusta (filha de Beatriz) e também um registro de Dolores de quando estivera na delegacia. O texto pormenorizava detalhes da fuga e captura de Miguel, mencionando pessoas de influência à época, que segundo o texto, sem se dar conta ajudaram o criminoso a fugir, à exemplo o dr. Eduardo Hermes. Desta maneira, a matéria trouxera o que seria a versão de Dolores aos fatos, além da forma como continuava a ser descrita. Então, em 26 de março, sob o título “O assassino de Beatriz entregou-se aos jornalistas”, no item “Como falou a celebre colegial”:

Maria Dolores tem papel de relevo na tragédia de anteontem. Mulher pervertida, suas façanhas de depravação são [...] disfarçando-se ela, as vezes, de colegial para desviar meninas [...] talvez de más ações. Diz ela que conhecia Beatriz desde 1945, quando a detenta estava na cadeia. Mantinha com a ex-amante de Red Lucier, relações íntimas, que ultimamente mais se acentuaram¹⁶²

¹⁶²Jornal O Estado do Pará. Ano XXXVII- Belém- Pará. Quarta-feira, 26 de março de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

É instigante defrontar com a fonte que usa boa parte de seu espaço para informar e discorrer detalhadamente sobre a fuga do culpado, sua captura e não usar de termos incisivos ao se referir a ele, ou ao que ele teria dito. Todavia, o mesmo texto apresenta um aspecto categórico ao publicar o que teria sido o discurso de uma das envolvidas. Novamente *O Estado do Pará* inicia, atribuindo à Dolores o “protagonismo” e o “relevo” quanto ao crime, pois, ainda que no texto Miguel fosse chamado de “criminoso”, o discurso sobre ele girava apenas em torno do crime, não indicando quaisquer apontamentos sobre sua vida ou sua conduta. Já ao tratar de Dolores e Beatriz, a matéria é clara em evidenciar juízos de valor, a parti daquilo o que demonstravam ter descoberto o jornal, a respeito de seus supostos comportamentos.

Além disto, no excerto da matéria afirma-se que Dolores “desviava meninas”, informação talvez procedente do contato que o jornal declarou ter recorrido, à meninas que a conheciam. Entretanto, a reportagem enfatiza ter obtido informações de maneira informal, sem qualquer validação. Simultaneamente, no texto há a afirmativa de que Dolores haveria confirmado as relações íntimas com Beatriz. Porém, não há indicação se a declaração foi dada à reportagem, ou à polícia, e nem demonstra-se qualquer exigência, pois, as informações eram publicadas para persuadir. E, nitidamente, os tetos dos periódicos beneficiavam ou contribuía para assegurar a imagem de Miguel, ao passo em que, qualquer meio, legítimo ou não, servia para reforçar a marginalização das mulheres envolvidas.

Mais ainda, a maneira como a matéria representava Dolores, as características às quais lhe eram atribuídas, corroboravam a periculosidade com a qual lhe definiam na reportagem anterior. Era crucial manter o perigo, enquanto parte de sua imagem, posto que tudo aquilo que ela denotava segundo os textos jornalísticos, depravação e perversão, compunham a imagem de mulher perigosa, aproximando-a mais ainda da mulher considerada criminosa. Segundo a perspectiva de periculosidade e a ideia que acarretava, indicada por FOUCAULT (2013):

Assim, a grande noção da criminologia e da penalidade em fins do século XIX, foi a escandalosa noção em termos de teoria penal, de periculosidade. A noção de periculosidade significa que o indivíduo deve ser considerado pela sociedade de acordo com as suas virtualidades, e não de acordo com os seus atos; não no que concerne à infrações efetivas, mas as virtualidades de comportamento que elas representam¹⁶³

¹⁶³ FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. 4ª Edição- Rio de Janeiro: Nau, 2013, p. 86

Isto posto, como citado, a periculosidade seria intensificada em Dolores, através de sua distinção feita quanto a sua aparente relação com Beatriz, uma vez que ela não havia cometido nenhum crime, mas o que ela representaria à sociedade seria tão indesejado e temível quanto se o tivesse feito. A comprovação de tal envolvimento, além de ser uma ameaça aos princípios morais da família, um risco de subverter as tais meninas que as conheciam e, uma afronta à moral de Miguel, conforme ele mesmo teria declarado, ao afirmar que ter conhecimento de outros envolvimento de Beatriz com homens, mas era a mulher que o incomodava: “Não desconhecia que era traído por Beatriz, mas perdoava tudo. Foi quando apareceu Maria Dolores, alma perversa”¹⁶⁴

Ainda que o texto tenha sido produzido, para conceber uma verdade, mesmo que a provável declaração de Miguel tenha sido um meio para atribuir uma fama vulgar à Beatriz e uma figura pejorativa de Dolores, não obstante fica nítido na própria matéria, possíveis contradições. Contudo, este trabalho não pretende estabelecer o veredicto sobre quem disse a verdade ou a omitiu, mas é necessário atentar que as incoerências, nesse caso, indicam que mesmo equivocados, os discursos outrora elaborados por homens, permaneciam válidos. Tal como, o trecho, ainda da mesma matéria, afirma que Dolores prestou depoimento frente à sete homens, além de publicar que ela fora submetida a exame médico, comprovando sua virgindade, com o título inusitado “Contradições de Dolores”:

Maria Dolores só ontem, às 11 horas da noite, veio prestar declarações na Polícia, tomando-as por termo o delegado João Fernandes, auxiliado pelo escrivão Edgar Titan. Estavam presentes ainda os delegados Jorge Corrêa e Wilebaldor Quintanilha Bibas, o comissário Raimundo Marques de Menezes e o deputado estadual Célio Dacier Lobato, parecendo de vez em quando ao recinto da delegacia Especial de Segurança Social, o dr. Chefe de Polícia, que fazia vários interrogatórios às testemunhas e as autoridades processantes [...] Seu nome total é Mari Dolores Barros Lima, tem 18 anos de idade [...] Foi submetida à exame médico sendo declarada virgem¹⁶⁵

A princípio, a reportagem discorre sobre cada um que esteve presente no momento em que fora tomado o depoimento de Dolores, o que parece algo incomum, já que de praxe, ela (envolvida) deveria estar diante de um delegado e um escrivão, e de seu advogado. No entanto, uma moça estar depoente frente a sete homens, seria minimamente contestável, mais ainda, estar entre eles nomes notáveis, tal como uma personalidade política, o deputado,

¹⁶⁴ Jornal O Estado do Pará. Ano XXXVII- Belém- Pará. Quarta-feira, 26 de março de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

¹⁶⁵ Jornal O Estado do Pará. Ano XXXVII- Belém- Pará. Quarta-feira, 26 de março de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

membro do Partido Social Democrático e também gerente do jornal *O Liberal*¹⁶⁶, Célio Dacier Lobato. Desse modo, é perceptível que a forma como ocorreu o procedimento e os sujeitos presentes, viriam reforçar o entorno de risco e a importância midiática que o crime ganhou na cidade, sobre o qual era forjada a imagem de Dolores.

Em sequência, a reportagem acrescenta a informação em que por meio de exame médico, Dolores foi declarada virgem. Não há como indicar a maneira como interpretaram as autoridades “relações íntimas”, à medida em que fora garantida a existência de um atributo tão caro, imposto às mulheres. E, nesse caso, a constatação da virgindade era um componente determinante sobre o proceder da envolvida.

As mulheres modernas ou não, embora constituídas a partir de experiências múltiplas, diversas e variáveis, eram vistas pelo pensamento jurídico da época sob uma perspectiva essencialista, universal e fixa, contida na representação singular de “mulher”. Assim, segundo aquele pensamento, a “mulher moderna” do período do pós-guerra, ao sair da proteção da intimidade vigilante do lar para ir trabalhar, tornou-se objeto de “todas as classes de sedução”. Nesse sentido, ela tornou-se sobretudo uma ameaça à desagregação dos costumes [...] Ameaça essa que precisava ser eliminada com “interpretação criativa” de conceitos como a honra e a virgindade femininas¹⁶⁷

No mais, a análise do todo na ocasião, depoimento de uma mulher obtido na presença de sete homens, a condição de ser submetida a exame médico contribuem para fazer dela, talvez mais do que intentaram fazer em relação a Miguel, a personagem que carregaria a responsabilidade moral, tendo em vista os aspectos de transgressão, que a ela e à Beatriz eram conferidos.

Levando em conta a perspectiva transgressora da qual se incumbiram os editoriais, em divulgar dia após dia sobre Beatriz e Dolores, muito dela é possível notar na próxima reportagem. Pertencente ao jornal *Folha Vespertina*, a matéria que deu nome a este trabalho, pois, assim como as demais, permitiu discutir as feminilidades e masculinidades, no entanto, está entre as que mais promoveram discursos opinativos sobre o caso, mais ainda sobre Beatriz.

A folha trazia em março de 1947, não tão extenso ou detalhado como os já analisados anteriormente, porém seu texto, sem imagens, de início já deixava claro que não hesitariam em fazer comentários sobre a vida de Beatriz, o que foi feito de maneira enfática, com

¹⁶⁶ Fonte: Jornal O Liberal- Órgão do Partido Social Democrático do Pará – Ano I- Diário Vespertino. Belém- Estado do Pará, 7 de Março de 1947. *Um grande almoço para os Auxiliares de O Liberal*. Hemeroteca Digital

¹⁶⁷ MUNIZ, Diva de Couto Gontijo. Gênero, poder e o Código Penal de 1940: as construções de “crise moral”, “mulher moderna” e “virgindade moral”. ANPUH- XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA- Londrina, 2005, p. 2

juízos sobre suas possíveis condutas, mencionando envolvimento que Beatriz supostamente tivera com outros homens. Intitulada “Mulher marcada pelo destino”, assim a descrevia:

Beatriz Colares trouxe, sem dúvida, o estigma da fatalidade e a marca da desgraça em sua vida e em seu destino [...] Quem a conheceu, antes do crime do estrangulador, no qual ela se revelou a tarada completa e a insensível incomum, sabia a cínica incomparável e a simuladora sem pudor. O fato de ter morrido da maneira, não nos impede de tecer comentários em torno de sua vida, que foi um capítulo negro na história do mundo¹⁶⁸

O nome dado à matéria já anunciava o que poderia trazer em seu conteúdo, tendo em conta a temeridade ao reconhecer a forma como ela foi morta, e ainda assim, não se eximir em sentenciá-la. Explícito também fica que, ao mencionar o crime do qual foi cúmplice, nenhuma alusão de caráter opinativo é feita a Red Lucier, nem sequer sua autoria no crime é mencionada. Além do mais, os atributos, com os quais qualificaram-na, emitiam as representações da mulher condizente à ordem e a adequação às normas, de acordo com SOIHET (2018):

As imposições da nova ordem tinham respaldo da ciência, o paradigma do momento. A medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação materna¹⁶⁹

De maneira então, conservadora, a matéria remetia à Beatriz tudo o quanto fosse condenável a uma mulher. Tendo como exemplo, a expressão “tarada completa”, que designava a reprovação à mulher que expressasse em âmbitos fora de um casamento sua sexualidade. Demonstrar minimamente ou externar indícios de uma vivência sexual para as mulheres, fazia delas uma ameaça moral, em contraponto ao ideal de feminilidade esperado, sendo a mulher educada desde menina para cumprir seu único papel, o de mãe. Vivendo sob o estigma do recato da moça dessexualizada. Como os padrões do século XX, aponta MATOS (2005): “Condenava-se a prática demasiado frequente das relações sexuais, cujos ‘excessos’,

¹⁶⁸ Jornal Folha Vespertina- Edição das 16 Horas. Belém. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

¹⁶⁹ SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012, p. 363.

além de malefícios morais, poderiam levar a uma fragilidade do organismo feminino e colocar em perigo as futuras gerações”¹⁷⁰

Ainda sob tal perspectiva, a reportagem prossegue, classificando Beatriz e justificando os comentários:

Mais fêmea do que mulher, logicamente que não escaparia, de forma alguma, à fatalidade inderrocável de sua vida. [...] Lembrar para provar e mostrar que não há exagero de observação: quando presa, confessou o crime de Tejada. E cinicamente afirmou que o escondera até então, tomando parte no segundo, temendo a fúria de seu amante. Com todos os homens com quem ela se metia, havia ódio, desencanto, sofrimento, ameaças¹⁷¹

No fragmento acima, é evidente uma descrição de Beatriz reduzida à sexualidade, ao passo em que se usa desse aspecto para justificar uma vida que segundo o texto, já teria um fim traçado. Nesse sentido, o discurso sobre ela ainda oscilava entre o censurável, e o aceitável preconcebido reverberava muito do controle que tentava-se impor sobre os sujeitos e seus corpos. A fabricação desses discursos disciplinadores sobre corpos, visava na prática, exclusão e/ou legitimação, e entre os meios produzi-los estavam as estruturas jurídicas, segundo BUTLER (2017):

Em outras palavras, a construção política do sujeito vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultadas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento¹⁷²

De modo como colocado por Butler, as prerrogativas sobre feminino e masculino postas através de mecanismos legais eram naturalizadas. Não obstante, ainda no século XX, o saber jurídico vinha atrelado também ao conhecimento médico científico pelo qual forjavam-se os padrões de feminilidade e masculinidade. Logo, tão comumente eram identificados nos periódicos. Por isso, na sentença “*mais fêmea do que mulher*”, é indubitável a única diferença nesse caso, posta entre os substantivos “fêmea” e “mulher”, onde a primeira representava o perfil de mulher incômodo à ordem, tal qual a que não reduzia sua sexualidade a uma função reprodutora, não conformava-se em fazer de seu corpo, um objeto de controle, para então

¹⁷⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. Âncora de emoções- corpos, subjetividades e sensibilidades. Bauru, SP: Edusc, 2005, p 62.

¹⁷¹ Jornal Folha Vespertina- Edição das 16 Horas. Belém. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

¹⁷² BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 14ª edição- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 19

representar o perfil ideal de “mulher” que deveria obstinar-se unicamente ao papel de mãe, sem evidenciar qualquer indício de libidinagem. Em *O Segundo Sexo*, Beauvoir (1967):

Equivale isso a dizer que não se trata absolutamente para a mulher de basear em sua singularidade relações com um espaço de eleição, mas sim de justificar em sua generalidade o exercício de suas funções femininas, ela só deve conhecer o prazer de uma forma específica e não individualizada; disso resultam duas consequências essenciais tocantes a seu destino erótico: primeiramente não tem ela direito a nenhuma atividade sexual fora do casamento [...] ao passo que, num mundo em que a mulher é essencialmente definida como fêmea, é necessário que seja integralmente justificada enquanto fêmea. Por outro lado, vimos que a ligação do geral e do singular é biologicamente diferente do macho e na fêmea: cumprindo sua tarefa específica de esposo e reprodutor, o primeiro encontra certamente seu prazer; ao, há muitas na mulher distinção entre a função gentil e volúpia¹⁷³

À luz dos apontamentos da filósofa, é perceptível constatar que a reportagem buscava mostrar ao leitor, a imagem de uma mulher marcada por seus supostos interesses libidinosos, ao invés de ter optado por desempenhar o papel de uma mulher, que se resignaria ao aguardo do matrimônio, restringindo sua sexualidade. Para tal, a *Folha Vespertina*, na tentativa de validar seu discurso, menciona possíveis envolvimento de Beatriz, reiterando seu comportamento através de uma perspectiva biológica (fêmea). Contudo, “fêmea” ou “mulher”, ambas demandavam restrições, controle e defesa.

Deste jeito, identifica-se na matéria, o discurso em que a responsabilidade sobre qualquer sorte de um homem, era de imediato atribuída à mulher, fosse ela, a mãe, a esposa ou a amásia. Relatando, o que teria sido o percurso de Beatriz, após ser solta a primeira vez, através de *Habeas Corpus*. Além de reforçar sua trajetória marcada supostamente por suas relações com homens, por onde estivera:

depois de ter sido amante de quantos foi possível no presídio São José, Beatriz se foi para o Maranhão. Lá se encontrou com um moço, que por ela se apaixonou. Quando a polícia de S. Luiz começou a persegui-la, o moço deixou emprego, família, amigos, vida, e com ela se embrenhou mata adentro [...] voltou à cadeia. E de lá saiu há um mês. Um homem ela jogou na cadeia e ela a levou para lá também: foi Red Lucier. O outro, o do Maranhão, ela mandou para o cemitério, tuberculoso. Foi o único bom, porque morreu. Agora, o terceiro que se conhece, vai para a cadeia porque a matou¹⁷⁴

¹⁷³ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo – A experiência vivida* 2ª Edição. Difusão Europeia do Livro, 1967, p. 176.

¹⁷⁴ *Jornal Folha Vespertina*- Edição das 16 Horas. Belém. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

Aparentemente, tratava-se o primeiro homem, de um trabalhador¹⁷⁵, um dos requisitos que compunham o perfil de masculinidade hegemônica enquanto expressão daquele que tem em si atributos de poder viril. O outro, Red Lucier, autor do estrangulamento de Izabel, condenado e preso junto à Beatriz. E o terceiro citado, Miguel, tendo a matado. Ainda que o texto mencione apenas o primeiro como “único bom”, no mais as diferenças entre os dois criminosos e um homem considerado bom, parecem não contar, pois, no discurso os três equivalem à mesma condição, no caso, vítimas de Beatriz. Um teve sua morte associada a ela, mesmo que sem causa provada, o segundo teve a mesma sentença, 30 anos de prisão, e o último corria o risco de também ser condenado. Todavia, não se pretende fazer um trabalho, em que se reitere que a mulher era mais hostilizada, a mais oprimida, a mais sujeita a imposições de padrão, a mais submissa, ou a que demonstrava resistência. As normativas correspondiam às feminilidades e às masculinidades, porém de modos diferentes. Tão logo, suas significações não se encerram nas diferenças sexuais, é preciso considera-las junto aos seus marcadores sociais.

Isto posto, na próxima matéria, também da Folha Vespertina, chama atenção um aspecto da feminilidade imposta, o que poderia ser um contraponto à feminilidade em que os jornais compreenderam Beatriz. A reportagem do dia 24 de março de 1947, da edição das 16 horas, estava disposta em página, onde descrevia detalhes do crime, supostos pormenores da vida de Beatriz e sua relação com Miguel. Trazia também quatro fotos, que mostravam: Beatriz ao lado de Miguel; uma em que estava acompanhada de seu marido Francisco, além de uma foto do corpo de Beatriz e outra em que ela aparece só. Contudo, a matéria reproduzira um bilhete, que ela teria deixado para Miguel antes de sair para uma visita ao seu pai, que estava no hospital. De título “Fatal epílogo de uma vida aventureira e trágica”:

Antes de sair, Beatriz escreveu um bilhete, que nos foi mostrado por Carmita, dirigido a Lobato, e concebido nos seguintes termos: Meu bem- você ficou de vir buscar-me. Esperei vestida até às 10 horas. Já estava cansada de esperar, quando apareceu Dolores e fui com ela até o hospital. Vá buscar-me lá. Esperarei por você. Não se preocupe, que já tenho 24 anos – idade de ter juízo. Tua Cy¹⁷⁶

¹⁷⁵ “Nos anos 40 e 50 (...), a masculinidade hegemônica projetava homens que deveriam se mostrar sempre fortes e capazes, devendo ter envolvimento com o trabalho. Nesse processo, o trabalho aparecia como fonte básica de auto-realização. Um espaço de criatividade e prazer, veículo de crescimento pessoal, com a função de nomear o mundo subjetivo dos homens (...) modelando-o como expressões daquele que tem em si atributos de poder viril. O masculino, o trabalho e a paternidade reforçam-se mutuamente, garantindo e consolidando o modelo de autoridade e de poder a ser desempenhado pelos homens”, ver MATOS, Maria Izilda dos Santos. Por uma história das sensibilidades: em foco- a masculinidade. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p. 45-63, 2001, Editora da UFPR, p. 51

¹⁷⁶ Jornal Folha Vespertina- Edição das 16 Horas. Belém – 24 de Março de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

Assim como a matéria já analisada *d'O Estado do Pará*, que somente transcrevera um trecho de uma suposta carta, a *Folha Vespertina* apenas reproduzira o conteúdo do bilhete, sem nenhuma foto como registro de comprovação, já que tais correspondências eram citadas nas reportagens de modo a corroborar os discursos jornalísticos que a desmoralizavam. No entanto, considerando o assunto do bilhete, destaca-se o trecho em que Beatriz teria mencionado ter “24 anos – idade de ter juízo”. O então, recado deixado para Miguel, requeria que ele, entendesse da autonomia daquela mulher, que mesmo atravessando prerrogativas da ordem e também da desordem, deixava claro no bilhete, não necessitar de preocupação. Esta última, em forma de proteção, tutela que, outrora só poderia dispor através do homem no ideal de masculinidade, provedor/protetor.

Mais ainda, ao indicar seus 24 anos, seu discurso parecia carregar a consciência, de que a mulher em sua idade possuía o resguardo sobre si. Não obstante, o Código Penal de 1940 designava a idade a partir da qual a mulher deveria ter arbítrio sobre suas decisões, conferindo-lhe o entendimento a partir dos 18 anos acerca de sua sexualidade. Em estudo sobre a literatura jurídica, assinala GASQUE (2005): “Por meio do Código de 1940, portanto, a lei confere à mulher, a partir dos 18 anos de idade, pleno domínio de sua vontade e lhe atribui consciência plena no campo da sexualidade”¹⁷⁷

Constituindo o corpo documental deste primeiro item, as próximas duas matérias estão disponíveis na versão digital, podendo ser acessadas pela Hemeroteca Digital. Ambas de jornais pertencentes à Rede dos Associados *Diário da Noite (SP)* e *Diário da Noite (RJ)*¹⁷⁸. Desse modo, considerando que Chateaubriand em sua empresa de comunicação já tinha alcançado a cidade de Belém através do jornal *A Vanguarda*, além disso havia a Agência Nacional Brasil¹⁷⁹, responsável pela transmissão de notícias. Logo, não seria de todo, complexo a troca de informações entre os editoriais.

Dessarte, fundado em 1925, o *Diário da Noite (SP)*, Órgão do Diário Associados, dirigido por Edmundo Monteiro, periódico que diariamente se dispunha a publicar notícias referentes a crimes e criminosos, no entanto, buscava-se inserir nos padrões do jornalismo

¹⁷⁷ GASQUE, Maria Aparecida de Souza. O crime de sedução na literatura jurídica. Revista EthosJus, 2005, p. 8

¹⁷⁸ “... Chateaubriand adquiriu em poucos meses depois de fundado, o Diário da Noite (SP, 1925) e fundou o Diário de São Paulo (1929) e o Diário da Noite (RJ, 1929) num quadro marcado pelas tensões que envolviam Washington Luiz”, ver LUCA, Tania Regina de, *A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX*. July 1, 2017. Silo.Tips, p. 14

¹⁷⁹ “...As imagens de assuntos internacionais e nacionais respectivamente, eram enviados pela Associated Press (AP) e Agência Jornal Brasil”, ver SEIXAS, Netília Silva dos Anjos e SIQUEIRA, Thaís Christina Coelho. *Fotojornalismo na imprensa de Belém: 1900-1950*. Brazilian Journalism Research – volume II- número 2-2015, p. 46.

moderno, tomando o leitor através da proximidade emocional com o assunto tratado¹⁸⁰. Assim, em 02 de abril de 1947, exibia aos leitores de São Paulo, o crime ocorrido em Belém, com duas fotos: uma do corpo de Beatriz e outra dela com Miguel, mesmas imagens publicadas n’*A Vanguarda* e na *Folha Vespertina*, a matéria iniciava na segunda página e conclusão na última. O texto trazia os detalhes do assassinato, a descrição sobre Dolores como “pivot da tragédia” e uma síntese da fuga de Miguel, tópicos similares aos expostos anteriormente. Porém, nesta reportagem se fez notar a diferença para a designação entre o relacionamento de Beatriz e Miguel, e Beatriz e Dolores. Outrossim, o nome da matéria já reproduzira a convicção não só da existência de um caso amoroso entre elas. De título “Assassinou a amante que o deixara por uma jovem”:

Amante do administrador do Presídio

Por ocasião de sua permanência na cadeia, Beatriz atraiu a atenção do tenente Miguel Corrêa Lobato, começando então ainda do presídio, as relações amorosas entre o administrador e a detenta. A saída de Beatriz do presídio não determina o final de sua ligação amorosa como o tenente Lobato.

Depravação

A estudante veio então a conhecer Beatriz Afonso Colares, e entre as duas, se estabeleceu estranha amizade.

Dolores passou a frequentar a casa de Beatriz, com quem de quando em quando saía a passeio¹⁸¹

Nos fragmentos acima é possível identificar o valor de uma denominação, em detrimento da outra. Considerando, pois, que Miguel era um homem casado e o discurso de masculinidade e feminilidade hegemônica, outrora estava fundamentado binômio permissão/proibição sobre os sujeitos e seus corpos. Porém, os desvios sexuais masculinos, dependendo de quem era o indivíduo na sociedade, eram encarados como manifestação de sua virilidade¹⁸². Nesse sentido, enquanto homem notável em sua carreira, conhecido de outros

¹⁸⁰ “O Diário da Noite, se debruça sobre as singularidades negativas da vida urbana moderna, que transmitiam tensões do dia a dia, próprias das grandes cidades – barulho, acidentes, enchentes, epidemias, - ao convívio do transgressor, com o anômalo, com o carente e principalmente com o criminoso. E estes, de forma mais ou menos explícita estarão próximos da classe trabalhadora. Esta parece como similar aos que vivem na fronteira da ordem, correndo um risco intermitente de traspor a normalidade e cair na exceção, no desvio”, ver ROMERO, Mariza. Inúteis e perigosos - O “Diário da Noite” e a representação das classes populares – São Paulo 1950-1960. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008, p. 117.

¹⁸¹ Jornal Diário da Noite – Órgão dos Associados – Ano XXIII. São Paulo- Quinta-feira, 2 de abril de 1947. Hemeroteca Digital

¹⁸² “Apesar de haver maior tolerância com os excessos sexuais masculinos, como manifestações de virilidade, passou-se a recomendar a castidade também para os jovens. A castidade masculina antes do casamento e a fidelidade matrimonial passaram a ser pontos centrais para a profilaxia educativa do pós- Primeira Guerra. A defesa da castidade masculina aparece ligada a um novo argumento: a antecipação da idade de casamento, com a imposição de exame médico pré-nupcial obrigatório por lei”, ver ¹⁸² MATOS, Maria Izilda Santos de. Âncora de emoções- corpos, subjetividades e sensibilidades. Bauru, SP: Edusc, 2005, p 60

homens influentes na capital, ainda que Miguel tenha sido exposto pelo crime que cometeu, identifica-se nos discursos, uma certa prudência quando ele é descrito, de igual modo na nomeação de seu envolvimento com Beatriz “ligação amorosa”, o que em termos jurídicos configurava crime de adultério, mas na prática, no trecho exposto, foi validada em termos de amor, o extremo oposto da “paixão”, identificada em inúmeros casos considerados passionais, enquanto emoção causadora de desequilíbrio, justificativa de muitos assassinos, pois presente na lei, como mostra ENGEL (1998):

O Código Penal Brasileiro, vigente entre 1890-1940, viabilizou a absolvição de criminosos passionais, através da comprovação de que agindo sob impulsos quer da “duradora paixão”, quer da “súbita emoção”, no momento do crime, apresentavam perturbações psicofisiológicas que os tornavam completamente irresponsáveis por seus atos. Nas defesas destes criminosos coube, pois, um papel fundamental às correntes da medicina mental que conferiam aos estados emocionais e passionais o status de uma verdadeira obsessão, equiparando-os a uma espécie de loucura que poderia atingir momentaneamente indivíduos mentalmente sãos¹⁸³

Em contraponto, a suposta relação envolvendo Beatriz e Dolores, recebera uma denominação de estranha amizade, que carrega em si, a discriminação. E, considerando que se tratava de mulheres em desacordo com a feminilidade hegemônica, sobretudo no tocante à sexualidade. Beatriz já fora casada, envolvendo-se posteriormente com Red Lucier e por fim, carregava a imagem da mulher livre. Dolores, ainda que virgem, devido a sua aproximação com uma mulher, teve sua personalidade associada à imoralidade. Ambas pertencentes ao segmento popular, que apesar da circularidade de valores e normas, possuíam características próprias, relativas as suas realidades. Por razões como estas, a investida de controle sobre essas mulheres seria contínua, e a ideia de matrimônio era uma dessas formas de controle. Segundo a análise sobre mulheres pobres e violência, SOIHET (2018) destaca:

A liberdade sexual das mulheres populares parece confirmar a ideia de que o controle intenso da sexualidade feminina estava vinculado ao regime de propriedade privada. A preocupação com o casamento crescia na proporção dos interesses patrimoniais a zelar¹⁸⁴

No mais, outro ponto de destaque, é que o *Diário da Noite (SP)* reproduzira em sua reportagem o que seria o conteúdo de uma carta que Dolores teria escrito à Beatriz, não

¹⁸³ ENGEL, Magali. Paixão, crime e relações de gênero (Rio de Janeiro, 1890-1930). Topoi, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 153-177, p. 167.

¹⁸⁴ SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: História das Mulheres no Brasil – São Paulo: Contexto, 2018, p 368

citando de que forma o jornal obteve o acesso à correspondência. Transcrevendo aos leitores, apenas um fragmento da suposta carta, trecho que poderia impressionar ao ser divulgado:

Plano de Fuga

Em uma das missivas, Dolores revelava que “se Beatriz, a deixasse, assassiná-la-ia a facadas”. Afirmava também estar inteirada do ódio que lhe devotava o tenente Lobato, que era conhecedor das relações das duas amigas e pedia a Beatriz que o deixasse¹⁸⁵

Desse modo, concebendo a existência da carta citada e seu conteúdo, este último remete à necessidade de considerar, nas produções sobre gênero, análises que rompam com feminilidades ditas hegemônicas, que colocam as mulheres em estigmas de fragilidade, delicadeza e submissão, como se essas características fossem tangíveis a todas as mulheres. O que o jornal tentava apresentar como prova da periculosidade em Dolores, corroborava que sua postura não condizente à ordem, não era simplesmente a representação da mulher degenerada, mas sim que ela estaria sujeita a vivenciar as emoções, fossem de amor ou ódio, possível a qualquer indivíduo, pois, em sua multiplicidade.

Logo, é possível perceber que, no caso de Miguel, considerando sua condição social, a posição de prestígio, sendo ele militar reformado, mesmo a relação sendo extraconjugal, era reconhecida, enobrecida pelo substantivo “amor”. Em contrapartida, a aproximação entre duas mulheres, uma divorciada, condenada pela justiça, envolvida com um homem casado, e a outra solteira, que supostamente se acercava da companhia de outras moças, representava um envolvimento tido como incomum, causador de incômodo diante da autonomia da qual ambas dispunham, e seus deslocamentos entre os perfis de ordem e desordem, entre os segmentos sociais através de suas relações, além da circulação dessas mulheres em diversos ambientes.

Em sequência, a próxima matéria foi divulgada, um dia após o ocorrido, no Rio de Janeiro. Com uma nota sobre o Crime, o *Diário da Noite (RJ)*, Órgão dos Diários Associados, noticiava o assassinato de Beatriz, sem no entanto, citar Dolores, a reportagem descrevia o envolvimento de Beatriz no estrangulamento de Izabel, e discorre sobre ela e Miguel, chamando atenção as características relacionadas a ele. “A criminosa foi abatida a tiros pelo amante – a cena de sangue de domingo na capital paraense”: “Beatriz foi então viver com sua família, passando a sua casa a ser frequentada pelo amante, o qual, dotado em gênio irascível

¹⁸⁵ Jornal Diário da Noite – Órgão dos Associados – Ano XXIII. São Paulo- Quinta-feira, 2 de abril de 1947. Hemeroteca Digital

e de um temperamento impulsivo, estimulado pelo terrível ciúme, passou a ameaça-la de morte”¹⁸⁶

A princípio identifica-se na passagem do texto, a investida em estigmatizar Beatriz por esta ter mantido uma relação com um homem casado, e consentir que ele frequentasse a casa de seus pais. Posto que, seu pai estava ausente, pois encontrava-se hospitalizado na Beneficente, então a casa onde morava Beatriz, residiam sua mãe, irmã e filha. Desse modo, uma casa onde havia mulheres, sem a presença do pai ou marido, frequentada por outro homem, exprimia desconfiança, ou possivelmente desonra.

No que se refere a Miguel, aspectos como “temperamento impulsivo”, “estimulado pelo terrível ciúme” remetiam a priori, a um desequilíbrio, descontrole das emoções, artifícios comumente utilizados por advogados de defesa em julgamentos, onde muito se inocentou criminosos, argumentando que os acusados estivessem tomados de raiva ou ciúme, ocasionados pela paixão. Discurso produzido que pretendia intensificar o controle/poder sobre mulheres, frequentemente utilizados por homens do campo de direito, e consentido por boa parte da sociedade, por meio da propagação nos periódicos.

4.2 Miguel, Beatriz e Dolores: feminilidades lascívia e masculinidade desonrada

Antes de prosseguir com as análises das manchetes nos editoriais, para este tópico é preciso uma breve elucidação sobre a fuga de Miguel. Após ter disparado três tiros contra Beatriz, ele fugiu correndo do local, ludibriando no meio do caminho um guarda conhecido seu, dizendo que alguém havia matado uma mulher e fugido do local, indicando o caminho da rua Ângelo Custódio. Tendo assim facilidade para tomar um carro, saltando à farmácia Sempre Viva, onde tentaria contatar o proprietário Gabriel Hermes Filho. De lá, seu irmão Virgílio teria contratado um carro de praça para apanhá-lo nas proximidades. Assim, enquanto o criminoso fugia, seu irmão tomava providências, recorrendo ao advogado Stelio Maroja para conduzir a defesa.

Miguel então seguiu no automóvel, dispensando posteriormente os serviços do motorista ao chegar à Estrada de Ferro de Bragança, de lá rumou em busca da propriedade de um conhecido, que possivelmente não sabia do ocorrido, pois, Miguel enganara também o caseiro, que o permitiu ficar na residência, achando que seu patrão tinha conhecimento da visita. Somente no dia seguinte iria saber que abrigava um assassino após ler a notícia no

¹⁸⁶ Jornal Diário da Noite – Ano XIX. Rio de Janeiro- Terça-feira, 25 de Março de 1947. Hemeroteca Digital

jornal. Ao passo em que a polícia e alguns repórteres chegaram na propriedade situada na localidade de Cupuaçu, em Benevides, e efetuaram a prisão, enquanto a imprensa prosseguia registrando a captura do assassino de Beatriz.

Doravante, segue a análise das matérias que nos permitem percorrer a complexidade/variabilidade nos perfis de feminilidades e masculinidades. Contudo, serão apresentados discursos que legitimaram a devassidão e perversão voltados à sexualidade feminina, e a honra e integridade garantidas incessantemente ao espectro da masculinidade.

Início com uma reportagem da *Folha Vespertina*, de três dias após o crime, na tiragem das 16 horas, em duas colunas ao canto da página, atualizando seus leitores sobre a fuga de Miguel, sendo encontrado em Benevides, já sem a arma do crime. Entretanto, destaca-se no início do texto, como foi descrita Beatriz na matéria. “Não faz mal; era ela uma desgraçada!”:

Novos detalhes em torno do assassinio da desafortunada Beatriz Afonso Colares, a mulher diabólica e sedutora que, na tarde do dia 24 do corrente, fora vítima do desvario incomensurável de seu amante, o tenente reformado da Força Policial do Estado Miguel Corrêa Lobato¹⁸⁷

O trecho da Folha retrata Beatriz envolta à sedução, isto é, tratava-se de uma mulher muito bonita, adjetivo tão caro às mulheres de outrora, pois, à medida em que deveria manter a melhor das aparências, precisaria ter cuidado com os excessos para que sua imagem não remetesse à perdição. A beleza exigida ao padrão de feminilidade, terá que ser comedida, pois, seu único objetivo era aproximar o pretendente ao casamento, ainda no século XX, a beleza física tendia a ser uma dádiva divina¹⁸⁸, mantendo uma áurea de recato. Todavia, o seu contraponto estava na beleza considerada exorbitante, usada como artifício nos discursos, para justificar a perdição do homem. Configurando mais um recurso em vias de condicionar os corpos, determinar comportamentos, onde então forjavam-se as imagens de pudor e devassidão. Ainda assim, através dos periódicos se tinham acesso aos padrões demasiados sedutores, segundo SANT’ANNA (2012):

Enquanto isso, o cinema divulgava dezenas de exemplos sugestivos de uma beleza fatal e ardente, nem sempre considerada honesta ou moralmente decente

¹⁸⁷ Jornal Folha Vespertina- Edição das 16 Horas. Belém – 27 de Março de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

¹⁸⁸ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Sempre Bela. In: Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012, p. 106

(...) A imprensa feminina traduziu o glamour da mulher fatal em moldes superficiais e ligeiros¹⁸⁹

Dessarte, era cabível usar da representação de Beatriz como mulher sedutora, ao passo que os periódicos usavam do estereótipo em vias de acentuar os limites da sedução, imprimindo o “medo de virar moça falada”¹⁹⁰. Além disso, manipulavam-se as argumentações, mencionando uma beleza exuberante, ou ainda, era pontuado, caso julgassem que a mulher não a possuía, isto é, a aparência da mulher, enquanto aspecto da feminilidade, também estava em constante julgo.

Outrossim, o estigma relacionado à beleza, que só permitiria à mulher ser cândida ou sedutora, prosseguia na *Folha Vespertina*. Agora usando expressões como “mulher fatal”, o texto coloca o homem enquanto vítima de violenta paixão, dessa vez por meio de uma crônica policial, a história foi narrada. “O destino de uma mulher”:

A cidade foi ontem abalada por mais um hediondo crime de morte que agitou todas as camadas sociais. Um homem, como muitos do que existem por esse país afora, desvairado por violenta paixão amorosa que nutria por uma mulher realmente bela, e como todas as belas, fatal, abateu-a a queima roupa, prostrando-a inesperadamente sem vida no solo barrento do quintal da residência de sua amada, após troca rápida de palavras¹⁹¹

A maneira como a história é reproduzida, além dos discursos já analisados, é imperativa em descrever as mulheres destoantes à ordem, como pessoas que já possuíam uma inclinação à comportamentos que conduziriam à desonra e/ou desgraça. Em relação à Beatriz, as matérias jornalísticas se valeram dos estigmas de separada do marido, criminosa, detenta, amante, para então reforçar a ideia de que já carregava “uma essência maldosa e infiel”¹⁹², não obstante a crônica emprega tal perspectiva por meio do discurso de beleza fatal.

Doravante, a próxima reportagem permite observar aspectos como o sensacionalismo – desta vez tendo a imagem de Beatriz como ponto central – a violência ligada à questão psicológica em vias de abrandar a reputação do assassino. Então trazia *A Vanguarda*, a matéria na primeira página, com informações desde o envolvimento de Beatriz com Red

¹⁸⁹ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Sempre Bela. In: Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012, p.111

¹⁹⁰ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Sempre Bela. In: Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012, p. 110

¹⁹¹ Jornal Folha Vespertina- Edição das 16 Horas. Belém – 25 de Março de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

¹⁹² BORELLI, Andrea. Matei por Amor!: As representações do masculino e do feminino nos crimes passionais- São Paulo: Celso Bastos Editor: Instituto Brasileiro de Direito Constitucional, 1999, p. 78

Lucier, até detalhes do cadáver, além de três fotos, sendo a de maior destaque a do corpo da vítima, e ao canto da página, fotos menores, uma de Miguel e outra de Beatriz. Com o título “Assassinada Beatriz Colares”, inicia a matéria sobre ela:

Acaba de ser assassinada Beatriz Colares, a famosa cúmplice de Red Lucier, cujo nome ficou ligado à história dos grandes crimes já cometidos no Pará, com o estrangulamento de Izabel Tejada, Praça da República, e, mais tarde tentativa de estrangulamento de um motorista.

Solta em virtude de Habeas-Corpus

Como é conhecimento do público, Beatriz Colares, bem como Red Lucier, após o julgamento, foi recolhida ao Presídio São José de onde algum tempo depois sob liberdade condicional, fugindo em seguida para o Estado do Maranhã, onde foi novamente presa, vindo para Belém¹⁹³

Identifica-se no fragmento, através dos detalhes da história, a forma como a narrativa é conduzida, a matéria dividida em tópicos como “gênio alterado”, compunham uma estrutura a seduzir o leitor, corroborando que a modernização na imprensa, no início do século XX, implicava também na escrita mais simples, além da inclusão nos editoriais de “seções fixas com notícias sobre bairros, ruas e crimes”¹⁹⁴. A partir disto, é possível reconhecer no caso de Beatriz, o caráter notável atribuído pela imprensa paraense, pois, além de ocupar seções policiais, o caso era exposto em algumas primeiras páginas.

Outrossim, *A Vanguarda* relacionava o nome de Beatriz à história de grande ocorridos do Estado, citando entre eles, o crime de estrangulamento de Izabel Tejada, não obstante, a repercussão do assassinato de Beatriz na capital e em outras cidades do país. Contudo, no que se refere ao impacto de crimes que geraram grande comoção, a imprensa de Belém no ano de 1900 noticiava a morte de Severa Romana, morta a golpes de navalha, estando grávida, ao se recusar ter relações com o soldado Antônio Ferreira dos Santos. Nesse sentido, os periódicos contribuíram para a fabricação da imagem de mulher fiel ao marido, e também a sua própria honra, como mostra LACERDA (2011):

Em 1900, quando do assassinato de Severa Romana em Belém, a imagem da mulher virtuosa preconizada pela mameluca Maria Bárbara seria novamente evocada. Possivelmente, inspirados na leitura do texto de Joaquim Noberto, expressões como “mártir do amor conjugal” como fora chamada Maria Bárbara, ou “preferiu a morte à desonra”, seria uma constante na imprensa local.

¹⁹³ Jornal A Vanguarda- Ano X. Belém- Pará- Segunda-feira, 24 de Março de 1947.

¹⁹⁴ GÓES, José Cristian. Jornalismo e Sensacionalismo- Enquadramento, criminalização da pobreza e implicações éticas no Jornal *Cinform*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Sergipe, 2014, p. 54.

Aproximavam-se assim, a história da morte dessas duas mulheres como forma de reforçar um ideal feminino¹⁹⁵

Desse modo, é possível fazer uma leitura sobre a construção do arquétipo feminino, com base no que foi atribuído as duas personagens. Apesar de tanto Severa Romana quanto Beatriz da Conceição serem mulheres de camadas populares, esta era a única similaridade entre elas. Severa Romana era lavadeira, casada e em sua residência ainda moravam a parteira Joana Gadelha e o cabo Antônio dos Santos, um tipo de organização domiciliar que “por força das circunstâncias de alugueis caros, acabaram por viver em uma mesma casa”¹⁹⁶. Por sua vez, Beatriz (após conseguir liberdade condicional) residia na companhia de sua mãe e a irmã, sem a presença do pai, já que este se encontrava hospitalizado. Mesmo que trabalhando em casa, Severa Romana tinha um ofício, era lavadeira, em contrapartida não há indícios nas fontes pesquisadas de que Beatriz tenha se ocupado de alguma atividade remunerada depois de sair da cadeia. Além disso, quando foi morta, Severa estava grávida, e teria sido assassinada por ter se recusado às investidas de sedução de Antônio dos Santos. Por outro lado, Beatriz também era mãe, e no que se refere a sua morte, esta foi associada à justificativa de legítima defesa da honra, após uma suposta discussão com Miguel.

Dessarte, é perceptível a interferência de seus marcadores sociais na construção das narrativas sobre essas mulheres, fosse uma narrativa honrosa ou de desvalor. Severa Romana era uma mulher casada, seu trabalho a condicionava mais ainda ao ambiente do lar, em sua residência, apesar da presença de outros sujeitos, havia a figura masculina como o provedor. Não obstante, sua morte, envolvia a recusa em se relacionar com outro homem, assim a interpretação sobre a sua conduta foi preconizada como defesa a sua honra e a de seu marido, tonando-se uma personagem de comportamento exemplar, que carregava a memória do perfil de mulher admirável. Sua escolha em relutar diante da violência e os demais aspectos já citados, corroboravam todos os preceitos para o padrão de mulher respeitável e consoante à ordem. Concernente à Beatriz, a imagem construída pelos jornais ressaltava toda uma vida desregrada, mulher que também era mãe, mas separada de seu marido, já não contava com a presença de seu pai, residindo apenas na companhia de outras mulheres. Beatriz não teria vivido restrita ao lar, dada a sua presença em ambientes públicos e o deslocamento por outras cidades, além de sua participação em crimes. Era então, em sua narrativa o espectro oposto ao

¹⁹⁵ LACERDA, Franciane Gama. “Merecedoras das páginas da história”: memórias e representações da vida e da morte femininas (Belém, século XIX e XX). Cadernos Pagu (38), janeiro-junho de 2012, p. 417.

¹⁹⁶ LACERDA, Franciane Gama. “Merecedoras das páginas da história”: memórias e representações da vida e da morte femininas (Belém, Séculos XIX e XX). Cadernos Pagu (38), janeiro-junho de 2012: 395-423, p. 402

de Severa Romana, Beatriz era atrelada a estigmas indesejáveis na sociedade, desquitada, mulher pública, criminosa, e a leitura sobre seus marcadores propagados pelos jornais, implicavam em correção, castigo diante de padrão consoante à desordem, ao qual as mulheres não deveriam sucumbir.

Em seguida, o texto discorre sobre Miguel no tópico denominado “gênio alterado”, em que o caracteriza de maneira a justificar seus comportamentos:

Ao que apurou a nossa reportagem, o tenente Miguel Lobato possuía facilmente alterável demonstrando sempre ciúmes, e chegou mesmo, ao que declararam a família de Beatriz, a ameaçar matá-la.

Há pouco tempo vinha Beatriz andando em companhia de uma amiga Dolores Barros, com o que não concordava o tenente Miguel Lobato, que, por sua vez dissera a Beatriz ser contrário a tais relações de amizade. Beatriz não dava grande importância às palavras de seu amante, continuando a sair com Dolores¹⁹⁷

Apesar do discurso denunciar o proceder de Miguel, este era descrito com a justificativa do ciúme, comumente apontado em julgamentos de crimes passionais, geralmente relacionado à honra masculina¹⁹⁸. Entretanto, era possível perceber Miguel em discordância da ordem, ao passo em que na contramão do ideal preconizado de masculinidade, que fabricava a imagem do homem de “gênio moderado”¹⁹⁹, onde seria identificável aspecto como a racionalidade.

Por conseguinte, a reportagem também d’*A Vanguarda*, possibilitava a perspectiva por meio da qual a imprensa construiu sobre Beatriz, levando em conta tudo o que Miguel teria dito a respeito dela, forjando assim, a imagem do homem que padecia diante de seu envolvimento com a mulher. Com o título “Alucinado pela ofensa atirei várias vezes”:

Conhecer Beatriz Afonso Colares no ano de 1944, quando administrador do Presídio São José onde a mesma se encontrava cumprindo a sentença a que fora condenada como coautora de dois crimes. Nessa época Beatriz costurava para a família do depoente tenente Lobato. No ano seguinte, isto é, em 1945 recebeu um bilhete dela, no qual Beatriz dizia simpatizar com a sua pessoa. Em vista disso o depoente a censurou e admoestou-a, não tomando outras providências em virtude do estado de saúde da presidiária. No mesmo ano, após esse fato, chamou Beatriz o administrador a sua célula [...] no que foi atendida. Em já chegando, a vítima se abraçou com o depoente.

Posta em liberdade

¹⁹⁷ Jornal A Vanguarda – Ano X. Belém- Pará- Segunda-feira, 24 de Março de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

¹⁹⁸ ENGEL, Magali. Paixão, crime e relações de gênero (Rio de Janeiro, 1890-1930). Topoi, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 153-177

¹⁹⁹ BORELLI, Andrea. Matei por Amor!: As representações do masculino e do feminino nos crimes passionais- São Paulo: Celso Bastos Editor: Instituto Brasileiro de Direito Constitucional, 1999, p. 65

Ainda em 1945, o tenente Lobato procurou o advogado Emílio Martins pedindo-lhe que melhorasse a situação de Beatriz [...] ainda em 1945 Beatriz a comunicando-lhe que seria que seria posta em liberdade. Escreveu, então, a vítima um longo bilhete a ele agradecendo-lhe o fez com ela e dizendo que como agradecimento, ainda queria viver com ele²⁰⁰

Prosseguindo ao que teriam sido as palavras do depoimento de Miguel, reforçava-se a versão sobre Beatriz estar constantemente envolvida com alguém além do assassino:

Passou mais ainda, o tenente a desconfiar de sua amante, porque tinha-a visto falar com um cidadão que desconhecia, além de ter encontrado em seu poder uma cédula de 500 cruzeiros, além de uma carta de Dolores na qual falava em um aspirante da F.A.B.²⁰¹

O então discurso que reproduzira as possíveis declarações de Miguel, representa um jogo com as impressões que causariam nos leitores, fossem as palavras de Miguel, ou narrativas jornalísticas, a forma como foi retratada no discurso contribuíra para intensificar uma perspectiva moralmente condenável. Afinal, a destreza em jogar com a moralidade, para persuadir o leitor e a sociedade era nitidamente articulada, pois, no decorrer do texto tratava-se dela, como a mulher que tivera a iniciativa em aproximar-se de um homem, para com ele ter alguma relação, ou obter algum benefício. Além disso, diz-se que com ela, outrora foi encontrada uma quantia em dinheiro e um bilhete que supostamente menciona outro homem. Logo, esse encadeamento de possíveis acontecimentos narrados, legitimariam o amparo ao assassino.

Por conseguinte, a próxima matéria d'*A Província do Pará*, sobressai aos demais jornais já apresentados – especialmente esta reportagem – à medida que, além de exaltar a postura de Miguel, colocando-o como bom trabalhador, concedendo a ele a oportunidade de expressar como se sentia diante da situação em que se encontrava. Não obstante, ainda há um agradecimento de Miguel ao grupo de reportagem da *Província*. Com o detalhamento da fuga, captura e prisão do assassino. O texto exposto em uma página contava com três imagens: a de maior destaque era a de sua captura, uma foto dele na Central de Polícia, e outra em que ele estava na companhia dos repórteres. Com o título “Entregou-se o criminoso á reportagem de A PROVÍNCIA”²⁰².

²⁰⁰ Jornal A Vanguarda – Ano X. Belém- Pará. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

²⁰¹ Jornal A Vanguarda – Ano X. Belém- Pará. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

²⁰²

Abateu-a um seu amante em um momento de alucinação. Foi seu assassino o ex-administrador do Presídio São José, segundo tenente reformado da Força Policial, Miguel Corrêa Lobato, militar que possuía ótima folha de serviço e até bem pouco tempo, exemplar chefe de família, o qual após perpetrar o crime, evadiu-se rumo ignorado, numa fuga espetacular, que causou comoção na cidade²⁰³

A *Província do Pará* inicia a matéria com o crime cometido por Miguel, porém o resguardando com a justificativa de tê-lo praticado no momento de “alucinação”, e segue o texto ressaltando que o criminoso se tratava do tenente, membro da Força Policial, junto a isto, reforça sua atuação no trabalho, além de enfatizar, ser Miguel um bom chefe de família. E desse modo, o jornal já providenciava que o passado de Miguel estivesse evidente enquanto garantia sua defesa. Ao passo que, diante do crime que cometera, no caso de ser levado a julgamento, seus antecedentes morais seriam ponderados, tanto ou mais que o ato criminoso. Haja vista que o valor do trabalho e a autoridade do homem diante de sua família eram premissas que asseguravam a masculinidade²⁰⁴.

Desse modo, após discorrer sobre a busca e prisão do assassino, chama atenção, a importância que o texto atribui ao descrever seu comportamento, além de descrever a preocupação de Miguel perante à sociedade e suas filhas:

Sou desgraçado duas vezes

Em seguida, entre fortes crises de choro, relatou-nos o tenente Lobato, após afirmar que se achava desarmado

- Sou desgraçado duas vezes. Não sei o que fiz. Só recuperei os sentidos a meia noite. Apesar de tudo, amava Beatriz.

Por ela fiz de tudo o que um homem pode fazer por uma mulher. Dava-lhe tudo necessário, chegava a adivinhar-lhe os pensamentos, e dava-lhe as coisas antes de ela me pedir. Nunca tive a intenção de matá-la, e a prova do que digo aí está, tinha vários objetos em sua casa, roupa, relógio, sapato, etc...

Como se deu o crime

Após nova e grande crise de choro, dizendo de sua situação perante a sociedade, e da desgraça que levou a sua família, lamentando principalmente as suas duas filhas, disse-nos ante insistentes perguntas nossas²⁰⁵

²⁰³ Jornal A Província do Pará- Quinta-feira, 27 de Março de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

²⁰⁴ “O homem teria sua função social de provedor viabilizada pelo trabalho, fonte básica de auto-realização, veículo de crescimento pessoal, sendo através do trabalho o reconhecido como homem. Sem o trabalho, o homem não poderia ser considerado como tal”, ver MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de Emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. – Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 69

²⁰⁵ Jornal A Província do Pará- Quinta-feira, 27 de Março de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

Sabe-se que a escrita da matéria, já é em si seletiva, nesse caso, feita por pessoas que conheciam o assassino, e de maneira ora sutil, ora patente, ratificavam sua versão. O texto dava ênfase a supostas crises de choro de Miguel, o que poderia caracterizar arrependimento, além de ter transcrito suas aparentes declarações, que de forma perspicaz teria falado sobre amor por Beatriz, destacando que de tudo a supria. Além disso, o discurso que *A Província* trazia apelava para a consternação da sociedade, à medida em que Miguel teria demonstrado preocupar-se com a perspectiva que poderiam ter dele, usando também da escusa em relação às filhas. Portanto, as aparentes falas do assassino e a forma como era descrita na reportagem emitiam, o que poderia ser a manipulação de sua imagem, de criminoso à vítima, segundo FOUCAULT (1999): “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que as atingiam revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”²⁰⁶

Da mesma forma, a construção da matéria d’*A Província do Pará* passava por aspectos que poderiam representar uma proximidade entre o criminoso e o jornal, mais evidente do que nos demais periódicos, pois, foi para este periódico que Miguel agradeceu a forma como foi tratado, e neste, sua postura é descrita como divergente de certos criminosos:

“Em companhia dos referidos delegados, foi o mesmo conduzido a Central de Polícia, onde mais uma vez o tenente Lobato agradeceu-nos nossos repórteres todo o conflito que lhe dispensamos no caminho, tão bem como o fato de irmos á sua procura sem alardes e nem armas.

Estou muito cansado e sei que ainda vou falar muito ainda

O assassino de Beatriz aquela hora apresentava absoluta calma, falando tranquilamente, sem deixar perceber o cinismo comum a certos criminosos [...]

Ao saber que pertencíamos aos “Diários Associados”, o tenente Miguel Lobato disse-nos:

Fui bem tratado por dois companheiros seus, que foram ao meu encontro e me acompanharam até o momento em que me entreguei às autoridades. Queria pedir-lhe agora um favor se é que ainda mereço favores. Fale com o dr. Osvaldo Moraes, diga-lhe que me procure afim de vêr se alguma cousa ainda se poderá fazer”²⁰⁷

Desse modo, o texto deixa claro que possivelmente Miguel se sentia confortável e amparado, dado seu conhecimento com pessoas influentes, assim também como a forma como foi tratado, além da cordialidade citada por parte dos jornalistas. Entrementes, não se pode inferir a razão pela qual os repórteres d’*A Província*, diferente dos outros editoriais, expressaram cautela e deferência ao lidarem pessoalmente com o criminoso, e ao produzir o texto, ao passo em que era explícita a gratidão de Miguel em relação ao jornal. Contudo, o

²⁰⁶ FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Edições Loyola. 5ª edição: setembro de 1999, p. 10.

²⁰⁷ Jornal A Província do Pará- Quinta-feira, 27 de Março de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

ano em questão, 1947, além de ter sido marcado pelo pleito para governador do Estado (o que garantia pautas diárias nos jornais), foi também o ano de retorno à circulação d'*A Província do Pará*. Compondo o *Diário dos Associados* de Chateaubriand, a partir de então, o jornal contaria em suas páginas com a participação de “intelectuais e políticos” (CARVALHO, 2013, 53). Em suma, era possível então que houvesse um jogo de interesses entre um tenente notável e os jornalistas, e ainda, o periódico de maior duração do Estado tendo em vista a matéria contrapondo aos fatos, aspectos da conduta de Miguel considerados honrosos.

Da mesma forma, a matéria seguinte também d'*A Província*, atribui ênfase à imagem de homem benevolente ao perdoar as traições de Beatriz e garantir as expensas dela. “Findo inquérito policial em torno do assassinio de Beatriz”:

Localizada pela polícia

Foi localizada nessa mesma localidade, pela polícia maranhense que a recambiou para Belém, onde foi recolhida ao Presídio São José. Mas, como estivesse doente novamente, internada no Hospital D. Luiz I, por conta de Lobato, daí voltando para o Presídio, onde Lobato não mantinha relações íntimas. Ao mesmo tempo, Beatriz recebera sempre a visita de Dolores de Barros, mulher de péssimos costumes, que foi impedida de entrar no Presídio, já a pedido da vítima. Várias rugas surgiram entre ambos, nessa época. Soube ainda, o ex-administrador, que Beatriz mantinha relações com 2 detentos, que eram Red Lucier, e um outro de nome Macario. Não obstante, continuava a lhe dar roupas, calçados, alimentos e etc.²⁰⁸

No tópico extraído da reportagem, a sequência dos supostos acontecimentos parece, transcorrer à volta de um eixo, e este seria a validação do afeto que Miguel aparentemente teria por Beatriz. Assim, assumir as despesas dela enquanto esteve no hospital, a dignidade em não ter tido relações enquanto ela esteve presa, conceber que ela tivesse relações com outros homens e ainda assim, provê-la do que precisasse, eram atitudes que fomentariam a resignação sobre Miguel. Portanto, contribuía as manchetes de jornais, e aqui de forma ainda mais explícita *A Província do Pará* para a criação de perfis (ditos passionais) em concordância com a masculinidade, no caso de Miguel, através da imagem de provedor em relação à Beatriz.

Na sequência, a *Folha do Norte* publicava poucas matérias (em comparação aos outros periódicos) sobre o caso, porém eram as suas manchetes quase sempre pomenorizadas e com imagens não identificadas nos textos já analisados. Publicava no dia 25 de março de 1947, uma reportagem, sobre a qual podemos percorrer as feminilidades em Beatriz e em Ana Braga

²⁰⁸ Jornal A Província do Pará. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

Lobato, esposa de Miguel, contando com duas fotos: uma da família de Miguel, esposa e filhos e a outra da mãe de Beatriz. Divulgada com o título “Epílogo de uma vida ruborizada pelas aventuras trágicas do amor”.

Retrospecto da vida de Beatriz Afonso

Beatriz Afonso Colares era filha do sr. Luiz Afonso, e sua esposa, sra. Alexandrina Afonso. Em 1941, conheceu o rapaz Francisco Norton Colares. Enamoraram-se. Ele porém, não tinha vida regular. Por isso, contrapuseram-se à continuação de tal namoro, mesmo porque Beatriz ainda era estudante. Mas a pequena estava obcecada pelo rapaz, e, assim naquele mesmo ano, contraíram núpcias, máu grado a companha desencadeada. Tal matrimônio no entanto, teve destino bastante desagradável, conforme previam os pais de Beatriz. Francisco, antes de completar um ano de casado, resolveu abandoná-la, seguindo para o Rio de Janeiro [...] Beatriz ficou em casa de seus genitores. Dentro de pouco tempo dava a luz [...] garota que tomou o nome de Maria Augusta e hoje conta com 5 anos [...]

Refeita do parto passou a viver vida desregrada. Tornou-se prostituta. Empolgando corações. Era, aliás, algo simpática, bastante educada e atraente, vivendo assim, a vida desnorteada das mulheres livres”²⁰⁹

Ao abordar alguns aspectos da vida de Beatriz, a folha então trazia algumas questões até mencionadas noutros textos, mas não de forma específica. De modo que, a maneira escolhida para tratá-los, ou ainda, os pormenores definidos para serem expostos, causariam impacto enquanto predecessores que colidiam com a honra feminina. Então enfatizando uma moral corrompida e uma representação estigmatizada, a *Folha do Norte* se encarregou de agravar a propagação de sua trajetória, afirmando nela estarem presentes, o abandono do marido e o envolvimento com a prostituição, respectivamente como causa e consequência.

A partir dessas perspectivas, o texto do *Folha do Norte*, permite identificar que ainda na década de 1940 admitia-se que a mulher necessitava de tutela, representada na figura do pai ou marido, ao passo que sem a regência da figura masculina, estaria sujeita a dar maus passos. Desse modo, contava-se no jornal a história da mulher, sem o marido, apenas de uma perspectiva, a do abandono e como uma das possíveis consequências, cairia no meretrício. Corroborando então, em perfil de feminilidade, que sem o comando de um homem, estaria sujeita à condenações morais.

Discorrendo sobre outro espectro de feminilidade, a reportagem descrevia características de Ana Lobato e como ela se encontrava diante do ocorrido:

O tenente Miguel Corrêa é paraense, casado com a sra. Ana Braga Lobato. Dessa união existem 3 filhos [...] Recebidos com muita gentileza, fomos introduzidos

²⁰⁹ Jornal *Folha do Norte* – Jornal da Manhã, Cotidiano e Independente- Belém- Terça-feira, 25 de Março de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

na sala. D. Ana, na intimidade Nicota estava inconsolável. Um véu de tristeza havia descido naquele lar [...] Relatou-nos d. Nicota a vida de seu esposo em casa. Era amigo de todos e tudo fazia pelos filhos [...] De vez enquando, d. Nicota era presa de crises de choro. Demostrava, contudo, calma, toda vez que respondia uma pergunta. Como em casa de Beatriz nos tivessem dito que Lobato já estivera no hospício, procuramos colher a verdade desse fato com sua esposa. Esta entretanto adiantou-nos que ele estivera por duas vezes hospitalizado na Santa Casa: a primeira há muitos anos [...] e a segunda não faz muito tempo, doente dos intestinos [...] Na ocasião encontravam-se presentes os srs. Benedito e Virgílio Corrêa Lobato, irmãos de Miguel²¹⁰

Posto o que teriam sido as declarações de d. Ana ao jornal, o texto destaca tudo o que ela teria descrito sobre seu marido, declarações que seriam tomadas como comprovações de sua postura como bom pai de família, dada a impressão que causaria à sociedade, a versão de sua esposa. Outrossim, ao colocar-se a favor de seu marido, mantendo sua reputação, junto às qualidades que a folha lhe atribuíra (gentileza, calma), o texto expunha o perfil de feminilidade envolta na imagem de boa esposa, mãe, abnegando-se em nome da família.

Sobretudo, a narrativa do jornal colocava aos sus leitores dois espectros de feminilidade, que supostamente eram contrapontos, de modo que na escrita sobre a vida de Beatriz sobressaía o declínio moral da mulher²¹¹, pois sua honra dependia de uma sexualidade inexistente e da presença masculina, ao passo em que, para as normativas de outrora, d. Ana era o perfil de recato, docilidade e anulação em nome do casamento.

4.3 “Sensação no tribunal do juri”: vítima de assassinato x vítima de violenta paixão

A’ hora em que estiver circulando este jornal, o Tribunal do Juri deverá estar julgando o processo crime do homicídio, a que responde o tenente reformado da Força Policial, Miguel Corrêa Lobato

Acusação e Defesa

O tenente Lobato será acusado pelo sr. Edgar Lassance Cunha, o segundo promotor público, e defendido pelos srs. Stelio Maroja e Arnaldo Morais Filho, este último nosso companheiro de trabalho²¹²

Seis meses após o crime que virava manchetes de jornais, divulgado por toda a cidade, a imprensa novamente se ocupava de noticiar, o que seria o desfecho da história. Em setembro

²¹⁰ Jornal Folha do Norte – Jornal da Manhã, Cotidiano e Independente- Belém- Terça-feira, 25 de Março de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

²¹¹ “Assim, o retrato da mulher pública é construído em oposição ao da mulher honesta, casada e boa mãe, laboriosa, fiel e dessexualizada. A prostituta construída pelo discurso médico simboliza a negação dos valores dominantes, “pária da sociedade”, que ameaça subverter a boa ordem do mundo masculino”, ver RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 90.

²¹² Jornal A Vanguarda – Ano X. Belém-Pará- Sexta-feira, 19 de Setembro de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

de 1947 ocorria o julgamento de Miguel, que assim como o dia do crime, em que reunia pessoas em torno da casa de Beatriz, nas dependências do Tribunal não foi diferente. Já que o assassinato de Beatriz Afonso já estava incluído no rol dos maiores crimes de Belém, sua conclusão não apenas despertava interesse dos envolvidos, de homens do campo do direito, de jornalistas e do povo, mas este que talvez fosse o último da trama, muito nos diz sobre a influência de determinadas feminilidades e masculinidades através dos jornais em casos de violência consideradas passionais.

Dessarte, A Vanguarda publicava uma nota no dia seguinte ao julgamento, com a decisão tomada pelo júri, contando também com uma foto, em que mostrava Miguel na cadeira dos réus, e atrás, todos os que assistiam à sessão. A matéria de forma concisa informava que a decisão foi de absolver o assassino, a decisão foi unânime entre os jurados, após as falas da promotoria e da defesa. Contudo, o motivo pelo qual Miguel foi absolvido, sustentado pela defesa, já vinha exposto no início da nota:

MATOU EM LEGÍTIMA DEFESA DA HONRA- Julgado o tenente Miguel Lobato, o Tribunal do Juri encerrou ontem os trabalhos de sua quarta reunião periódica, do corrente ano [...] O veredicto pronunciado pelo juiz Silvio Pélico, absolveu o acusado, por considerarem os jurados, que agiu em legítima defesa, tendo havido unanimidade na decisão²¹³

Ainda que a decisão tenha sido publicada em uma pequena nota, foi dado destaque em “Matou em legítima defesa da honra”²¹⁴, possivelmente para evidenciar que a justiça foi feita em favor daquele perfil de masculinidade, ao qual julgava-se merecedor de tal benefício. Miguel era casado, pai de três filhos, com nome conhecido e reconhecido no meio em que atuava, como tenente reformado, tinha contato com homens notáveis na sociedade, entre a política, o direito e o jornalismo. Mesmo que ele tenha auxiliado o livramento de uma detenta e com ela tenha se envolvido, era muito mais oportuno salvaguardar sua reputação, ou ao menos recuperá-la, ao passo em que para autoridades do direito, ele matara, mas o fizera por ser uma vítima da emoção. E, entre a vítima de um assassinato e àquele que consideravam

²¹³ Jornal A Vanguarda – Ano X. Belém-Pará- Sexta-feira, 20 de Setembro de 1947. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

²¹⁴ “O artigo 24 do Código diz que “não exclue a responsabilidade penal a emoção ou a paixão”, mas na exposição é explicado que a comissão revisora “não deixou de transigir, até certo ponto, cautelosamente, com o passionalismo”, e além de incluir a “violenta paixão...” entre as circunstâncias atenuantes, fez do homicídio passional, dadas certas circunstâncias, uma espécie de *delictum expectum*, para o efeito de facultativa redução da pena”, ver CORRÊA, Maria. Morte em Família- Representações Jurídicas de Papéis Sexuais. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983, p. 106

vítima da paixão, este último estava amparado por sua condição social, as relações que mantinha e sua imagem personificando a masculinidade hegemônica.

Portanto, verifica-se nos artifícios utilizados para legitimar o crime cometido por Miguel, aspectos que não apenas corroborassem um perfil masculino hegemônico, o de homem trabalhador, mas também em vias de confirmar uma boa reputação, foi levado em conta o fato do criminoso ser conhecido de pessoas possivelmente influentes. Ou seja, assim como Mariza Corrêa descreve em seu livro *Morte em Família: Representações Jurídicas de Papéis Sexuais*, aspectos da vida social e doméstica dos envolvidos em crimes em crimes passionais, se confirmados teriam grande contribuição na decisão judicial:

Com relação aos crimes de mortes entre casais, os advogados acreditam, como os promotores e juízes, que a maioria deles é cometido, no caso do homem, pela “infidelidade da esposa” [...] E afirmam que o importante é o comportamento social e doméstico do acusado ou da acusada. Se se conseguem testemunhas de que, no caso do homem, ele era trabalhador, nunca teve problemas com a polícia, não deixava faltar nada em casa e tratava bem a esposa e filhos, é consenso que este homem já tem muito a seu favor. Se, ainda mais, é confrontado com uma situação onde sua mulher, esposa ou não, é o oposto dele, é uma mulher de vida “irregular ou que teve algum deslize” (significando quase sempre uma mulher não fiel ao companheiro, mas também às vezes uma mulher portadora de virtudes não esperadas em seu sexo: dada ao uso de bebidas, trajando-se “indecorosamente”, não cuidando da casa, etc.) então esse homem tem todas as chances a seu favor. Nesse sentido, eles dizem que os jurados julgam o homem e a situação (“não se julga o crime”)²¹⁵

Em síntese, foi admissível identificar a imprensa²¹⁶ como um meio de grande contribuição para expor à sociedade os padrões de feminilidade e masculinidade que deveriam ser mantidos, e aqueles que deveriam ser corrigidos. Desse modo, a forma como as narrativas eram compostas, muitas vezes como as matérias, os textos que abordavam o feminino e masculino, vinham nas primeiras páginas dos jornais, destacando a notoriedade aos discursos, além disso, as imagens escolhidas para fazer parte das matérias, possivelmente também eram selecionadas de maneira a reforçar aquilo que os textos narravam sobre os perfis de homens e mulheres. E, nesse sentido, os periódicos, enquanto fontes documentais, permitiram percorrer as trajetórias dos indivíduos por meio de seus marcadores. Sendo possível ter uma compreensão da conjuntura social que concebia os perfis dos sujeitos exemplares e os indesejáveis.

²¹⁵ CORRÊA, Maria. *Morte em Família- Representações Jurídicas de Papéis Sexuais*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983, p

²¹⁶ “Esses perfis ideais eram manipulados pela imprensa e apresentavam uma construção muito similar as notícias sobre os crimes passionais, pois, procuravam chocar o leitor e oferecer um discurso pedagógico sobre as relações entre homens e mulheres”, ver BORELLI, Andrea. *Matei por Amor!: As representações do masculino e do feminino nos crimes passionais- São Paulo: Celso Bastos Editor: Instituto Brasileiro de Direito Constitucional, 1999, p.166*

Contudo, ainda que o objetivo deste trabalho tenha sido atingido, ela não se esgota. As fontes, jornais, folhetos de cordel, certidões, nos apresentaram os sujeitos em diferentes espaços, condições, mas o estudo sobre feminilidade e masculinidade (como aqui pontuado) não se encerra a “moça de família” ou “mulher pública” e nem no “homem honrado” ou “criminoso”, apesar desses espectros terem aparecido com frequência, foi possível perceber que os envolvidos na trama, tinham suas próprias performances, para além de uma identidade singular de mulher e homem²¹⁷

²¹⁷ “A noção binária de masculinidade e feminilidade constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam equívoca a noção singular de identidade”, ver BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 14ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 22

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho realizado buscou-se o estudo das imposições sobre feminilidade e masculinidade através da imprensa periódica de Belém, percorrendo para tal a trajetória de Beatriz Colares, tendo em vista as circunstâncias em que o estado, a imprensa e o poder judiciário usavam de seus mecanismos para manter o controle e a ordem social, padronizando e/ou regulando comportamentos toleráveis e indesejáveis. Desse modo, usando de marcadores sociais como sexo, estado conjugal, profissão, enquanto fixos, igualmente construía-se perfis que reduziam os sujeitos à ordem ou desordem.

A emergência detectada a partir da trajetória de Beatriz é de uma história em que a mulher seja ressaltada em suas esferas de atuação, assim como a leitura sobre os sujeitos deve atender para as normativas sociais, aquelas que definiam condutas, regulavam comportamentos e corpos, e por quais meios eram difundidas. Isto posto, através da história apresentada foi possível verificar a força e o apelo social com que os periódicos contavam e se mantinham, à medida em que a publicação de grande parte das sobre os crimes (aqui descritos) chegava aos leitores com textos de cunho moral, juízos de valor, compondo narrativas de caráter persuasivo. Contudo, foi na pesquisa desses jornais que se tornou possível a compreensão dos indivíduos, além dos papéis de assassino e vítima, as relações envolvidas aos personagens do crime, à política e à imprensa da época.

Ao passo em que, as posições sociais possibilitaram ao culpado a imagem de vítima e à vítima coube o destino que ela mesma teria buscado, haja vista que os marcadores sociais de Beatriz (mulher, desquitada, amante, presidiária) eram usados nos jornais para reforçar o estigma da mulher não condizente à ordem, mas que permitiram perceber nelas e nos demais envolvidos, a pluralidade de feminilidades e de masculinidades.

No caso aqui analisado, ficou evidente a necessidade em construir a história da mulher simultânea à história do homem, mas que sobretudo, não a reduza enquanto agente receptor de ordens e de subjugação. É urgente que os estudos que se proponham a considerar a mulher como sujeito central de sua análise, considerem sua multiplicidade, compreendendo as correspondências e as disparidades entre seus pares. Isto é, para toda e qualquer análise nesta vertente, deve-se ter em mente a existência de marcadores sociais que faziam com que apenas uma parcela fosse considerada mulher e, desse modo eliminar a universalidade que outrora foi atribuída ao termo. A análise, então, precisa estar pautada na pluralidade e, dentro do contexto e recorte temporal determinados, constatar os princípios que regiam a sociedade, à medida em

que perfis (de feminilidade e masculinidade) eram determinados. Não obstante, perceber que a idealização de padrões, à instituições como o Estado, denotavam o que era adequado e o que era indesejável, ou seja, perfis dentro e fora da ordem/controle, mas sobretudo não consentir os sujeitos limitados a uma perspectiva reducionista de certo e errado, e sim percebê-los em suas particularidades, considerando suas relações interpessoais e seu trânsito em diferentes papéis sociais.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In: Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ALMEIDA, Tunai Rehm Costa de. Achsenmächte, Potenze dell' Asse, Sujikukoku na Amazônia: imagens, narrativas e representações da Quinta Coluna no Pará (1939-1945). 2015.
- BARRETO, Maria do Perpétuo Socorro Leite. Patriarcalismo e Feminismo: uma perspectiva histórica. *Revista Ártemis*, vol. 1, dez. 2004.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BESSE, Susan K. Crimes Passionais: A campanha contra os assassinatos de Mulheres no Brasil: 1910-1940. *In: Ver. Bras. De Hist.* São Paulo, v.9 n° 18, pp. 181-197, ago.\set.89.
- BORELLI, Andrea. **Matei por Amor!**: as representações do masculino e do feminino nos crimes passionais. São Paulo: Instituto Brasileiro de Direito Constitucional, 1999.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CAMPOS, Ipojucan Dias. Divórcio e prostituição em Belém no final do século XIX (1890/1900): a tentativa de uma analogia. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 23.-2003, João Pessoa. *Anais* [...]. João Pessoa: ANPUH, 2003.
- CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e família em uma capital amazônica**: (Belém 1870-1920). Belém: Açaí, 2011.
- CARVALHO, Vanessa Brasil de. **A ciência na imprensa paraense em 130 anos**: um estudo de três grandes jornais diários. 2013. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013. 173 f.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 3ª ed. Campinas, SP: Unicamp, 2012.
- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: UNESP, 2014.
- CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. **História, cultura e música em Belém**: décadas de 1920 a 1940. 2010. Tese. (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 2010.
- CORRÊA, Maria. **Morte em família**: representações jurídicas de papéis sexuais. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (org). **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2013.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades de pesquisa: uma hermenêutica das diferenças. **Estudos Feministas**, n. 2/94.

DORLIN, Elsa. Do uso epistemológico e político das categorias “sexo” e “raça” nos estudos de gênero. **Revista Periódicus**, n. 5, v. 1, p. 254-277, maio/out., 2016.

ENGEL, Magali. Paixão, crime e relações de gênero (Rio de Janeiro, 1890-1930). **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, nº 1, p. 153-177.

ESTEVES, Martha. Abreu. **Meninas perdidas**: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FAUSTO, Boris. Crime e cotidiano em São Paulo (1880-1924). 2. ed., 1 reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados**: pajelança, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia; a constituição de um campo de estudo: 1870-1950. 1996. Dissertação. (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

FONTES, Edilza. **O pão nosso de cada dia: trabalhadores e indústria da panificação e a legislação trabalhista em Belém (1940-1954)**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

GASQUE, Maria Aparecida de Souza. O crime de sedução na literatura jurídica. **Revista EthosJus**, 2005.

GÓES, José Cristian. **Jornalismo e sensacionalismo**: enquadramento, criminalização da pobreza e implicações éticas no Jornal *Cinform*. 2014. Dissertação. (Mestrado) - Universidade Federal de Sergipe, 2014.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000.

IZECKSOHN, Vitor. Quando era perigoso ser homem. Recrutamento compulsório, condição masculina e classificação social no Brasil. In: **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2013.

JÚNIOR, José E. S. Dias. **Entre cabarés e gafeiras**: um estudo das representações boemias na periferia de Belém do Pará (1960-1980). 2013. Tese. (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2013.

LACERDA, Franciane Gama. “Merecedoras das páginas da história”: memórias e representações da vida e da morte femininas (Belém, século XIX e XX). **Cadernos Pagu**. v. 38, jan./jun. 2012.

LAGE, Lana; NADER, Maria Beatriz. Da legitimação à condenação social. In: **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

LEVI, Giovanni. Sobre micro-história. In: **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2011.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3. ed.. São Paulo: Contexto, 2018.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. July 1, 2017. Silo. Tipos.

MARTINS, Simone. A mulher junto às criminologias: de degenerada à vítima, sempre sob controle sociopenal. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21 – n. 1, p. 111-124. jan./abr. 2009.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

MATOS, Maria Izilda Santos de; FARIA, Fernando A. **Melodia e sintonia em Lupicínio Rodrigues: o feminino, o masculino e suas relações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco- a masculinidade. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 34, p. 45-63, 2001, Editora da UFPR.

MENDES, Lucas Trazzi de Arruda. O crime popular: publicidade literária e regeneração na Primeira República. *Antíteses*, v. 6, n. 12, p. 526-550, jul./dez. 2013.

MISKOLCI, Richard. **O desejo de nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX**. São Paulo: Annablume, 2013. (Coleção Queer).

MUNIZ, Diva de Couto Gontijo. Gênero, poder e o código penal de 1940: as construções de “crise moral”, “mulher moderna” e “virgindade moral”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: ANPUH, 2005.

NETO, Geraldo Magela de Menezes. **Por uma história do livro e da literatura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922-1949)**. 2012. Dissertação. (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

NETO, Geraldo Magella de Menezes; CORRÊA, Victor Lima. “Povo sem honra, covardes, brutais e cruéis”: Representações dos japoneses no jornal paraense ‘Folha Vespertina’ (1942-1945). In: *Vários Orientes*. Rio de Janeiro/União da Vitória; Edições Sobre Ontens/ LAPHIS, 2017.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **A homossexualidade feminina na história do Brasil**: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. Repositório Institucional. Universidade Federal do Ceará, 2015.

PANTOJA, Flaviana Moraes. Das recatadas d' A Palavra às modernas da Folha do Norte: mulheres nas páginas dos jornais paraenses (1940-1945). 2018. Dissertação. (Mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018.

PROST, Antonie. **Doze lições sobre história**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

RAGO, Luiza Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890- 1930 - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991,

RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. *In*: PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **História das Mulheres no Brasil** . 10. ed., 6ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2018.

ROMERO, Mariza. **Inúteis e perigosos**: o “diário da noite” e a representação das classes populares – São Paulo 1950-1960. 2008. Tese. (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Sempre Bela. *In*: **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTIAGO, Paulo Rodrigo Magalhães. Uma análise das estratégias políticas e discursivas de dois jornais na eleição paraense de 1947. *In*: Simpósio Nacional de História, 31., 2001, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANPUH, 2001.

SANTOS, Elaine Maria Geraldo dos. **A face criminosa**: o neolombrosianismo no Recife da década de 30. 2008. Dissertação. (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama. A cidade e a floresta: urbanização e trabalho no Pará (finais do século XIX e início do século XX). *In*: **Os oitocentos na Amazônia: política, trabalho e cultura**. Belém: Açaí, 2013.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; SIQUEIRRA, Thaís Christina Coelho. Fotojornalismo na Imprensa de Belém: 1900-1950. **Brasilian Journalism Research**, volume II, Número 2, 2015.

SCHRITZMEYER, Ana Lúcia Pastore. **Sortilégio de saberes**: curandeiros e juizes nos tribunais brasileiros (1900-1990). São Paulo: IBCCRIM, 2004.

SCOTT, Ana Silvia. “O caleidoscópio dos arranjos familiares”. *In*: **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo. Contexto, 2012.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano. In: **História das Mulheres no Brasil**. 10. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

SOIHET, Rachel. O corpo feminino como lugar de violência. Proj. História, São Paulo (25), dez. 2002.

SILVA, Angelina Raquel Pina. **O jornal a Manhã, Oliveira Vianna e a Alemanha Nacional Socialista**. 2016. Dissertação. (Mestrado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei; MACIEL, Henrique Silva. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

VIEIRA, Elis Regina Corrêa. **Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917-1924)**. 2016. Dissertação. (Mestrado em História Social da Amazônia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

APENDICE A – LISTA DE FONTES

Jornais

- Folha Vespertina
- A Vanguarda
- Folha do Norte
- Folha Vespertina
- A Província do Pará
- O Estado do Pará

Obras Raras - Biblioteca Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.

- Folha do Norte
- O Liberal

Obras Raras (microfilmes) - Biblioteca Arthur Vianna. Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

Jornais

- A Noite (RJ)
- A Manhã (RJ)
- O Estado de Florianópolis (SC)
- Gazeta de Notícias (RJ)
- Diário da Noite (RJ)
- Diário da Noite (SP)
- Hemeroteca Digital Brasileira

Folhetos de Cordel

- “O Crime da Praça da República”
- Acervo Vicente Salles – Museu da UFPA.

Processos

- Registro de Casamento de Beatriz
 - Pedido de Livramento Condicional no sentenciado Raimundo Lucier Marques Leal
- Centro de Memória da Amazônia.

ANEXO A – DOSSIÊ DOS ACONTECIMENTOS DE 1942 E OUTRAS MATÉRIAS RELACIONADAS



Imagem 1: Matéria “O crime da Praça da República”. In: Folha Vespertina. Belém, 13 de novembro de 1942. Biblioteca Arthur Vianna – Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.



Imagem 2: Matéria “O corpo de Isabel Tejada Y Perez vai ser novamente exumado”. In: Folha Vespertina. Belém, 16 de novembro de 1942. Biblioteca Arthur Vianna – Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.



Imagem 3: Matéria “Desvendado o mistério da casa nº 6 da Praça da República”. In: Folha Vespertina, Belém edição das 11 horas, 21 de dezembro de 1942. Biblioteca Pública Arthur Vianna – Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.



Imagem 4: Continuação da matéria “Desvendado o mistério da casa nº 6 da Praça da República”. In: Folha Vespertina, Belém edição das 11 horas, 21 de dezembro de 1942. Biblioteca Pública Arthur Vianna – Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.



Imagem 5: Matéria “O assassinato da Praça da República”. In: Folha Vespertina, Belém edição das 16 horas, 26 de dezembro de 1942. Biblioteca Pública Arthur Vianna – Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.



Imagem 6: Capa do folheto “O crime da Praça República” In: BELÉM, Arinos. O crime da Praça da República. Belém: Guajarina, s/d. Acervo Vicente Salles – Museu da UFPA.

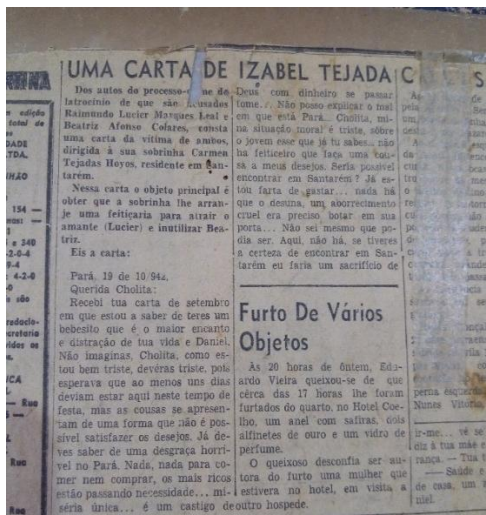


Imagem 8: Transcrição da Carta de Izabel Tejada. In: Folha Vespertina. Belém, 10 de outubro de 1942. Biblioteca Arthur Vianna – Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.



Imagem 14: Matéria “As atividades do casal de estranguladores”. In: A Vanguarda. Belém, 22 de - dezembro de 1942. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves



Imagem 15: Matéria “A prisão preventiva do casal de estranguladores”. In: A Vanguarda. Belém, 23 de - dezembro de 1942. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves



Imagem 16: Matéria “Iniciou-se hoje o sumário de culpa dos réos Red e Beatriz”. In: A Vanguarda. Belém. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

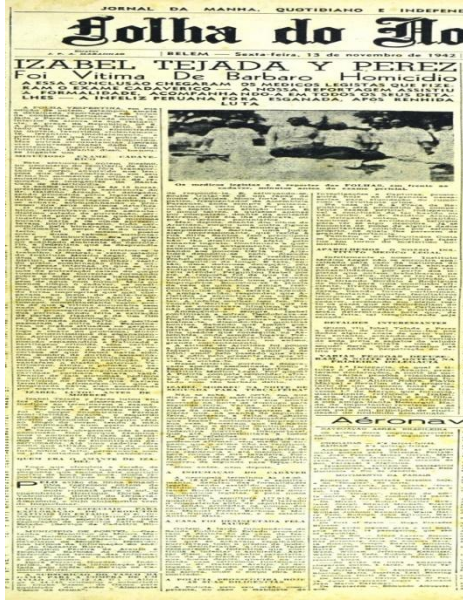


Imagem 17: Matéria “Izabel Tejada e Perez foi vítima de bárbaro homicídio”. In: Folha do Norte. Belém, 13 de novembro de 1942. Seção de jornais microfilmados. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves



Imagem 18: Matéria “Para a cadeia Red Lucier e Beatriz Afonso”. In: Folha do Norte. Belém. Seção de jornais microfilmados. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves



Imagem 19: Matéria “O dedo de Deus a vigiar os homens”. In: Folha do Norte. Seção de jornais microfilmados. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves



Imagem 20: Matéria “O mistério da casa seis da Praça da República”. In: Folha do Norte. Belém, 15 de novembro de 1942. Seção de jornais microfilmados. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves



Imagem 21: Matéria "Teria sido o autor do "crime do elevador". In: A Noite. Rio de Janeiro, 19 de abril de 1943. Hemeroteca Digital Brasileira.



Imagem 22: Matéria "Confessou-se autor de dois crimes no Rio". In: A Noite. Rio de Janeiro, 27 de abril de 1943. Hemeroteca Digital Brasileira.



Imagem 23: Matéria "Depois de matarem a mulher, tentaram estrangular o motorista". In: A Noite. Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1943. Hemeroteca Digital Brasileira.



Imagem 24: Matéria “Notícias do Brasil Pará: Julgamento de dois estranguladores”. In: A Manhã. Rio de Janeiro, 28 de março de 1945. Hemeroteca Digital Brasileira.



Imagem 25: Matéria “Condenados a 30 anos de prisão”. In: O Estado - O Mais antigo diário de Santa Catarina. Florianópolis, 16 de outubro de 1943. Hemeroteca Digital Brasileira

ANEXO B – DOSSIÊ DOS ACONTECIMENTOS DE 1947



Imagem 1: Matéria “Entrincheirado na estrada o assassino de Beatriz”. In: A Vanguarda. Belém, 25 de março de 1947. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.



Imagem 2: Matéria “Uma mulher marcada pelo destino”. In: O Estado do Pará. Belém, 25 de março de 1947. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves



Imagem 3: Matéria “Mulher marcada pelo destino”. In: Folha Vespertina. Belém, 27 de março de 1947. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves



Imagem 4: Matéria “Fatal Epílogo de uma vida aventureira e trágica”. In: Folha Vespertina. Belém, 24 de março de 1947. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves



Imagem 5: Matéria “Não faz mal; ela era uma desgraçada” In: Folha Vespertina. Belém, 27 de março de 1947. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves



Imagem 6: Matéria “Alucinado pela ofensa atirei várias vezes” In: A Vanguarda. Belém, 27 de março de 1947. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves



Imagem 7 Matéria “Entregou-se o criminoso a reportagem de A PROVÍNCIA” In: A Província do Pará. Belém, 26 de março de 1947. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

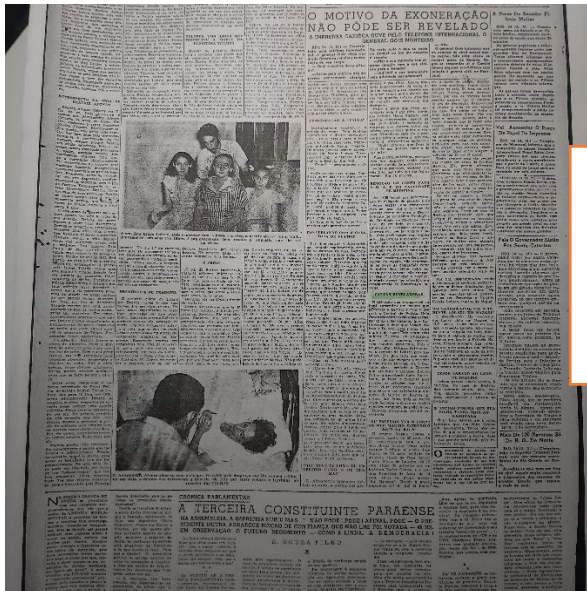


Imagem 8 Matéria “Epílogo de uma vida ruborizada pelas aventuras trágicas do amor” In: Folha do Norte Belém, 25 de março de 1947. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

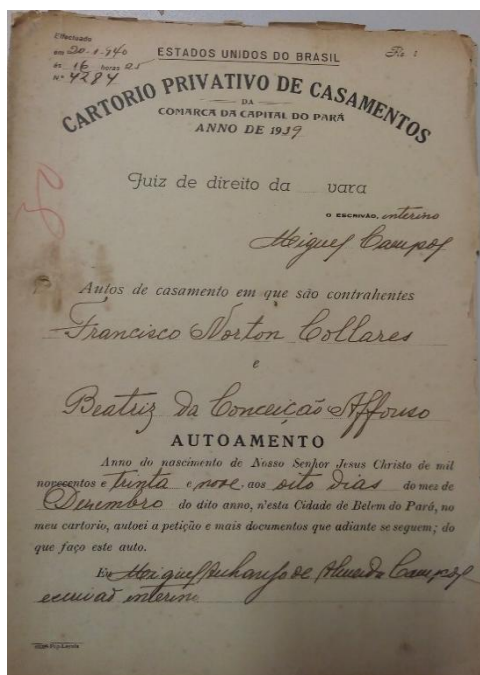


Imagem 9 Matéria “Sensação no Tribunal do Juri” In: A Vanguarda. Belém, 19 de setembro de 1947. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

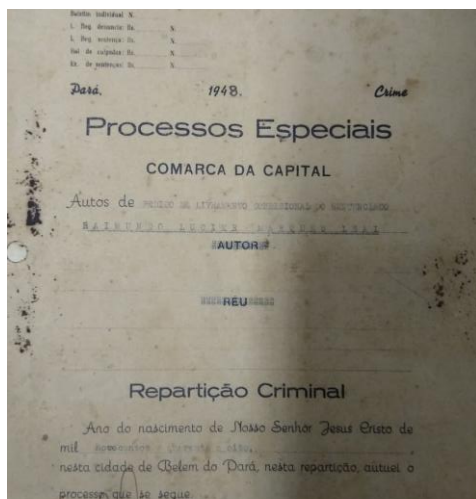


Imagem 10 Matéria “Matou em legítima defesa da honra” In: A Vanguarda. Belém, 20 de setembro de 1947. Biblioteca Arthur Vianna Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves

ANEXO C – DOCUMENTOS OFICIAIS



Registro de Casamento de Beatriz – Centro de Memória da Amazônia. Arquivo da Universidade Federal do Pará.



Autos de Pedido de Livramento Condicional no sentenciado Raimundo Lucier Marques Leal. 6ª Vara Penal. Centro de Memória da Amazônia. Arquivo da Universidade Federal do Pará.